

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome



PROJOVEM Adolescente

Caderno do Orientador Social – Ciclo I
Percurso Socioeducativo I

Criação do Coletivo

Luiz Inácio Lula da Silva

Presidente da República

José Alencar Gomes da Silva

Vice-Presidente da República

Patrus Ananias de Sousa

Ministro de Estado do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Arlete Avelar Sampaio

Secretária Executiva

Rosilene Cristina Rocha

Secretária Executiva-Adjunta

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome



PROJOVEM Adolescente

CADERNO DO ORIENTADOR SOCIAL – CICLO I PERCURSO SOCIOEDUCATIVO I

“Criação do Coletivo”

1ª Edição

Brasília
2009

Expediente:

Esta é uma publicação técnica da Secretaria Nacional de Assistência Social.

Secretaria Nacional de Assistência Social – Respondendo: Rosilene Cristina Rocha

Diretora do Departamento de Gestão do SUAS: Simone Aparecida Albuquerque

Diretora do Departamento de Proteção Social Especial: Valéria Maria Massarani Gonelli

Diretora do Departamento de Benefícios Assistenciais: Maria José de Freitas

Diretor-Executivo do Fundo Nacional de Assistência Social: Fernando Antônio Brandão

Diretora do Departamento de Proteção Social Básica: Aidê Cançado Almeida

Coordenadora-Geral de Regulação das Ações de Proteção Social Básica: Mariana López Matias

Assessor Técnico do Departamento de Proteção Social Básica: Alexandre Valle dos Reis

Colaborador: Jeison Pábulo Andrade.

Consultoria:

Claudio Ribeiro Huguet (Saúde);

Elisa Dias Becker Reifschneider (Direitos Humanos e Socioassistenciais);

Fabiano Antônio dos Santos (Esporte e Lazer);

Fábio Deboni da Silva (Meio Ambiente);

Felipe Sobczynski Gonçalves (Esporte e Lazer);

Fernanda Severo (Cultura);

Mercedes Manchado Cywinski (Política Pública para Juventude);

Renata Gerard Bondim (Políticas Públicas de Qualificação Social e Profissional para o Trabalho Juvenil) e

Renata Junqueira Ayres Villas Boas (Projeto e Prática Comunitária).

Tiragem: 30.000 exemplares

Projeto Gráfico: Grafix Dourado & Souza Ltda CNPJ: 02.341.721/0001-90

Impressão: Gráfica Brasil

Coordenação da Publicação: Departamento de Proteção Social Básica

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

Secretaria Nacional de Assistência Social

Esplanada dos Ministérios, Bloco C, 6º andar, sala 641

CEP: 70.054-900 –Brasília – DF

Telefone 0800 707 2003

<http://www.mds.gov.br>

Caderno do Orientador Social : Ciclo I : Percurso Socioeducativo I : “Criação do Coletivo” / Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. – 1. ed. – Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009. 132 p. (Projovem Adolescente : Serviço Socioeducativo)

ISBN 978-85-60700-20-2

ISBN 978-85-60700-23-3

1. Juventude. 2. Assistência Social. 3. Políticas Públicas. 4. Serviço socio-educativo. 5. Participação cidadã. 6. Formação Técnica Geral para o trabalho. 7. Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM. I. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. II. Título.

Apresentação

O tema da juventude ocupa um lugar de destaque na Agenda Social do Governo Federal, cujos objetivos gerais são a redução da pobreza e da desigualdade, a erradicação da fome e a promoção da autonomia e da inclusão social das famílias brasileiras em situação de vulnerabilidade.

Com igual ênfase política e de maneira complementar ao Plano de Aceleração do Crescimento – PAC, a Agenda Social enuncia prioridades e organiza as ações que vêm demonstrando, na prática, ser possível promover o crescimento econômico aliado ao desenvolvimento social.

No processo de construção da Agenda Social, sob a coordenação da Secretaria-Geral da Presidência da República, os Ministérios do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, do Trabalho e Emprego – MTE, da Educação – MEC, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos – SEDH e a Secretaria Nacional de Juventude – SNJ constituíram um Grupo de Trabalho com a tarefa de discutir a integração de programas governamentais voltados aos jovens – Agente Jovem de Desenvolvimento Social e Humano, Saberes da Terra, Projovem, Consórcio Social da Juventude, Juventude Cidadã e Escola de Fábrica. O objetivo foi elaborar uma estratégia que articulasse intersetorialmente as políticas públicas e os respectivos programas, conferindo-lhes escala, otimizando ações e potencializando resultados.

Como resultado dessa iniciativa, optou-se pela reformulação do Programa Nacional de Inclusão de Jovens – Projovem, criado em 2005, ampliando sua faixa etária para o público de 15 a 29 anos e criando quatro modalidades: Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo, Projovem Urbano, Projovem Trabalhador e Projovem Campo – Saberes da Terra. O novo Projovem foi lançado em setembro de 2007 pelo Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, e posteriormente regulamentado pela Lei nº 11.629, de 10 de junho de 2008.

A intersetorialidade na concepção e implantação do Projovem vai além da sua gestão compartilhada e busca alcançar a efetiva integração de programas e ações promovidos por cada um dos ministérios parceiros. Sua lógica visa assegurar um atendimento integral e contínuo aos jovens dos 15 aos 29 anos de idade, oferecendo-lhes a possibilidade de participação nas diversas modalidades do Programa.

O Projovem Adolescente, coordenado pelo MDS, é voltado para jovens de 15 a 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família e jovens vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial, como o Programa de Combate à Violência e à Exploração Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ou ainda jovens sob medidas de proteção ou socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Como forma de promover e garantir a intersetorialidade na modalidade Projovem Adolescente foi constituído um comitê, sob a coordenação do MDS, com representantes dos ministérios e secretarias parceiros, a saber: Ministérios da Cultura, do Esporte, da Saúde, do Meio Ambiente, do Trabalho, da Educação, Secretaria Especial de Direitos Humanos, Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e Secretaria Nacional de Juventude.

Um importante avanço na concepção da política de proteção e promoção social para os jovens e suas famílias é o aprofundamento da integração entre as transferências de renda e os serviços socioassistenciais. A alteração dos critérios de concessão dos benefícios variáveis do Programa Bolsa Família, estendidos às famílias com jovens de 16 e 17 anos que frequentam a escola, foi articulada à modalidade Projovem Adolescente, como parte de uma acertada estratégia de promover a integração das políticas sociais voltadas à juventude, público mais exposto à violência e ao desemprego.

O Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo configura-se, assim, como mais um passo importante na consolidação da rede de proteção e promoção social que estamos construindo de forma republicana e pactuada no Brasil. Ele é mais um componente do processo de construção do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, implementado com a atuação solidária do Governo Federal, de Estados, de Municípios e do Distrito Federal.

Desde a criação do MDS, em janeiro de 2004, temos trabalhado vigorosamente pelo fortalecimento e institucionalização das políticas de proteção e promoção social, promovendo a estruturação de uma rede articulada de políticas de Assistência Social, de Segurança Alimentar e Nutricional e de Renda de Cidadania. Estamos ainda ampliando e integrando as ações de geração de oportunidades para a inclusão produtiva voltada às famílias em situação de pobreza e vulnerabilidade social.

Nosso compromisso é consolidar essas políticas no campo das políticas públicas de garantia de direitos de cidadania, regulamentadas com padrões de qualidade, critérios republicanos de alocação de recursos, transparência e controle social.

No Projovem Adolescente, esse compromisso está expresso neste conjunto de publicações. Aqui são apresentados os fundamentos, a concepção, os referenciais e princípios metodológicos estruturantes e norteadores das ações integrantes do Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo.

Mais do que superar a fome e a miséria – estabelecendo um patamar mínimo obrigatório de dignidade humana – é necessário garantir a todos as oportunidades para desenvolverem plenamente suas potencialidades e capacidades e, assim, viverem de forma digna e autônoma. Esse é o propósito que une as pessoas de bem, comprometidas com a justiça social, que tratam as políticas sociais de forma republicana e suprapartidária, como uma responsabilidade do poder público com a melhoria da qualidade de vida de nossos cidadãos, principalmente daqueles historicamente alijados do processo de desenvolvimento do País. O investimento que estamos fazendo hoje em nossa juventude seguramente trará frutos não apenas para seus beneficiários diretos, mas para toda a nação brasileira.

Patrus Ananias de Sousa

Ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome

O Projovem Adolescente na Política Nacional de Assistência Social – PNAS

O Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo integra a Política Nacional de Assistência Social, política pública de proteção social de caráter universalizante, que se materializa por meio do Sistema Único de Assistência Social – SUAS, composto por uma rede articulada e orgânica de serviços, programas, projetos e benefícios socioassistenciais.

A política de assistência social, desenvolvida no âmbito da seguridade social, juntamente com a saúde e a previdência social, organiza-se em proteção social básica (que visa a prevenção de situações de risco por meio do desenvolvimento de potencialidades e aquisições em várias dimensões e do fortalecimento de vínculos familiares e comunitários) e em proteção social especial (que visa a proteção a indivíduos e famílias em situação de risco pessoal e social, em decorrência de abandono, maus-tratos, exploração sexual, envolvimento com atos infracionais, trabalho infantil, entre outras). A intervenção de cada forma de proteção, ou de ambas, depende das necessidades dos contextos de prevenção ou da ocorrência de riscos e da complexidade dos danos sociais e do comprometimento do direito à vida e à sobrevivência que envolva indivíduos, famílias ou grupos sociais.

Na Política Nacional de Assistência Social (PNAS/2004), a concepção de proteção social amplia o campo da assistência social pelo significado preventivo incluído na ideia de proteção. “Estar protegido significa ter forças próprias ou de terceiros, que impeçam que alguma agressão / precarização / privação venha a ocorrer, deteriorando uma dada condição.” (SPOSATI, 2007, p. 17).

A PNAS, nessa perspectiva, organiza sua rede socioassistencial não mais em função de públicos, mas de seguranças que respondam às necessidades e assegurem direito, dentre os quais:

(a) **segurança de renda**, cujo objetivo é garantir que todo cidadão brasileiro, independentemente de ter vínculos ou não com trabalho, tenha acesso à provisão material necessária para suprimento de suas necessidades básicas, por meio do acesso aos benefícios socioassistenciais e a outras formas de transferência de renda. A segurança de renda também se materializa por meio da realização de projetos de enfrentamento à pobreza;

(b) **segurança de acolhida**, que visa garantir o direito das pessoas ao atendimento, por profissional qualificado, para obter informações sobre direitos e como acessá-los. Em casos de abandono, fragilização ou perda de vínculos familiares ou em situações que impeçam a convivência e a permanência na família, os serviços de acolhida operam na atenção às necessidades humanas de abrigo, reforço (ou construção) de vínculos familiares, proteção à vida, alimentação e vestuário;

(c) **segurança do convívio**, que tem por foco a garantia do direito constitucional à convivência familiar e à proteção à família, com vistas ao enfrentamento de situações de isolamento social, enfraquecimento ou rompimento de vínculos familiares e comunitários, situações discriminatórias e estigmatizantes, por meio de ações centradas no fortalecimento da autoestima, dos laços de solidariedade e dos sentimentos de pertença e coletividade. Alguns autores¹ se referem às relações de convivência como uma rede de apoios de sociabilidades, capaz de oferecer um ambiente educativo e emocionalmente seguro às pessoas em sua convivência social.

O Projovem Adolescente articula um conjunto de ações dos dois âmbitos da proteção social – básica e especial – e busca desenvolver seguranças sociais de acolhida, convívio familiar e comunitário. Destina-se a jovens de famílias em condi-

ções de extrema pobreza e àqueles marcados por vivências resultantes de diferentes circunstâncias de riscos e vulnerabilidades sociais – retirados de situações de trabalho infantil, abuso e exploração sexual, violência doméstica, abandono, negligência e maus-tratos – e alguns em situação de conflito com a lei, cumprindo medidas socioeducativas em meio aberto ou egressos de medida de internação – Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

De forma preventiva e potencializadora do papel de referência e contrarreferência do Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, o Projovem Adolescente visa contribuir para fortalecer as condições de autonomia das famílias e dos jovens, para que possam gerir seu processo de segurança social.

O Projovem Adolescente, como serviço socioeducativo, apoia-se em dois importantes pilares do SUAS:

1) **matricialidade sociofamiliar**: que considera a capacidade protetiva e socializadora da família (seja ela biológica ou construída) em relação aos jovens em seus processos peculiares de desenvolvimento, assim como leva em conta a necessidade de que as políticas públicas compreendam a família como portadora de direitos e de proteção do Estado, bem como assegurem o seu papel de responsável pelo desenvolvimento dos jovens e garantam o exercício pleno de suas funções sociais;

2) **territorialização**: o serviço deve ser ofertado próximo à moradia dos jovens e suas famílias, no território de abrangência do CRAS. Define-se aí um universo cultural e histórico e um conjunto de relações e interrelações a serem considerados, bem como situações a serem objeto da ação articulada das diversas políticas públicas.

Outro fato a destacar é a **intersetorialidade** dos serviços socioassistenciais que diz respeito à:

a) oferta tanto do Serviço Socioeducativo do Projovem Adolescente, como de outras políticas públicas básicas (Saúde, Educação, Meio Ambiente, Assistência Social, Trabalho, Esporte e Lazer, Cultura, Direitos Humanos e Segurança Alimentar);

b) socialização e democratização do acesso a esses serviços e benefícios; e

c) articulação e funcionamento intersetorial dos serviços, como condições para sua universalidade de acesso e de ampliação dos direitos de cidadania das pessoas.

O conjunto de necessidades decorrentes da pobreza e dos processos de exclusão social e vulnerabilidades sociais, aliado às necessidades peculiares do desenvolvimento dos jovens em seu ciclo de vida, exigem ações que vão além da transferência de renda e bens materiais. Trata-se de associar serviços e benefícios que permitam a prevenção de riscos e contribuam para o reforço da autoestima dos jovens, o desenvolvimento de sua autonomia e capacidade de sobrevivência futura, bem como para a ampliação de seu acesso e usufruto à cultura e aos bens sociais.

As ações de proteção social que viabilizam um conjunto de bens sociais, serviços e benefícios não-materiais situam-se no arco dos serviços socioeducativos que se constituem no caráter principal do Projovem Adolescente e estarão refletidas no Traçado Metodológico.

O Serviço Socioeducativo do Projovem Adolescente integra-se a outras estratégias de ação voltadas para as famílias, tais como o Programa Bolsa Família – PBF e o Serviço de Proteção e Atenção Integral à Família – PAIF, implementados no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, e aos programas e serviços de proteção social especial executados pelo Centro de Referência Especializado de Assistência Social – CREAS, voltados aos jovens, às famílias e

à comunidade. Essa integração se dá de forma complementar e não substitutiva, de modo a proporcionar alternativas emancipatórias para o enfrentamento da vulnerabilidade social decorrente das condições de pobreza e de desigualdades sociais, as quais afligem milhares de famílias nas diversas regiões do Brasil.

Decerto os problemas sociais estão arraigados profundamente na vida dos homens e mulheres desse país. São problemas complexos e de difícil solução. Atuar em escala e preventivamente junto à juventude, abrindo-lhe oportunidades de desenvolvimento humano, inserção social e participação cidadã, como propõe o Projovem Adolescente, é um passo importante que se dá rumo à sociedade que almejamos construir.

Secretaria Nacional de Assistência Social

Sumário

1. Objetivos, estrutura e funcionamento do Projovem Adolescente serviço socioeducativo	16
2. Concepção e metodologia das ações socioeducativas.....	18
3. Percurso Socioeducativo I “Criação Do Coletivo”	21
3.1. Objetivos	21
3.2. Temas integradores: juventude e cultura e juventude e esporte e lazer	22
4. Conteúdos, atividades e dinâmicas do Percurso Socioeducativo I:.....	23
4.1. Juventude e direitos humanos e socioassistenciais	26
4.2. Juventude e cultura	34
4.3. Juventude e esporte e lazer.....	48
4.3.1. Dinâmicas integrando os temas juventude e cultura e juventude e esporte e lazer	59
4.4. Juventude e meio ambiente.....	64
4.5. Juventude e saúde	68
4.6. Juventude e trabalho	76
5. Bibliografia.....	119
6. Anexo.....	125

Introdução

Este Caderno do Orientador Social – Ciclo I – **Percurso Socioeducativo I – “Criação do Coletivo”** é parte integrante do conjunto das publicações elaboradas pelo MDS com o intuito de proporcionar, às equipes profissionais e aos gestores responsáveis pelo Projovem Adolescente em todo o País, as bases conceituais e os subsídios teóricos e práticos necessários à estruturação e desenvolvimento de um serviço socioeducativo de qualidade, voltado aos jovens de 15 a 17 anos, no âmbito da proteção social básica do SUAS. Integram este material de orientação os seguintes volumes:

1. Adolescências, Juventudes e Socioeducativo: Concepções e Fundamentos;
2. Traçado Metodológico;
3. **Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo I – “Criação do Coletivo”;**
4. Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo II – “Consolidação do Coletivo”;
5. Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo III – “Coletivo Pesquisador”;
6. Caderno do Orientador Social – Ciclo I – Percurso Socioeducativo IV – “Coletivo Questionador”;
7. Caderno do Orientador Social – Ciclo II – Percurso Socioeducativo V – “Coletivo Articulador-Realizador” – Participação Cidadã;
8. Caderno do Facilitador da FTG – Ciclo II – Percurso Socioeducativo V – “Coletivo Articulador-Realizador: Formação Técnica Geral”.

O caderno “Adolescências, Juventudes e Socioeducativo: Concepções e Fundamentos” apresenta as noções de juventudes e adolescências nas quais se baseia o Projovem Adolescente, além de um breve histórico sobre as políticas públicas voltadas para assegurar os direitos sociais desses segmentos e, por fim, desenvolve a noção de “socioeducativo”, visto como direito à assistência social que potencializa a convivência familiar e comunitária.

Tais fundamentos fornecem as bases conceituais para a estruturação do “Traçado Metodológico – Ciclo I e Ciclo II” que apresenta diretrizes metodológicas, princípios e uma proposta de estruturação e desenvolvimento de ações socioeducativas com os jovens em cada território referenciado pelo cras, considerando:

- Eixos estruturantes e temas transversais para o trabalho socioeducativo;
- Dimensões metodológicas e princípios orientadores;
- Planejamento, avaliação e sistematização das ações socioeducativas;
- Papel do orientador social e do facilitador de oficinas;
- Instrumentos de acompanhamento e registro;
- Conquistas e aquisições esperadas como resultado das ações socioeducativas;
- Síntese do Ciclo I;
- Síntese do Ciclo II.

A partir do Traçado Metodológico, foram elaborados os volumes dos Cadernos do Orientador Social relativos aos quatro Percursos Socioeducativos que integram o Ciclo I e ao Percurso Socioeducativo V, que constitui o Ciclo II do Projovem Adolescente. Esses cadernos apresentam objetivos e programação detalhada das ações socioeducativas com conteúdos e atividades teóricas e práticas que envolvem seis temas transversais:

- Juventude e Direitos Humanos e Socioassistenciais;
- Juventude e Cultura;
- Juventude e Esporte e Lazer;
- Juventude e Meio Ambiente;
- Juventude e Saúde;
- Juventude e Trabalho.

Os temas transversais são as grandes linhas de conteúdo do Projovem Adolescente. Tal como trabalhados nos percursos socioeducativos, por meio de tópicos cuidadosamente selecionados por sua relação com a juventude e relevância para o processo de formação do jovem, oferecem um importante arcabouço referencial para as equipes que irão desenvolver o Projovem Adolescente, que podem e devem criar a partir deste material, adequando as sugestões de conteúdos e ações às suas realidades locais e regionais. Desta forma, espera-se que os profissionais aportem contribuições próprias que enriqueçam o trabalho com os jovens, preservando e valorizando a essência da proposta socioeducativa aqui apresentada.

É importante ressaltar que todos os conteúdos apresentados nas publicações do Projovem Adolescente foram construídos em parceria com os Ministérios da Cultura, do Esporte, da Saúde, do Meio Ambiente, do Trabalho e Emprego, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e da Secretaria Nacional de Juventude, sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Mais do que um esforço disciplinar e temático, o grande desafio desta equipe interministerial, juntamente com a equipe de consultores constituída pelo MDS para a elaboração deste material – e que se expressa no texto de cada um dos volumes – foi o esforço de explorar as inter-relações entre os diversos temas, num enfoque intencionalmente interdisciplinar. Além disso, o trabalho articulado teve sempre o intuito da integração das políticas públicas conduzidas por estes Ministérios e Secretarias, na perspectiva de contribuir ao desenvolvimento integral e pleno dos jovens do nosso país.

A fim de tornar possível a articulação dos temas e a convergência das ações socioeducativas, o trabalho foi realizado sob o prisma ordenador de três eixos estruturantes, descritos mais adiante, na seção que trata da estrutura do Projovem Adolescente. Enquanto nos percursos I a IV do Ciclo I o eixo da “Convivência Social” fornece a liga para os temas transversais, no Ciclo II do serviço socioeducativo, uma vez consolidados os resultados relativos à convivência social, a ênfase se desloca para os eixos da “Participação Cidadã” e do “Mundo do Trabalho”. Por esta razão, o Percurso Socioeducativo V – “Coletivo Articulador-Realizador” é apresentado em dois volumes, cada um deles dedicado a um destes eixos estruturantes. Mais uma vez, o desafio foi evitar obras estanques e produzir dois textos articulados entre si. Assim, buscou-se oferecer os nexos entre os dois eixos estruturantes e, de fato, os produtos coletivos integradores de cada um dos módulos da Formação Técnica Geral (FTG) para o Mundo do Trabalho são instrumentais passíveis de apropriação pelos coletivos, no encadeamento das ações de participação cidadã.

Acrescente-se que o volume I do Caderno do Orientador Social – Ciclo II – Curso Socioeducativo V – “Coletivo Articulador-Realizador” aprofunda algumas questões sobre os temas transversais trabalhados no decorrer do Ciclo I, bem como apresenta algumas experiências exitosas desenvolvidas com ou por jovens, em várias partes do Brasil, cujo conhecimento e estudo podem contribuir para a definição de rumos das ações socioeducativas, quanto à formação dos jovens para o mundo do trabalho e para sua participação cidadã, enfrentando os desafios da realidade à sua volta. Dentre as intenções para a inclusão desses relatos de experiências reais e concretas, há uma mensagem implícita dirigida às equipes que executam o Projovem Adolescente em todo o Brasil: não se trata de utopia, é possível!

Por fim, oferece-se em todas as publicações² uma bibliografia com referências dos textos utilizados e de outros títulos que podem ser úteis ao aprofundamento de conhecimentos, análises e informações.

A leitura atenta desses materiais, pelos gestores estaduais e municipais de assistência social, pelos técnicos e coordenadores dos CRAS e pelos profissionais que atuarão diretamente com os jovens – Orientador Social, Facilitadores de Oficinas de Convívio por meio do Esporte e Lazer e da Arte e Cultura, e Facilitador da Formação Técnica Geral para o Mundo do Trabalho – é de fundamental importância, no sentido de conferir unidade conceitual e metodológica ao Serviço Socioeducativo ofertado em todo o País, com vistas a que os objetivos do Projovem Adolescente sejam alcançados em todos os municípios e no Distrito Federal.

1. OBJETIVOS, ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO DO PROJOVEM ADOLESCENTE SERVIÇO SOCIOEDUCATIVO

O Projovem Adolescente é um serviço socioeducativo de Proteção Social Básica, inserido na Política de Assistência Social (PNAS) e no Sistema Único de Assistência Social (SUAS), vinculado ao Centro de Referência e Assistência Social – CRAS. Sua principal diretriz é complementar a proteção social à família, a partir do apoio direto aos jovens de 15 a 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família, vinculados ou egressos de programas e serviços de Proteção Social Especial, ou sob medidas de proteção ou socioeducativas do Estatuto da Criança e do Adolescente, exceto em cumprimento de medida de internação.

O Projovem Adolescente oferece um espaço de convivência social voltada ao desenvolvimento de potencialidades dos jovens e aquisições para atuação crítica e proativa no seu meio social e no mundo do trabalho. Orienta-se para o incentivo ao retorno e à permanência do jovem na escola, o fortalecimento de seus vínculos familiares e comunitários, a ampliação do acesso às políticas públicas, o fortalecimento de sua autonomia e o estímulo ao seu protagonismo social.

O serviço está organizado em dois ciclos – Ciclo I e Ciclo II –, que desenvolvem ações socioeducativas com Coletivos de Jovens (grupos de 25 jovens), sob a responsabilidade de um Orientador Social e de um ou mais Facilitador(es) de Oficinas, com o acompanhamento e a supervisão de profissional de nível superior do CRAS.

a) O Ciclo I tem por objetivo tornar o Coletivo de Jovens um espaço de referência formativa e de convívio afetivo, lúdico e solidário para os jovens, que gera oportunidades para o desenvolvimento de criatividade e instiga novos interesses. As ações socioeducativas devem:

- propiciar novos conhecimentos sobre cultura, direitos humanos e socioassistenciais, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho;
- valorizar a ação e a reflexão sobre valores éticos, estéticos e a cidadania;
- promover vivências coletivas, no território e na cidade, capazes de sensibilizar e mobilizar o interesse comum dos jovens para o desenvolvimento de ações de interesse social no Ciclo II.

O Ciclo I está organizado em quatro Percursos Socioeducativos que traçam o caminho a ser percorrido pelos Coletivos no primeiro ano do Projovem Adolescente, ordenando as ações socioeducativas e orientando o trabalho dos profissionais que atuarão junto aos jovens:

- **Percurso Socioeducativo I: “Criação do Coletivo”**
- Percurso Socioeducativo II: “Consolidação do Coletivo”
- Percurso Socioeducativo III: “Coletivo Pesquisador”
- Percurso Socioeducativo IV: “Coletivo Questionador”

A duração do Ciclo I e a de cada um dos quatro Percursos Socioeducativos que o compõem deve ajustar-se ao ritmo e às características específicas de cada Coletivo, em sintonia com a dinâmica do contexto local em que se insere. O Ciclo I efetivamente termina quando o Coletivo de jovens, com base nas ações socioeducativas realizadas até o final do Percorso Socioeducativo IV, for capaz de caracterizar motivações e interesses comuns, formular e concluir por desafios presentes na realidade social que vão pautar a atuação social dos jovens no território desde o início do Ciclo II.

A respeito da organização dos tempos, para fins de ordenamento do trabalho da equipe de profissionais responsável pelo Projovem Adolescente, estima-se a duração aproximada de um ano para a conclusão do Ciclo I, com cerca de três meses para o desenvolvimento de cada um dos quatro Percursos Socioeducativos previstos. O ritmo de desenvolvimento dos percursos socioeducativos deve ser constantemente avaliado, com flexibilidade, considerando-se que o Coletivo pode necessitar de um período maior ou menor de estudos e vivências, internas e externas, para alcançar o amadurecimento requerido ao final do Ciclo I, para o início do Ciclo II. É importante, no entanto, observar rigorosamente, durante os dois ciclos do Projovem Adolescente, a carga horária semanal de 12h30m, de forma a assegurar a continuidade e sistemática de participação dos jovens no serviço.

b) O Ciclo II tem por objetivo consolidar o Coletivo de Jovens como espaço de referência formativa que aprofunda a orientação e a formação para o mundo do trabalho e para a participação cidadã. Promove a apropriação de tecnologias de comunicação e instrumental de planejamento participativo, convergindo para o desenvolvimento pelos jovens de projetos coletivos de interesse social que representem experiências práticas de exercício da cidadania. O Ciclo II está organizado em apenas um percurso socioeducativo e propõe um conjunto de ações voltadas à articulação de conhecimentos, recursos materiais e humanos que proporcionem a consolidação das aquisições promovidas pelo Projovem Adolescente no primeiro ano de trabalho conjunto e a ampliação da capacidade de realização pelos jovens de suas potencialidades: Percorso Socioeducativo V – Coletivo Articulador-Realizador.

Dessa forma, as ações socioeducativas do Ciclo II do Projovem Adolescente desenvolvem-se num novo patamar, prevendo-se o planejamento e a implementação de ações sociais no território, protagonizadas pelos jovens, a partir da elaboração de um Plano de Atuação Social (PLA) e da execução de projetos coletivos de interesse social que o concretizam. Por outro lado, investe-se, agora de forma concentrada, na Formação Técnica Geral (FTG) dos jovens, visando à inserção futura no mundo do trabalho, o que abrange o exercício de diversas capacidades transversais, concomitantemente ao desenvolvimento de habilidades de comunicação oral e escrita – enfatizando a inclusão digital – e ao desenvolvimento individual de um Projeto de Orientação Profissional (POP).

2. CONCEPÇÃO E METODOLOGIA DAS AÇÕES SOCIOEDUCATIVAS

A concepção e as diretrizes metodológicas das ações socioeducativas do Projovem Adolescente foram construídas a partir dos três eixos estruturantes que visam ao desenvolvimento integral dos jovens nas diversas dimensões de sua vida como indivíduo, como cidadão e como futuro profissional, e buscam orientar suas vivências na família, na escola, na comunidade e na sociedade. Os eixos estruturantes aos quais nos referimos são:

EIXOS ESTRUTURANTES



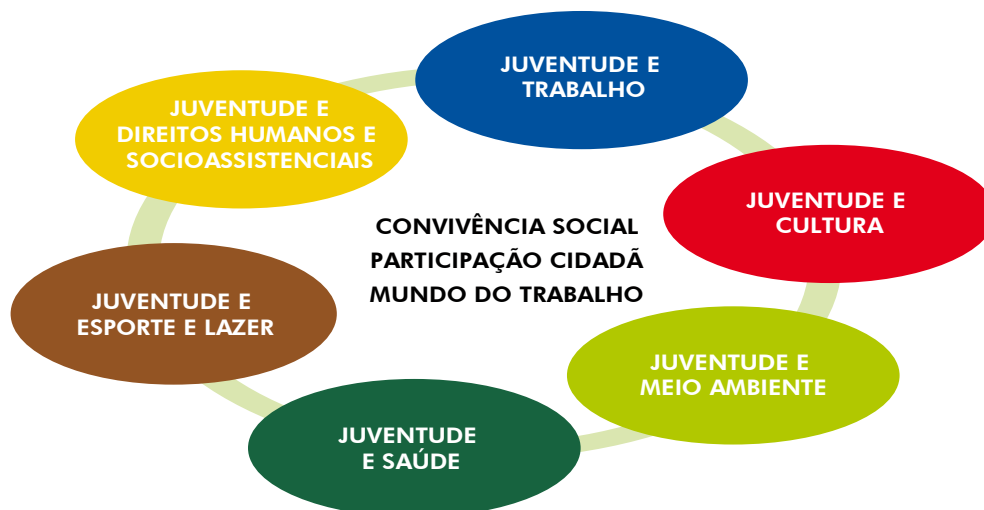
A Convivência Social – valorização da pluralidade e da singularidade da condição juvenil, das formas particulares de socialidade e sociabilidade dos jovens e da criação de vínculos e interação com os seus pares, a família, a escola, o mundo do trabalho e a comunidade;

A Participação Cidadã – sensibilização para os desafios da realidade socioeconômica, cultural, ambiental e política de seu meio social; reconhecimento de direitos; estímulo às práticas associativas e a todas as formas de expressão, aos posicionamentos e visões de mundo no espaço público;

O Mundo do Trabalho – introdução aos conhecimentos, técnicas e práticas sobre o mundo do trabalho; desenvolvimento de habilidades gerais e capacidades transversais; orientação para a escolha profissional consciente e com visão crítica; inclusão digital e nas tecnologias de comunicação, associando o trabalho à realização pessoal e à transformação da realidade.

Esses três eixos estruturantes articulam e integram seis temas transversais, seus conteúdos e atividades teóricas e práticas, com base nos quais são desenvolvidas as ações socioeducativas.

TEMAS TRANSVERSAIS



É a articulação entre os eixos estruturantes e os temas transversais que propicia aos jovens a construção de uma visão integrada dos conhecimentos de cultura, direitos humanos e socioassistenciais, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho. Em cada Percurso Socioeducativo, os temas transversais desenvolvem conteúdos teóricos e atividades práticas, orientando e apoiando a realização das ações socioeducativas a serem propostas pelo Orientador Social em seu trabalho com os jovens.

Os temas transversais, articulados entre si e integrados pelos eixos estruturantes, seguiram as diretrizes concebidas no Traçado Metodológico, fundamentadas em dimensões metodológicas e princípios orientadores, visando tanto ao desenvolvimento das ações socioeducativas, quanto ao trabalho a ser realizado com os jovens pelo Orientador Social e demais profissionais.

DIMENSÕES METODOLÓGICAS



Partir dessas dimensões metodológicas³ para o desenvolvimento das ações socioeducativas e para o relacionamento com os jovens significa:

- valorizar o aprendizado mútuo, a troca de ideias e de experiências e estimular o desenvolvimento de postura crítica a partir da reflexão sobre o cotidiano e suas vivências (dimensões dialógica e reflexiva);
- ampliar a capacidade de analisar, comparar, refletir e de acessar informações e conhecimentos, bem como de reproduzir e criar novos saberes (dimensão cognitiva);
- investir no desenvolvimento de relacionamentos interpessoais, na construção de interesses comuns e na criação de vínculos afetivos (dimensão afetiva);
- exercitar a tolerância, a cooperação, a solidariedade, o respeito às diferenças e a cidadania (dimensão ética);
- desenvolver sensibilidades para a percepção do outro em suas diferenças e na diversidade de suas expressões artísticas, culturais, étnicas, religiosas, de condições físicas e de orientação sexual (dimensão estética); e
- valorizar o jogo, a brincadeira e a alegria no jeito de ser jovem, para seu desenvolvimento integral e sua emancipação (dimensão lúdica).

Para assegurar essas dimensões metodológicas na implementação das ações socioeducativas e para que, de fato, contribuam para o desenvolvimento dos jovens, o seguinte conjunto de princípios deve orientar o relacionamento profissionais do Serviço Socioeducativo com os mesmos:

- a criação de espaços socioeducativos pautados pela liberdade de expressão e por práticas democráticas;
- a corresponsabilidade e a participação dos jovens no planejamento, na execução, na avaliação e sistematização das ações socioeducativas;
- a valorização do saber e da vivência dos jovens como o ponto de partida das ações socioeducativas;
- a construção coletiva de conhecimentos, tornando os jovens sujeitos ativos de sua formação;
- a articulação entre os projetos pessoais e coletivos, entre o privado e o público, o local e o global, o particular e o geral como condições de ampliar e qualificar as experiências individuais e coletivas;
- a estímulo ao protagonismo e autonomia dos jovens;
- a reflexão crítica e permanente sobre os preconceitos e discriminações em relação às questões de gênero, etnia, culturas, religiões, condições sociais e econômicas, preferências sexuais, condições físicas, mentais e cognitivas.

3. PERCURSO SOCIOEDUCATIVO I

“CRIAÇÃO DO COLETIVO”

Criando vínculos, participando e conhecendo o caminho

Neste primeiro Percurso, o desafio do Orientador Social é conquistar o jovem para uma participação criativa, comprometida e transformadora no Projovem Adolescente Serviço Socioeducativo.

3.1. OBJETIVOS

São objetivos das ações socioeducativas no Percurso Socioeducativo I:

1. Acolher os jovens, criar os vínculos com o Orientador Social e promover o reconhecimento de identidades e identificações com vistas ao desenvolvimento do sentido de pertencimento ao Coletivo;
2. Mobilizar, motivar e cativar os jovens para a participação e para o comprometimento nas atividades socioeducativas propostas para o Ciclo I;
3. Contextualizar o Serviço Socioeducativo no Projovem Adolescente, articulando-o com as ações e serviços de assistência social desenvolvidos nos Centros de Referência e Assistência Social – CRAS, que referenciam o serviço;
4. Apresentar aos jovens um panorama geral do Ciclo I e identificar suas expectativas e interesses quanto ao serviço;
5. Planejar com os jovens a programação de ações socioeducativas que serão desenvolvidas neste Percurso Socioeducativo;
6. Construir democraticamente com os jovens, princípios e regras de funcionamento do Coletivo;
7. Possibilitar a apropriação de informações sobre os programas e serviços atinentes às políticas públicas, nas áreas de cultura, direitos humanos e socioassistenciais, esporte e lazer, saúde, meio ambiente, trabalho e educação, que são desenvolvidos nos bairros e nas regiões de moradia dos jovens e facilitar o acesso a esses serviços;
8. Introduzir os temas transversais nos Encontros, enfatizando o reconhecimento das redes de socialidade, de sociabilidade e convivência que se constroem por meio da cultura, do esporte, do lazer, da assistência social, do meio ambiente e do trabalho;
9. Implementar nas Oficinas as expressões artísticas e culturais (música, grafite, desenho, entre outros) e as práticas esportivas e corporais vivenciadas pelos jovens, promovendo o contato e o uso das ofertas de esporte, lazer e cultura existentes no território, no município e na região;
10. Refletir com os jovens sobre as relações com a escola e mapear um conjunto de questões sobre este tema, para serem aprofundadas ao longo do Ciclo I; e

11. Discutir com os jovens sobre as relações entre juventude e família, visando mapear questões sobre este tema e organizar espaços e ações de interação jovens/família/comunidade ao longo do desenvolvimento do Ciclo I.

3.2. TEMAS INTEGRADORES: JUVENTUDE E CULTURA E JUVENTUDE E ESPORTE E LAZER

Neste primeiro Percurso Socioeducativo, que dá início ao processo de constituição do Coletivo de jovens, Juventude e Cultura e Juventude e Esporte e Lazer são os temas integradores das ações socioeducativas desenvolvidas a partir de cada um dos temas transversais, como estratégia para atrair, envolver e comprometer os adolescentes jovens com a participação no Serviço Socioeducativo. São privilegiadas atividades que desenvolvam a dimensão lúdica como estímulo ao espírito de liberdade, à alegria de viver, ao desenvolvimento integral das potencialidades humanas, valorizando o jogo e a brincadeira no jeito de ser jovem e favorecendo a livre expansão das individualidades, de suas dimensões intelectuais, afetivas, estéticas e físicas.

As áreas de cultura e de esporte e lazer imprimem a ênfase na diversidade cultural e na ludicidade do jogo e da brincadeira, ordenando e articulando interdisciplinarmente os demais temas transversais, seus conteúdos e atividades, para o desenvolvimento integrado das ações socioeducativas.

4. CONTEÚDOS, ATIVIDADES E DINÂMICAS DO PERCURSO SOCIOEDUCATIVO I:

TEMAS TRANSVERSAIS

Apresenta-se a seguir quadro com o detalhamento do conjunto de temas transversais deste Percurso Socioeducativo, destacando-se os tópicos que compõem cada um deles e seus respectivos objetivos. Este quadro oferece uma síntese do desenvolvimento dos conteúdos propostos para cultura, esporte e lazer, direitos humanos e socioassistenciais, meio ambiente, saúde e trabalho para todo o Percurso Socioeducativo I.

Quadro 1: Síntese dos tópicos e objetivos dos temas transversais no Percorso Socioeducativo I

Temas Transversais: Tópicos e Objetivos					
Temas Integradores		Juventude e Direitos Humanos e assistenciais (JDHS)	Juventude e Meio Ambiente (JMA)	Juventude e Saúde (JS)	Juventude e Trabalho (JT)
Juventude e Cultura (JC)	Juventude e Esporte e Lazer (JEL)				
1. Trabalhar com a cultura Promover a reflexão sobre a cultura como dimensão fundamental na nossa formação individual e na trajetória da humanidade, estimulando as vivências coletivas para que os jovens compreendam o que é cultura e aceitem a diferença como possibilidade para andarem juntos.	1. O que é cultura corporal? Mostrar ao jovem o significado da cultura corporal, apresentando a importância do trabalho, como princípio determinante na constituição da atividade humana e desenvolvendo a percepção da cultura corporal como parte da cultura geral, produzida pela atividade criadora do ser humano.	1. Quem somos nós? Orientar a apresentação dos jovens a partir de uma lógica que relaciona o pessoal e o coletivo, o imediato e o histórico, a família e a sociedade, o local e o nacional e valoriza as identidades étnicas e regionais.	1. Meio ambiente é igual à preservação da natureza? Identificar diferentes visões sobre o tema “meio ambiente”, estimulando um olhar crítico dos jovens e provocando-os a perceberem como o tema está presente no seu cotidiano.	1. Adolescência, território, condicionantes e determinantes da Saúde Elaborar com os jovens um instrumento para caracterização e acompanhamento, ao longo do Ciclo I, das vulnerabilidades sociais do território em que vivem que têm impacto nas condições de vida e de saúde.	1. Trabalho como arte e como técnica a) Refletir sobre o fazer artístico e cultural como atividade humana que trata de capacidade criativa, trabalho intelectual e da indissociabilidade entre o fazer e o resultado concreto; b) entender a necessidade das técnicas e sua importância no mundo do trabalho; c) desenvolver visão crítica sobre o mundo trabalho a partir dos seus anseios e suas experiências, bem como o conhecimento de noções iniciais sobre o mundo do trabalho.
2. O que é cultura? Desvelar o quanto a cultura faz parte da nossa vida e a diferença que faz ter consciência disso. Mas os jovens do Coletivo sabem o que é cultura? Saberiam dizer de quais culturas fazem parte?	2. O esporte na sociedade moderna Mostrar ao jovem a constituição do esporte na sociedade moderna, os interesses que determinaram sua criação e as contradições existentes que negam, muitas vezes, o esporte como direito social.	2. Construção de regras de convivência do grupo Mostrar a importância de valores, princípios e regras que regulam a convivência social e a relação entre direitos e deveres, propiciando vivência coletiva e democrática de construção das regras de convivência no Coletivo.		2. Adolescência e Saúde Zar as diferentes visões dos jovens sobre saúde e desenvolver com eles o conceito ampliado de saúde como bem-estar físico, mental e social, e da discussão sobre as condições para concretizá-la, as práticas de autocuidado (cuidado de si mesmo), cuidado com a saúde e o desenvolvimento de hábitos saudáveis poderão ser internalizados.	2. Trabalho e conhecimento Desenvolver a compreensão da relação entre técnica, tecnologia e ciência, a partir da reflexão dos seguintes aspectos: a) a natureza e as formas de produção do conhecimento; b) quanto de conhecimento existe por trás de muitas práticas do nosso cotidiano e como esse conhecimento vai sendo construído socialmente por muitos anônimos nas comunidades humanas e entre comunidades diferentes; c) os procedimentos ou as condições nas quais as pessoas produzem conhecimento: um problema ou necessidade que desencadeia uma busca de solução; e d) analisar o processo de conhecimento e o desenvolvimento tecnológico e sua relação com a forma de organização da sociedade: impactos sociais das escolhas para o desenvolvimento e uso da tecnologia.

3. Cultura, tecnologia e comunicação Refletir sobre a comunicação e a tecnologia como extensões do ser humano e que também sinalizam expressões culturais. De que maneira contribuem para que os jovens se identifiquem com diferentes “tribos” ou tendências?	3. O esporte e suas contradições internas Mostrar ao jovem que o esporte possui certa organização e contradições internas, permeadas por convenção de regras para a convivência coletiva.					3. Trabalho e Tempo Livre Promover a compreensão de que, nas atividades sociais e de trabalho, há formas de organização cooperativas e competitivas; problematizar a contradição da noção de “tempo” na sociedade industrial.
4. Identidade e diversidade cultural Estimular a curiosidade de cada um consigo mesmo e com o outro, para que todos se sintam reconhecidos como parte do grupo e respeitem as diversidades das culturas. O sentido de identidade cultural e o de diversidade cultural oferecem aos jovens meios para se pensarem como parte de uma cultura.	4. Tempo livre e tempo de trabalho Compreender a distinção entre tempo livre e tempo de trabalho					
5. Cultura e juventude Relacionar “cultura e educação” e “cultura e ludicidade” com situações próximas aos jovens e com as atividades que eles desenvolvem espontaneamente. Existe uma cultura de “jovens”? De que formas ela se expressa?	5. Lazer e convivência social Promover a reflexão sobre o conceito de lazer como um fenômeno moderno e contribuir para a percepção do tempo livre como possibilidade de organização/reorganização coletiva da cultura.					

4.1. JUVENTUDE E DIREITOS HUMANOS E SOCIOASSISTENCIAIS

As temáticas da cidadania, dos direitos humanos e socioassistenciais aparecem no Projovem Adolescente para expandir os olhares dos jovens e chamá-los para participar da construção de uma sociedade que possa se desenvolver de forma sustentável, justa, solidária e pacífica.

Ensinar e aprender a ser cidadão não é só uma questão de adquirir informações novas, mas de assumir também novas atitudes e comportamentos na relação com os colegas, os vizinhos e a comunidade com os quais se vive, considerando o que é o bem comum. Ter conhecimento sobre os nossos direitos e deveres, onde acessá-los, saber o que fazer e a quem recorrer quando eles são violados ou deixam de ser garantidos, saber por que e como participar na sociedade e entender a história que nos trouxe até aqui – isso tudo é muito importante, sim, mas não é o único objetivo do Projovem Adolescente. Lidar com direitos humanos e socioassistenciais exige estarmos abertos para experimentar e desenvolver novos olhares e formas de agir: com respeito, tolerância, justiça e solidariedade. Participando nos coletivos que nos influenciam – a família, a escola, os grupos e a sociedade mais ampla.

Na medida em que o tema vai sendo trabalhado, a ideia é que o Orientador e os jovens percebam juntos que ser tolerante e respeitoso está muito longe de ser passivo e que, ao contrário, precisamos de uma boa dose de persistência e esforço para transmitir o que pensamos e ouvir de volta o que os outros pensam e querem e para insistir que a solução de quaisquer dificuldades, surgidas a partir de vontades diferentes, seja trazida de forma pacífica, buscando um resultado satisfatório para todos os envolvidos. É importante ter voz ativa na sociedade e participar das decisões que afetam os rumos de nossas vidas.

Todos nós moramos no mesmo planeta. Ele é a nossa única casa e se quisermos que ele esteja em condição de possibilitar que nós e nossos filhos moremos aqui, com qualidade de vida, ainda por muito tempo, temos a responsabilidade de cuidar dessa casa e de cuidar também de todos os seus moradores: mulheres e homens de todas as idades, animais, plantas e recursos minerais que possibilitam a vida. Entender e buscar nossos direitos e praticar nossa cidadania são os primeiros passos para esse cuidado – de nós mesmos, dos outros e do nosso planeta.

O primeiro Percurso Socioeducativo sobre direitos humanos e socioassistenciais começa com cada adolescente explorando um pouco a sua identidade, apresentando-se ao grupo e falando de seus gostos e suas características e todas as coisas que o tornam único e especial. Em seguida, vamos lembrar da história de cada um, da origem da família e do grupo étnico e regional que nos define e ver ainda que estamos em um ponto na história do nosso país e em um mundo que também evolui. A seguir, com a participação de todos e com a ajuda do Orientador Social, passamos à construção das regras de convivência do grupo, como base para todos os trabalhos que se seguirão.

No segundo Percurso Socioeducativo, vamos buscar afinidades dentro do grupo de adolescentes do Projovem e explorar a diversidade do território brasileiro – os diferentes grupos de pessoas que aqui moram e o que os torna singular, notando que temos o direito de ser diferentes e que essencialmente somos todos humanos, todos iguais, apesar das diferenças.

No terceiro Percurso Socioeducativo, vamos identificar e entender nossos direitos essenciais, não só os direitos à vida, às várias liberdades e à justiça, mas também o direito à assistência social, à saúde, à educação, ao trabalho, à previdência social, à cultura e ao lazer e também os direitos grupais que estão surgindo como preocupações mais recentes de um mundo globalizado: entre outros, o direito ao desenvolvimento, o direito a um meio ambiente saudável e o direito à paz. Veremos também os grupos de pessoas que devem receber uma atenção especial a seus direitos, ou porque necessitam de algum cuidado em decorrência de sua idade, de comprometimento de suas condições físicas, cognitivas ou emocionais, ou porque, historicamente, sofrem preconceitos ou desigualdades de oportunidades.

Depois de os jovens se apropriarem do entendimento desses direitos, veremos a quais instâncias podem recorrer para os terem garantidos, quando ainda não o estão, e quais instâncias ajudam a defendê-los, quando estiverem ameaçados. No quarto e último Percurso Socioeducativo, trataremos de modo mais detalhado do protagonismo juvenil, explorando como e onde o jovem pode participar da vida da comunidade e da nação, estando inserido em um país que é democrático e por isso precisa do nosso olhar, da nossa voz e da nossa participação para funcionar bem.

1 – Vamos nos apresentar?

O Objetivo é orientar a apresentação dos jovens a partir de uma lógica que relaciona o pessoal e o coletivo, o imediato e o histórico, a família e a sociedade, o local e o nacional e valoriza as identidades étnicas e regionais.

Neste primeiro momento em que o Coletivo está se constituindo e se conhecendo cada participante deve se apresentar⁴. A lógica proposta é de cada jovem “falar de si”, utilizando várias linguagens além da expressão verbal, seguida por uma reflexão identificando os pontos comuns entre os jovens e valorizando todos os aspectos e aqueles que aproximam os participantes no Coletivo.

A apresentação dos jovens é um momento muito importante do Coletivo. Permite que os participantes se conheçam, demonstrem suas singularidades, suas subjetividades, descubram aspectos que são compartilhados pelo grupo, valorizem seus vínculos afetivos com a família e com a comunidade às quais estão vinculados e se percebam vivendo suas juventudes dentro de um contexto social e histórico mais amplo. Neste sentido, o que seria uma simples apresentação entre os jovens se torna uma oportunidade de instituir uma dinâmica participativa que desenvolva as relações entre as dimensões individual e coletiva, histórica e imediata, particular e geral, princípios fundamentais do trabalho socioeducativo que está se iniciando.

ATIVIDADE 1 – Quem somos?

Etapa 1: O que nos torna especiais?

Cada jovem poderia começar respondendo a seguinte pergunta: “O que me torna uma pessoa que tem identidade própria, diferente das outras pessoas?” A ideia é pensar sobre quem ele é. Seus gostos quanto à comida, música, atividades, gosto por animais; sua participação em grupos – de lazer, de debate de temas, de política, de religião – suas habilidades físicas, talentos artísticos; composição da família; seus atributos e características que mostram como ele se coloca no mundo. É importante que as ideias surjam do jovem, o Orientador Social não deve impor diferenças, mesmo que elas sejam óbvias. Pode ajudar, no entanto, sugerindo categorias de análise, caso perceba que os jovens estão um pouco perdidos ou parados. Um formato criativo para as apresentações pode ser pensado com o uso de desenhos, mímica, objetos que representam áreas da vida ou jogo do adivinha.

Em seguida, sugerimos que seja explorado o que os jovens do grupo têm em comum. Faça essa pergunta para o grupo e deixe que as respostas venham, mas atenção: é preciso cuidado para não estigmatizar os jovens.

Notas

4. Existem várias técnicas, jogos e dinâmicas facilitadoras da apresentação (“Quem sou eu?”; “Conhecimento em dupla ou em trios”; “Primeiros nomes, primeiras impressões”; “Apresentação através de um objeto”; “Apresentação através de um prato da culinária da região”; “Apresentação através de uma música”; “Conversas Grupais”, “Apresentações a partir de jogos e dramatizações”, entre outros. Na bibliografia de referência, citamos alguns autores que podem subsidiar o Orientador Social e o Facilitador de Oficinas, sobre esses recursos técnicos.

Estigmatizar é quando a gente esquece que cada pessoa é feita de várias qualidades e defeitos, tem vários gostos e sonhos e, ao invés de levar em conta que é um ser humano complexo e em evolução, fecha os olhos para tudo que existe e marca aquela pessoa como sendo ligada a uma coisa só – uma doença, a cor da pele, o tipo de moradia em que vive, sua trajetória de vida, ou outra característica qualquer, tomando a parte como todo.

Lembre-se que alguns dos jovens estão (ou já foram) vinculados a programas de proteção especial como o de erradicação do trabalho infantil (PETI) e o de enfrentamento ao abuso e à exploração sexual (SENTINELA), enquanto outros são vinculados a famílias integrantes do Programa Bolsa Família. No entanto, não é uma boa ideia identificar quem é egresso de medidas socioeducativas em decorrência de atos infracionais ou quem passou pelo PETI, SENTINELA ou outro programa. Caso essa questão surja no grupo, é interessante abordá-la a partir da ideia de que os jovens do Coletivo têm vários direitos e, para alguns destes jovens, certos direitos não estavam sendo garantidos e para garanti-los é que servem os programas sociais.

É possível que muitas situações negativas ou de vulnerabilidade sejam apontadas pelos jovens como sendo o que eles têm em comum, como a pobreza ou o abandono pelas autoridades. Se isso acontecer o Orientador Social precisa ser bastante flexível: ele deve reconhecer que, de fato, todos os que estão ali têm situações difíceis de vida, mas essas situações devem ser contrapostas às perspectivas de enfrentamento e busca de superação – a própria participação no Projovem, o acesso a esse direito social, já é um começo de mudança. Trabalhe com os jovens suas expectativas, suas visões de futuro, seus sonhos, ajudando-os a expressá-los, a partir de diferentes linguagens e contribuindo para refleti-los. Provavelmente um dos pontos em comum destes jovens é a esperança e o esforço para melhorar de vida. Estas são características importantes que devem ser ressaltadas.

Dica

Veja nos marcos normativos e no material de orientação sobre o Projovem Adolescente o que é apresentado sobre o “público de referência” e sobre o processo de “preenchimento de vagas” para obter mais informações sobre os jovens que podem participar do Serviço Socioeducativo.

Fique tranquilo! Mais à frente, no Percorso Socioeducativo III, os direitos de assistência social de toda a população serão tratados em mais detalhes. Agora não é o melhor momento para aprofundar esta discussão.

Etapa 2: O que queremos?

Nas primeiras semanas os jovens estão ampliando o conhecimento de si e dos colegas e dando significado ao espaço do Coletivo. Um aspecto que deve ser trabalhado com o jovem é a expectativa que ele tem em relação a sua participação no Projovem. Peça para que os jovens, organizados em grupos, listem suas três principais expectativas e, ao apresentá-las ao Coletivo, façam uma lista comum para que todos possam visualizá-las. É possível que os jovens não saibam ao certo o que vão fazer e que tenham expectativas baseadas em sua participação anterior em outros programas sociais ou então esperem um curso de capacitação técnica profissional. Por isso é importante para o Orientador Social esclarecer as expectativas que serão respondidas no desenvolvimento do Projovem Adolescente. É importante explicitar que o Coletivo de Jovens é um espaço de convivência e participação no qual serão desenvolvidas reflexões e atividades práticas a partir dos temas de meio ambiente, cultura, esporte e lazer, saúde, trabalho e cidadania, direitos humanos e

socioassistenciais. Aqui podem ser apresentados os temas que serão trabalhados durante o ano, explicando as relações entre os Encontros e as Oficinas. O Orientador Social deve esclarecer também que o trabalho que será desenvolvido será planejado, discutido e constantemente avaliado em conjunto com os jovens.

Etapa 3: De onde viemos?

Para entender quem somos também é essencial perceber de onde viemos. Nossa família e grupo social são as bases a partir das quais formamos nossa própria identidade. É importante realizar com os jovens um resgate das características únicas de suas histórias, valorizando-as. A origem de cada um pode ser pensada a partir da história familiar, da história do grupo étnico e regional ao qual pertence o jovem e também da história da sociedade em que está inserido.

No caso da família, pode-se pensar quem eram seus membros, o que faziam, de que lugar vieram. Neste contexto é essencial entender família (biológica ou construída, nuclear ou extensa) como laços de afinidade e de proteção, muito mais do que de sangue. Nossa família é constituída, em última análise, pelas pessoas com quem podemos contar. Em várias comunidades do país, a família é entendida como um grupo de pessoas mais extenso do que somente pais e filhos, e em muitos lugares a família engloba pessoas que têm uma ligação informal ou afetiva com o jovem, mas que estão presentes no seu dia a dia. Dentro desta perspectiva, todos os jovens participantes terão uma família sobre a qual falar mesmo os que estão acolhidos em abrigos ou outras situações especiais.

Uma atividade sugerida é o desenho da “árvore de antepassados” ou da “árvore da família atual” de cada jovem, utilizando quadrados para representar cada pessoa da família (que pode ser extensa ou por afinidade) e indicando os laços que os unem. Alternativamente, os jovens podem também entrevistar membros mais velhos da família e da comunidade para resgatar a história de seu grupo familiar.

Com relação ao grupo étnico e regional, podem-se pensar quais são as especificidades de linguagem, de culinária, expressão cultural (como o artesanato, música, dança, lendas, festas típicas), religiosidade e organização societária que os torna especiais frente a outros grupos, bem como também o território de origem e a evolução histórica.

Uma atividade possível de ser realizada, como forma de ampliação do conhecimento entre os participantes, é a criação, por todos os jovens, de um “folheto turístico” buscando atrair visitantes para a localidade onde vivem. Nesse esforço os jovens são levados a enfocar as melhores características do lugar e do povo que ali se encontra.

Uma terceira fonte para aprofundar o conhecimento de nossa origem é a própria história do Brasil e sua posição hoje no mundo. Vale lembrar que, antes dos europeus, o Brasil já era habitado por diversos povos indígenas, que os portugueses chegaram ao litoral sul da Bahia em 1500 e que por pouco mais de 300 anos utilizaram do território brasileiro como uma colônia de exploração, explorando os africanos na condição de escravizados. Depois, como consequência de transformações sociais, políticas e econômicas em seus países de origem, vários grupos de migrantes europeus também chegaram e se fixaram aqui. A mistura destes três grandes grupos – indígenas, negros e brancos – tem influências profundas nos nossos costumes, língua e religiosidade.

Etapa 4: O que significa ser jovem hoje?

Dentro deste contexto, uma reflexão conjunta que pode ser interessante é pensar “o que é ser jovem hoje?” Quais são os desafios provocados pelas mudanças que se encontram postas? Como o jovem lida com a possibilidade de ganhar o mundo, tanto saindo fisicamente de casa, como também pela tela de um computador? Como ele lida com as

múltiplas informações que chegam a partir da televisão, do cinema, do rádio, da Internet, de folhas impressas, tudo ao mesmo tempo? Quanto ele precisa fazer parte de grupos e quanto precisa ter momentos mais sozinhos? Quais são os desafios tradicionais da juventude que persistem? Organize um trabalho em grupos com jovens para que montem um grande painel com imagens de revistas, recortes de jornais, desenhos, frases, poesias, entre outros elementos, que representem as inquietações e os desafios da sua própria juventude sobre a sua própria ótica.

Também é importante lembrar que ainda estamos consolidando um modo democrático de vida: o país vem de superar um período de ditadura militar bastante recente e que somente em 1989 retomou as eleições diretas para presidente.

Com relação à evolução mundial, os jovens devem perceber que estamos em uma era de inovação tecnológica muito rápida e que as fronteiras entre as diferentes nações são superadas pelas trocas de informações em tempo real, pelo comércio globalizado, pelas distâncias físicas que se encurtam devido, principalmente, ao avião. Os computadores e a Internet são hoje responsáveis pela disponibilização de informações vindas não só de fontes estruturadas – como jornais, revistas, órgãos de governo e ONGs – mas também de indivíduos. A possibilidade que pessoas comuns têm hoje de transmitir suas opiniões e ideias e atingir um público enorme fazendo uso da Internet é incomparável a qualquer coisa que já tenha existido.

Etapa 5: Cuidando da documentação pessoal

Por fim, já tendo explorado vários aspectos da identidade dos jovens, é também importante tratar de um aspecto que nos confere individualidade perante as autoridades: os documentos de identificação pessoal. O registro civil de nascimento é grátis. É um direito da criança tê-lo, e é um dever dos pais buscá-lo. A certidão de nascimento possibilita, no futuro, a confecção de outros documentos muito importantes, entre eles a Carteira de Identidade, a Carteira de Trabalho e o Título de Eleitor. Estes documentos são as portas para o exercício da cidadania. Durante sua permanência no Projovem Adolescente, os jovens que porventura não possuam documentação civil devem ser encorajados a obter tais documentos.

2 – Princípios e regras de convivência

O objetivo é mostrar a importância de valores, princípios e regras que orientam a convivência social e a relação entre direitos e deveres, propiciando vivência coletiva e democrática da construção das regras de convivência no Coletivo.

O grupo de jovens deste Coletivo vai acompanhá-lo em um longo caminho de troca, aprendizagem. Para que esta caminhada seja a mais fértil e prazerosa possível, é fundamental que o grupo se relacione bem e que cada um se sinta parte dele, livre para expressar seus pensamentos e emoções sabendo que será acolhido e respeitado. É muito importante que o grupo desenvolva um clima gostoso, que tanto você, Orientador Social, quanto os jovens, queiram participar das discussões dos conteúdos e das atividades. Para que isso aconteça é necessário pensar logo de início em alguns princípios e regras que devem orientar a convivência do grupo. A construção conjunta destes princípios é uma oportunidade excelente para envolver os jovens, ouvir a opinião diferente de cada um deles e promover a participação de todos – isso já é uma vivência democrática e vai ser importante para que cada um perceba que o que for definido realmente representa o desejo do grupo e que numa situação onde várias pessoas convivem e trabalham, o que é bom para o grupo inteiro deve ser prioridade.

De início, é importante diferenciar princípios de regras: princípios são ideias gerais e valores que fundamentam nossas ações, por exemplo: o respeito, a não-violência, a cooperação, a solidariedade, entre outros. Os princípios podem ser

buscados com os jovens a partir das expectativas do que significa para eles trabalhar em grupo, produtivamente. Já as regras são definições mais práticas do que pode ou não ser feito no grupo em variadas situações. Elas são elaboradas pelo grupo inteiro com base nos princípios. Então, por exemplo, se um dos princípios for o respeito, as regras ligadas a ele seriam: não xingar nem caçoar do outro e esperar alguém terminar sua ideia antes de falar.

O primeiro passo do trabalho é sensibilizar o grupo para as razões pelas quais é preciso construir regras de convivência. Geralmente não funciona chegar e ir logo dizendo: “Pessoal, vamos pensar nas regras desse grupo”. Colocada dessa forma parece mesmo uma tarefa muito chata. Vamos sugerir então fazer o oposto.

Para debater com os jovens

Comece perguntando ao grupo: “Como seria uma sociedade sem regras?” Incentive os jovens a expressar opiniões. Faça perguntas que os levem a considerar diversos aspectos da questão.

Se todo mundo faz o que quer porque não existem regras, como ficariam interesses que são conflitantes? Como lidaríamos com a propriedade privada, com o dia a dia na escola, com a formação profissional de pessoas que depois, por exemplo, nos prestariam serviços de saúde? Como seriam o futebol, os esportes, as decisões políticas, sem regras? Como seriam o trânsito, o comércio? Essas são somente algumas questões que podem ser levantadas para ajudá-los a pensar em aspectos que seriam muito diferentes em uma sociedade sem regras. Talvez de início alguém diga que seria ótimo porque poderia fazer o que quisesse. Mas lembre ao grupo que todos poderiam fazer o que quisessem. Todos, em todos os lugares, em todos os momentos. Naturalmente, na discussão vai surgir a questão de que seria uma grande bagunça. Aí é importante começar a pensar junto com o grupo o lado bom das regras, ou seja: regras, limites e princípios de convivência são no fundo aquilo que permite a coexistência pacífica e organizada de pessoas, em um mesmo espaço, com os mais diferentes desejos, interesses e modos de ser.

É muito importante refletir com o grupo a noção de que para todo direito que alguém tem corresponde algum dever da própria pessoa ou de alguma outra no grupo. Por exemplo: se eu tenho o direito de comprar um chinelo e usá-lo os outros têm o dever de respeitar que o chinelo é meu e não podem sumir com ele; se tenho o direito de respirar ar limpo dentro de uma sala é porque o fumante tem o dever de ir fumar em um lugar aberto, onde a fumaça de seu cigarro não vai me incomodar. Isso também vale para grupos: quem precisa de cadeira de rodas e quem já é mais velho tem o direito a uma vaga prioritária no estacionamento, então todos nós, se não formos idosos nem usarmos cadeira de rodas, temos o dever de não parar naquelas vagas prioritárias. E ainda: se temos o direito à educação, o Estado tem o dever de nos fornecer escolas e professores. Se temos o direito à saúde, o Estado tem o dever de providenciar centros de saúde, hospitais, médicos e por aí vai.

Depois que foram levantadas as razões para entender por que as regras são importantes e ficou claro que sempre direitos correspondem a deveres, é a hora de começar a construir, todos juntos, as regras de convivência do grupo. De início algumas reflexões são necessárias. É essencial que o Orientador Social tenha em mente que está, a partir de sua função, servindo de modelo ao grupo de jovens. Se o respeito é importante, o Orientador Social deve ser respeitoso no trato com todos os jovens. A iniciativa deve partir de você, Orientador. Como o próprio nome diz, você deve orientar, mostrar com as suas atitudes e com as suas palavras os princípios mais importantes.

Ao discutir princípios, alguns pontos devem ser levados em consideração com o grupo inteiro. Em primeiro lugar, reconhecer que opiniões diferentes são fontes de riqueza. Não existe uma única verdade, mas sim vários lados para

uma mesma questão. O objetivo não será nunca fazer com que todos pensem sobre tudo da mesma maneira, anulando as suas singularidades. O objetivo é, isso sim, fazer com que as singularidades, as diferenças que existem, não impeçam o trabalho em grupo e, ao contrário, talvez até o potencializem.

O objetivo é chegar a consensos ao invés de ter que recorrer ao voto majoritário.

Consenso é quando todos chegam a um acordo sobre o que é melhor para o grupo diante de determinada situação. Todas as opiniões são ouvidas, respeitadas e avaliadas para identificar os pontos comuns que estão acima das divergências. O consenso não significa silenciar as opiniões divergentes, mas estabelecer um acordo em torno do que é melhor para o conjunto.

No voto da maioria basta que concordem a metade do grupo acrescida de uma pessoa. Votar implica a identificação de propostas diferentes e a apresentação dos argumentos de quem as defende e de quem as rejeita. Estes argumentos são discutidos para que todos entendam claramente sobre o que estão decidindo. Somente depois deste processo é que se faz a votação propriamente dita. Não devemos esquecer que, em alguns momentos, é necessário que as pessoas abram mão de algumas propostas, reivindicações e até mesmo um ponto de vista para o bem do grupo, sabendo que em outros momentos outras pessoas abrirão mão de alguma coisa para que a sua reivindicação possa ser atendida. Ou seja: não é uma questão de ganhar sempre, mas sim de negociar, de chegar a acordos que beneficiem o grupo como um todo e que sejam aceitáveis para todos os integrantes.

Na discussão do que é necessário para decidir e construir regras do grupo também é importante levantar o debate sobre duas formas de agir que são muito comuns em todo o Brasil, mas que na maior parte das vezes só trazem consequências negativas. Elas são: a “lei do mais forte” e a “lei do silêncio”, ou seja, a ideia de que quem é mais forte, quem pode mais, quem tem mais, manda sobre os outros, e a ideia de que todos ficam quietinhos quando veem acontecer alguma coisa que não deveria acontecer, que consideram errada ou que prejudica alguém. Essas duas formas de agir estão interligadas: quem resolve ficar quieto age assim muitas vezes por medo de represália do mais forte e toda vez que o mais forte não é contestado, ele se fortalece ainda mais. É importante conversar a respeito disso e lembrar o que nós sentimos quando alguém mais forte passa por cima de nós ou quando quem poderia nos ajudar se cala. O grupo deve discutir se estas são formas de interação que devem acontecer no Projovem ou se, ao contrário, é possível concordar em formas mais justas e mais sinceras de comunicação. Abaixo estão expostas sugestões simples de comunicação, que ajudam na resolução de conflitos e problemas.

Dicas para encaminhar a resolução de um conflito

- Descreva o problema detalhadamente. As perguntas que devem ser respondidas são: O que acontece? Quando? Com qual duração, frequência (quantas vezes) e intensidade? Como? Com quem?
- Como eu contribuo para o problema? Como posso contribuir para a solução?
- Quais são meus objetivos? O que necessito, o que quero? O que estou disposto a dar em troca?
- Ouça os outros. Não interrompa enquanto o outro estiver falando seu ponto de vista. Não fique defensivo, nem comece a pensar no que você vai responder, apenas escute.
- Tente se colocar no lugar do outro. Identifique o que você sente e tente pensar no que o outro está sentindo.
- Não assuma, pergunte. Se ficou em dúvida, ou acha que alguém quis dizer alguma coisa, mas não falou, pergunte.
- Seja claro, direto e respeitoso. Choraminger, ser mandão, ser vago, falar coisas com duplo sentido e fazer chantagem emocional não ajuda a resolver a questão. Cuidado também com o tom de voz.

Ainda com relação à comunicação, é importante lembrar que os jovens que participam do grupo têm histórias de vida bastante diversas e que muitos deles podem ter passado por situações muito difíceis e que mesmo a lembrança dessas situações pode trazer sofrimento. Uma regra que poderia, então, ajudar o grupo e que deve ser discutida é a seguinte: embora seja esperado que todos se esforcem para participar, cada um sabe qual é o seu limite. Cada um tem liberdade de se colocar ou não, de se expor até onde achar que deve, de participar ou não de alguma atividade específica. Isso é muito importante para que ninguém se “machuque” e queira deixar o grupo.

Também é preciso levar em consideração os limites institucionais, do que é lícito. Como este é um grupo que se constitui dentro do território brasileiro, a legislação do país prevalece. Ou seja: o grupo não poderá construir uma regra que permita algo que não é permitido na lei. Por exemplo: mesmo que todos concordem, o grupo não pode colocar como regra a permissão do uso de drogas nas salas, porque isso é proibido pela legislação brasileira.

Uma última reflexão diz respeito à seguinte dúvida: devemos sempre obedecer todas as regras? Isto deve ser trabalhado com o grupo. É importante para o jovem perceber que, às vezes, pessoas em posição de mando exigem que seus empregados ou subordinados façam algo prejudicial a alguém ou contra princípios que consideramos mais importantes. Em alguns casos, temos então o direito à resistência, o direito de não seguir uma regra que achamos estar errada porque fere os princípios considerados fundamentais para a vida em sociedade, princípios que garantem o respeito e a dignidade nas relações entre todos os homens e mulheres. É importante aqui ver que não se trata de não seguir uma regra porque ela dá trabalho, ou é chata ou limita uma vontade, mas sim de não seguir regras que claramente vão contra os nossos valores e são maléficas a nós e aos outros. Várias regras mudam ao longo do tempo e devemos notar que o protesto de uma parcela da população contra uma regra injusta é uma das formas de ajudar a mudá-la.

ATIVIDADE 2 – Declaração de Convivência

Sugerimos a elaboração, em conjunto, de uma declaração de convivência (outro nome pode ser dado) por escrito. Depois de o Coletivo conversar sobre as questões enunciadas acima e sobre os princípios que embasam as regras (por exemplo: respeito, educação, consideração pelos outros) os jovens podem ser divididos em subgrupos que devem pensar juntos e pesquisar subtemas que sejam importantes para a convivência em grupo. Sugerimos para começar que se pensem regras relacionadas:

- à forma de tratamento entre os jovens e destes com o Orientador Social e Facilitadores de Oficinas;
- aos horários das atividades, intervalos e pontualidade;
- à participação nas atividades (entrada e saída das atividades, liberdade de participar ou não);
- ao uso e cuidado dos materiais e equipamentos que são de todos;
- aos processos de decisão no Coletivo e estratégias para resolver conflitos que possam surgir; e
- à forma de recepção de membros novos no Coletivo.

Outras categorias que o grupo considere necessárias devem ser pensadas também. Depois que cada subgrupo teve um tempo para discutir, ele apresenta sua proposta para o grupo maior que deve, por fim, construir consensos sobre todas as regras. Também é importante pensar nas consequências para o descumprimento do que está sendo pactuado. É preciso evitar ser severo demais ao decidir tais consequências e procurar ter um enfoque mais educativo

do que punitivo – refletir juntos que cada regra tem uma razão de ser e sobre o que aconteceria se todos passassem a desrespeitá-la. Discuta com os jovens o que vai ser feito quando alguém não cumprir regras, como por exemplo, exigir uma justificativa. Discuta também o que deve acontecer se as regras não forem cumpridas repetidamente. Isso é diferente de não cumpri-las uma só vez? Seria necessário, neste caso, realizar uma discussão geral envolvendo todos os jovens ou outra atividade? As regras devem ser seguidas no dia a dia e avaliadas com o decorrer do tempo ao fim de que o Coletivo decida se continuam sendo válidas. Se surgir uma situação nova que nelas não esteja contemplada, as regras deverão ser modificadas pelo Coletivo. O grupo é de todos e de todos deve ser o papel de estabelecer limites em prol do bem comum. Por fim, tudo que foi decidido deve ser escrito e colocado em um lugar visível.

ATIVIDADE 3 – Organização de Comissões de Trabalho

Desde já, é importante discutir o compartilhamento da responsabilidade entre os membros do Coletivo pelas atividades que serão realizadas ao longo do ano. Pode ser criada uma comissão de organização do espaço e dos materiais, por exemplo, e outras que forem julgadas necessárias. É ainda importante pensar em um espaço de discussão geral sobre as experiências vividas e acumuladas, sobre a convivência cotidiana e interações interpessoais. Isso se faz necessário dado que o convívio diário pode levantar questões que, a princípio, não foram pensadas e que são importantes de serem tratadas. Esse espaço pode receber um nome próprio (por exemplo: roda de conversa) e ter uma periodicidade definida: semanal, quinzenal ou até mensal. Também é importante colocar por escrito tudo o que for decidido.

4.2. JUVENTUDE E CULTURA

Você tem Cultura? Será que um jogo de futebol, o carnaval brasileiro, o encontro da “galera” do hip hop ou do pagode são expressões da “cultura”? Já perceberam que toda palavra com muitos significados desafia a nossa capacidade de dar respostas rápidas e simples? Antes precisamos fazer um questionamento fundamental: afinal de contas, o que é cultura?

Para o senso comum⁵, cultura é sinônimo de estudo e de educação formal, mas já podemos perceber que é bem mais do que isso. Há manifestação cultural na maioria das atividades humanas em sociedade: nas danças, nas músicas, nas festas, na culinária e na alimentação, no nosso jeito de construir casas e de morar, nos rituais religiosos e até mesmo no jeito de enterrar os nossos mortos. São momentos de alegria e tristeza, que nos unem como seres culturais.

O homem é um ser social e cultural, costuma gostar da companhia de outros, costuma dividir suas impressões, valores e expectativas. Mas, para que esse convívio seja possível, um precisa compreender o outro e então criamos uma espécie de “mapa” capaz de nos orientar sobre os modos de ser, de fazer, de pensar e de sentir. O sentimento de pertencer a um grupo, despertado por esses códigos em comum, nos dá energias para as situações boas e ruins, aceitar e mudar o dia a dia. Criamos e expressamos nesse “mapa”, códigos, regras, sonhos, prazeres, amores, medos e alegrias. São símbolos e sinais, como aqueles que indicam os nomes das ruas e o número das casas. Viver é conviver! Conviver é se deixar mudar e gerar mudanças! Aí está a cultura, viva e em constante transformação!

A cultura de uma sociedade ou de um pequeno grupo está sempre mudando, incorpora constantemente novos valores, hábitos e costumes que podem até conviver com valores, sentimentos e modos de viver herdados dos nossos avós e dos

quais sequer temos consciência. Esse “mapa” é o conjunto de códigos culturais (de ontem e de hoje) e nos envolve desde o nascimento. Desenvolvemos no convívio com outras pessoas nossa capacidade de observar, ouvir com atenção, aceitar as dúvidas e contradições como parte de um processo social que possibilita e às vezes exige nossa participação direta.

Se considerarmos que os códigos culturais desse “mapa” da nossa sociedade são como as “regras” de um jogo que nos auxiliam a criar vínculos sociais e unir esforços para a transformação daquilo que nos incomoda, perceberemos o potencial da cultura na nossa vida.

A cultura, como uma forma de comunicação de experiências, oferece os meios para convivências criativas e dialogadas. Experiências fundamentais para a consciência crítica e para a participação coletiva tornam possível o exercício da cidadania como veremos ao longo do Ciclo I nos Percursos Socioeducativos do Projovem Adolescente.

A cultura oferece a perspectiva de que a “leitura do mundo” e a trama para “novos mundos” são possibilidades reais, se ajudarmos na elaboração do “mapa cultural”. Integram-se assim, saberes comunitários, saberes científicos e técnicos e sensibilidades distintas, promovendo articulações sociais dispostas a agir para a transformação da realidade. É exatamente nesses sentidos de convivência coletiva com a diversidade e participação social proativa que a cultura, como temática do Projovem, é fundamental e foi escolhida para inaugurar as atividades junto ao esporte e ao lazer.

Os Coletivos Jovens constituídos a partir do Projovem são espaços de diálogo e aprendizagem. Espaços de troca afetiva, para se pensar e agir pela saúde do corpo de cada um, do corpo das comunidades e do corpo do planeta. A cultura humana é o meio para garantir a saúde desses corpos. Foi no desenrolar da vida em sociedade que se ampliaram os direitos humanos, políticos e sociais, as formas produtivas e o trabalho, e foram enriquecidas pela diversidade, nossas expressões culturais. Processos dinâmicos que nos permitiram fazer uso do tempo livre⁶ para o descanso, para as práticas de lazer, esporte, criações artísticas, preservação da memória e do meio ambiente. Esses direitos e deveres serão nossos guias nas temáticas transversais do Projovem em reflexões entrecruzadas sobre a vida. Dividimos essas questões em quatro momentos, chamados de “Percursos Socioeducativos”. O desafio central a nos mobilizar e que se apresenta para o Coletivo de Jovens é o da consolidação dos novos “mapas culturais” capazes de gerar saberes práticos, que motivem os jovens a colaborar para a instauração das mudanças necessárias para as suas localidades. Práticas que convocam para o convívio cidadão e para a plena participação democrática, valorizando o individual, o local, sem perder de vista o contexto global.

Como no ponto de partida dessa pequena introdução, serão os questionamentos que nos ajudarão a ver os caminhos a serem explorados: Você tem cultura? Existem culturas diferentes? Existe uma cultura melhor que a outra? Existe uma cultura brasileira? Essas e outras indagações nos conduzirão pelos caminhos que buscam ampliar a compreensão e as experiências coletivas dos significados da cultura para nossa convivência social.

O Percurso Socioeducativo I tem por objetivo estimular as vivências coletivas entre os participantes através de atividades lúdicas enfatizando as temáticas transversais de Cultura, Esporte e Lazer, visando contribuir à integração dos jovens. Seguindo a ideia de que viver é conviver, busca incentivar a empatia dentro do grupo por meio da compreensão de que existem várias formas de se perceber o mundo e de se comunicar e como elas podem dialogar.

O Percurso Socioeducativo II problematiza a localidade, a família e as origens para entender a sociedade brasilei-

ra em sua diversidade e a importância das conquistas de direitos à saúde, à proteção da cultura e da natureza e aqueles necessários à qualidade de vida. Tem como foco as temáticas saúde e meio ambiente, com o diferencial de suas relações com a cultura e se pergunta: como a herança biológica e cultural ajudam a compreender o “ser brasileiro”?

O Percurso Socioeducativo III propõe aos jovens vivenciar o território onde vivem e incentivar ações de pesquisa das condições gerais da localidade, que forneçam subsídios para uma ação participativa e transformadora. A intenção é integrar conhecimentos sobre cultura, direitos humanos e socioassistenciais, esporte e lazer, meio ambiente, saúde e trabalho, sob a perspectiva de pensar globalmente e agir localmente.

Por fim, o Percurso Socioeducativo IV propõe ações efetivas ao alcance dos participantes já integrados num Coletivo capaz de pensar sua localidade. Reforça a cultura como temática transversal, que atravessa todos os aspectos da existência humana. Destaca o uso das novas tecnologias para a comunicação humana e a renovação cultural do ser humano que faz uso da criatividade e de sua capacidade de sonhar e de executar.

1 – Trabalhar com a cultura

O objetivo é promover a reflexão sobre a cultura como dimensão fundamental na nossa formação individual e na trajetória da humanidade, estimulando as vivências coletivas para que os jovens compreendam o que é cultura e aceitem a diferença como possibilidade para andarem juntos.

Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte,
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer
Bebida é água
Comida é pasto
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade

Comida

(*Titãs, composição: Arnaldo Antunes*)



A Dança, Henri Matisse

O primeiro Percurso Socioeducativo está começando agora. Neste momento, o nosso principal objetivo é estimular as vivências coletivas entre todos os jovens envolvidos. Mas como ajudar pessoas tão diferentes, e que na maioria das vezes pertencem a lugares com costumes distintos, a se encontrarem? Como ajudar essas pessoas a conviverem prazerosamente e juntas desenvolverem um projeto em comum?

O desafio deste Percurso é criar um grupo de pessoas que aceite a diferença como possibilidade para andarem juntas, conhecer o local onde vivem e trabalhar para transformá-lo positivamente. Espera aí: desafio é coisa séria e dá trabalho! Mas podemos tratá-lo como um trabalho alegre que nos coloque dentro do jogo da vida! Como um jogo ou brincadeira, as regras podem ser flexíveis e ajustadas pela alegria dos “brincantes”. Como na dança que ilustra a abertura desse texto, a roda precisa se formar e as mãos que ainda não estão unidas precisam se alcançar. Os envolvidos precisam se conhecer e dedicar-se ao conhecimento dos demais para que essa proposta possa ir em frente. Mais que qualquer conteúdo tradicional, a “criação coletiva” de um grupo que vai se unir com objetivos em comum precisa de vitalidade, precisa da pulsação e dos ritmos próprios da vida, nos nossos tempos de trabalho e tempos livres: de produção para garantir a sobrevivência, de descanso e de festas que nos alegram e relaxam. Por isso, a ênfase principal nesse início de “Percurso” serão as temáticas transversais de Cultura, Esporte e Lazer.

Sempre que conhecemos alguém, precisamos deixar essa pessoa “entrar” na nossa vida com todas as suas formas de expressão para depois saber se gostamos de sua companhia ou não. Algumas dessas pessoas começam a fazer parte da “família”, outras demoram um pouco mais, conquistam nosso coração aos poucos e outras pessoas nos provocam e temos uma vontade danada que desapareçam sem deixar vestígios. Aceitar o jeito dos outros, especialmente, quando ele é diferente do nosso é um desafio que enfrentamos todos os dias e em todos os lugares em que convivemos. Viver com os outros é uma “arte” que não tem como aprender a não ser praticando a tolerância, todo o tempo de vida que nos for dado.

Exercitar a compreensão de si mesmo e a compreensão do outro é admitir que o gosto e as opiniões das pessoas podem ser bem diferentes das nossas, mas nem por isso são piores ou melhores. Em algumas situações podem até nos ajudar a sair de um problema que sozinhos não conseguiríamos. Essas e outras possibilidades que envolvem o convívio de um grupo serão desenvolvidas de forma participativa, considerando o contexto da cultura jovem e suas formas de expressão.

As diversas perspectivas sobre as criações culturais como genuínas expressões da nossa humanidade e de suas diversidades, pretendem mostrar que o desenvolvimento da cultura é a principal ponte para alcançarmos um corpo saudável. O corpo do indivíduo e o corpo social “tocados” pela cooperação, solidariedade, respeito e amizade são horizontes para a realização da vida em seu sentido mais nobre de existência coletiva em liberdade e integrada ao ambiente. Viver é conviver. Viver é coletivo. Viver é recriar todo o tempo novas possibilidades para melhor se relacionar.

Cultura e juventude, identidade e diversidade cultural, culturas e ludicidades e a relação entre cultura, educação, esporte e lazer (são conteúdos temáticos deste primeiro Percurso) dão uma ideia sintética da dimensão da cultura e de sua complexidade, do quanto ela nos envolve e está dentro de cada um de nós. A cultura é fundamental na nossa formação individual e na trajetória da humanidade.

Os diálogos com os jovens devem garantir, nesse primeiro momento, que todos se envolvam e se questionem sobre a cultura. As atividades e dinâmicas das Oficinas – desenvolvidas pelos Facilitadores – integram-se ao trabalho desenvolvido nos Encontros, a cargo dos Orientadores Sociais e foram pensadas para auxiliar um processo de aprendizagem criativo, espontâneo, no qual todos se sintam à vontade para participar culturalmente, estimulando:

- A fortalecimento da autoestima e da identificação do grupo;
- As noções básicas sobre os conceitos de cultura, a complexidade da vida em sociedade e o caráter de formação da cultura; e
- As experiências corporais como forma de ampliar a capacidade de raciocínio e de sensibilidade.

2 – O que é cultura?

O objetivo é desvelar o quanto a cultura faz parte da nossa vida e a diferença que faz ter consciência disso. Mas os jovens do Coletivo sabem o que é cultura? Saberiam dizer de quais culturas fazem parte?

Essas não são perguntas simples e não há uma resposta simples para elas. Há muitas ideias a respeito de cultura e a palavra pode ter sentidos diferentes em diversas situações.

A cultura é um conjunto complexo de códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva. A cultura está expressa na tecnologia que utilizamos diariamente, nos modos de sobrevivência, nas regras de comportamento – que envolvem o uso que fazemos do nosso tempo para o trabalho e para o lazer – nos valores afetivos, espirituais e crenças, nas instituições, nos hábitos, costumes e modos de agir, de pensar, se comunicar e nas manifestações artísticas. A cultura é essencialmente a capacidade humana de simbolizar, criar linguagens para se comunicar e atualizar essas expressões para transmitir suas experiências às gerações seguintes.

Mas vamos começar por você mesmo, por aquilo que é mais seu, o seu corpo e a linguagem que ele expressa.

O seu corpo não é apenas algo físico. Ele é muito do que você pensa e faz dele. Mas pensar e fazer nem sempre é algo consciente. Fazemos tantas coisas “sem pensar”, sem nos darmos conta, mas fazemos. Boa parte do nosso dia a dia é assim.

Quando somos crianças tomamos consciência do nosso corpo e aprendemos a dar sentido aos nossos gestos observando os outros e o mundo em nossa volta. E muito da vida em comunidade também é aprendido antes de tudo por observação, pela percepção dos gestos e significados que nem sempre podem ser traduzidos por palavras. Ações simples como andar, tocar as pessoas e falar, muito disso é aprendido por observação e pela vivência das diversas situações da vida. Em grupos humanos que já existem há algum tempo, isso dá origem às tradições e modos de agir, que são compartilhados.

Seu corpo se relaciona com o espaço e com o tempo em um ritmo próprio, mas também vai seguindo um ritmo social. Quando você caminha ou dança, se desloca para um lugar ou simplesmente diverte-se, você se move com o seu corpo em um lugar.

Já parou para pensar no seu corpo e no lugar onde você está? Você se sente à vontade com o seu corpo e se sente bem no lugar onde está agora? O que você gostaria que fosse diferente no seu corpo e no lugar onde você vive para se sentir melhor? O ritmo do seu corpo é parecido com o ritmo das pessoas com quem você convive?

E quando você começa a pensar e tentar responder essas questões, antes de tudo para você mesmo, já pode perceber o quanto cada pessoa que você conhece é rica em expressões e detalhes. Cada um de nós traz um mundo consigo. Você tem cultura e está inserido em uma cultura.

Mas agora, tente explicar isso para outras pessoas. O corpo como fonte do conhecimento e da capacidade de expressão é o nosso ponto de partida para nos aproximarmos dos outros, nos fazermos presentes e prontos para o diálogo. Quando você se questiona e procura explicar o que está se passando, está indo além do seu corpo, está em comunicação com o mundo a sua volta. Está exercitando a integração das linguagens: do corpo, das emoções e da fala. Está simbolizando e criando formas de se comunicar.

Mas se não fizer esse movimento de expressão, as ideias vão ficar só com você, não terão qualquer efeito sobre o mundo e este não lhe dará retorno. Muitas das crises que enfrentamos estão relacionadas com a nossa dificuldade de comunicar aquilo que já temos acumulado como experiência em nosso corpo. Algumas vezes, não sabemos como falar, e em outras, temos medo que não nos compreendam. Não podemos nos esquecer do aprendizado que começamos a fazer ainda muito pequenos: viver é conviver. Sempre que a questão é relacionar-se com os outros, vale a pena correr os riscos.

Se tudo começa com o seu corpo, mas vai além através das diferentes formas de comunicação, também é assim com toda a humanidade. Transmitir ou comunicar algo só é possível através da linguagem, de expressões comuns que são compartilhadas por duas ou mais pessoas. Aqui estão os “códigos culturais” que nos ajudam a compreender a nós mesmos e aos outros.

Quando uma criança pequena começa a pedir comida para seus pais ou a reclamar que está com sono ou com frio está começando a se comunicar com o mundo e interagir com ele. No início é comum aos pais tentarem oferecer várias coisas até acertarem o que a criança deseja. A criança quer ser compreendida. Os pais ou familiares querem compreendê-la. Assim, com o esforço de escutar, observar, balbuciar e dialogar, criança e adultos vão se entendendo.

Linguagem corporal

Não apenas as crianças se comunicam por linguagem corporal. Os adultos também se expressam através de gestos, alguns mais evidentes, como o aperto de mão para cumprimentar alguém não tão próximo e um abraço para um amigo. Nas artes que trabalham diretamente com o corpo, como a dança e o teatro, muitos gestos tem um sentido simbólico, como um personagem que dá várias voltas no palco carregando uma mala para sugerir que faz uma longa viagem, demarcando uma passagem de tempo.

Mas muito das possibilidades atuais e a ampliação das linguagens a humanidade aprendeu aos poucos, como uma criança que vai descobrindo o mundo. Sem a comunicação a própria consolidação de comunidades e sociedades seria impossível. Cultura e comunicação são inseparáveis.

A partir da brincadeira, todos nós aprendemos a nos relacionar melhor com os mundos imaginários e com os mundos reais, desenvolvemos conexões e pontes entre as representações infantis e adultas. Inventamos fantasias, desempenhamos papéis e utilizamos o nosso corpo para experimentar diferentes formas de alegrias e tensões. São emoções que se acumulam no minilaboratório que é o nosso corpo em movimento.

Ao nos entregarmos ao prazer da brincadeira, reorganizamos o mundo que nos envolve de um modo diferenciado: reordenamos os objetos, a função das pessoas, contestamos e dramatizamos as regras estabelecidas. Esses pequenos

jogos nos oferecem um passaporte para as simbolizações mais complexas vividas na fase adulta porque exteriorizam, no corpo em movimento, uma linguagem específica que se aprimora. O “fazer de conta” da criança, que há em todos nós, muitas vezes elimina os riscos e oferece um espaço para os primeiros exercícios de criatividade. Uma forma de manifestação da cultura humana, a reinvenção criativa, liberta o corpo como uma espécie de janela que se abre para desenvolver nossa consciência de que a apropriação e a reinvenção de novos mundos sociais é uma possibilidade.

Qual é a diferença entre comunidade e sociedade?

*Uma **comunidade** se baseia em relações de solidariedade entre as pessoas, num convívio geralmente mais direto e com valores compartilhados, mas nem sempre oficializados.*

*Já a **sociedade** exige normas mais definidas para o convívio, e geralmente é mais ampla. A mesma sociedade pode abarcar uma ou até várias comunidades. Uma comunidade pode coincidir com um bairro, uma família, ou um grupo de pessoas com a mesma origem étnica ou religiosa que convivem de forma direta. Já a sociedade pode ser uma cidade ou um país com instituições como governo, leis e língua oficial.*

ATIVIDADE 1 – Vivências corporais da cultura

Etapa 1: Exercícios do olhar: compartilhando as visões

Convide o grupo a sentar-se no chão em um círculo. Apresente a imagem da epígrafe de abertura (A Dança, Henri Matisse) e solicite que anotem individualmente em uma folha de papel aquilo que mais lhes chamou a atenção. Em seguida solicite que mantenham um diálogo rápido, sobre suas anotações, com a pessoa que estiver no seu lado esquerdo, identificando se as anotações são semelhantes ou diferentes. Solicite que registrem essa impressão como um resumo sobre os pontos em que ambos aproximaram-se ou distanciaram-se nas suas observações. Peça aos jovens depoimentos espontâneos que resumam a imagem em uma palavra.

Etapa 2: Exercícios da pulsação: respirando para criar ritmos

Solicite que as duplas se mantenham próximas deixando de lado os papéis das anotações que serão recuperados no final dessa etapa da dinâmica. Explique que a melhor forma de realizar essa dinâmica é mantendo o silêncio e evitando as movimentações excessivas. Oriente-os para sentarem-se com as costas unidas e as pernas estendidas no chão para frente de um modo confortável. Depois que as duplas já estiverem dispostas recomende que prestem atenção na postura, mantendo a coluna alongada com a ajuda do outro, como se estivessem sentados junto a uma parede. Quando perceber que o grupo todo conseguiu atingir a postura adequada solicite que fechem os olhos para se concentrar melhor e passem a prestar atenção em suas próprias respirações, escutando o som do ar entrando pelo nariz em direção aos pulmões e depois sua saída. Deixe que façam essa primeira respiração mais livremente sem falar sobre o modo correto de inalar e exalar apenas pelo nariz.

Circule pelo grupo e observe se os jovens estão mantendo a postura e como estão respirando, especialmente, se mostram alguma tensão corporal, perdendo a postura ou se inalam ou exalam pela boca. Instrua o grupo que preste atenção na postura e então, explique a necessidade de se “puxar” o ar e “soltá-lo” apenas pelo nariz. Depois que cumprirem cinco

respirações profundas e completas, peça que se mantenham próximos, mas que se sentem virados para o centro do círculo para um diálogo rápido. Solicite a manifestação espontânea de alguém do grupo sobre a sensação observada no próprio corpo com essa dinâmica. Após cinco ou seis depoimentos do grande grupo, oriente os pares a estabelecerem um novo diálogo entre si sobre a experiência que compartilharam, perguntando-lhes o que perceberam um da respiração do outro.

Depois de alguns minutos, solicite novamente, os depoimentos sobre o que conseguiram perceber ao “respirar junto com o outro”, uma vez que as costas estavam em contato. É muito comum as falas demonstrarem que as pessoas estão tão concentradas para acertar a sua própria respiração que não conseguem perceber direito a respiração do outro. Solicite que se posicionem do mesmo modo como estavam no princípio, sentados com as costas unidas e realizem mais três respirações completas. Lembre-os que respirem o mais profundamente possível, como se estivessem tentando mandar o ar até a altura da barriga, atentos ao “ritmo” da sua respiração, sem perder a atenção do “ritmo” da respiração do outro.

Dialogue sobre a experiência dessa última etapa do exercício, destacando:

- Respiração como relaxamento e tranquilização do corpo – recurso que pode ser utilizado antes de momentos como provas, tristezas ou angústias;
- Respiração como forma de melhorar a concentração e tomar consciência das alterações do humor, do esforço excessivo e dos momentos de alegria; e
- A ampliação da capacidade de compreensão dos outros, observando o ritmo das suas respirações.

Solicite aos jovens que se levantem e deem as mãos, formando uma grande roda. Oriente que todos fechem os olhos novamente e que procurem prestar a atenção no ritmo das respirações das pessoas que estão ao seu lado apenas a partir do toque das mãos e do som. Após duas respirações, coloque a música dos Titãs (Comida) para a audição do grupo. Observe as reações dos componentes e dialogue sobre o quanto uma intervenção externa que pode chegar aos nossos “ouvidos”, pode gerar sensações diferentes em cada um de nós. Peça depoimentos espontâneos, manifestados em uma palavra, que expresse o que sentiram ao escutarem o silêncio e as respirações do grupo e, também o que sentiram depois que começou a tocar a música.

Etapa 3: Exercícios de escuta: Integrando os ritmos

Libere o grupo dentro da sala e solicite que andem prestando atenção na música e se movam de acordo com a sua própria vontade. Encerre a dinâmica solicitando que todos tomem um lugar para si no círculo. Distribua a letra da música “Comida” e coloque para tocar novamente oportunizando que os jovens acompanhem ouvindo e lendo a “mensagem”. Solicite que manifestem suas impressões sobre o ritmo respiratório que mantiveram enquanto se concentravam na audição musical e na leitura. Elementos para a reflexão:

- Movimento e audição combinados como exigências do nosso dia a dia – concentração e alterações do corpo no empenho de compreender as mensagens;
- Respiração como forma de melhorar a concentração aplicadas no momento em que sentamos para escutar algo que precisa ser entendido; e
- A audição e a visão integradas – o acompanhamento da letra da música impressa torna mais fácil ampliar a compreensão.

Etapa final: Consolidando as experiências corporais da cultura

Questionar sobre o entendimento da música “Comida”, solicitando ao grupo que manifeste as suas opiniões. Elementos para reflexão:

- O que relaciona a música com a temática Cultura?
- Quais as ações que a música referencia que foram vivenciadas pelo grupo naquelas dinâmicas anteriores?
- Referências à capacidade de se autoconhecer e conviver;
- Referências à arte (imagem e músicas) observadas em grupo;
- Referências ao exame das próprias sensações e a afinação dos ritmos em grupo; e
- O estar em duplas e o estar em círculo como formas de convívio recorrentes da sociedade que suscitam diálogos.

3 – Cultura, tecnologia e comunicação

O objetivo é refletir sobre a comunicação e a tecnologia como extensões do ser humano e que também sinalizam expressões culturais. De que maneira contribuem para que os jovens se identifiquem com diferentes “tribos” ou tendências?

Quando os primeiros homens e mulheres inventaram formas de sobreviver – caçar animais ou se defender de outros, usando lanças primitivas com pontas de madeira ou de pedras lascadas, inventaram o trabalho. Surgiam ali pelo esforço criativo e pelas mãos desses seres as tecnologias que permitiam superar as limitações naturais.

Assim seguiram elaborando novos instrumentos para tirar a pele dos animais e fazer roupas, cortar árvores, fazer fogo para se proteger do frio e dos animais que podiam atacar os grupos à noite. Desenhavam pelas paredes das grutas e cavernas símbolos e animais e imprimiam suas digitais. Hoje, a maioria dessas expressões impressas por essas sociedades, não são compreensíveis para nós, mas estão nas origens de nossas histórias em quadrinho.

As tecnologias criadas para sobreviver e as representações de mundo das pinturas nas cavernas solucionaram alguns problemas e devem também ter dado prazer, alegria e proteção. Mas todas as criações levaram a novas exigências, como a preferência por comida quente e as escolhas dos locais de moradia. Na medida em que se resolviam alguns desafios, outros problemas surgiam.

Mas, tanto para dar conta das velhas e das novas necessidades do grupo, as tecnologias precisavam ser ensinadas para que mais pessoas pudessem desenvolvê-las e utilizá-las. As soluções técnicas que o ser humano inventou só poderiam ser passadas adiante e aperfeiçoadas com alguma forma de comunicação. Possivelmente começou com gestos enfatizando a necessidade de observar com atenção como preparar uma ponta de lança a partir de uma pedra bruta e a partir daí evoluiu para uma forma de linguagem comum, gestos e palavras compartilhados pelas pessoas do mesmo grupo.

Extensões do corpo: a “segunda pele” como comunicação

Se a comunicação e a tecnologia podem ser consideradas extensões do ser humano, as roupas, os acessórios e adereços, além de complementos físicos do corpo humano, visando sua melhor adaptação aos ambientes, também são extensões do corpo por serem meios de comunicação consolidadores da identidade. Além de ajudarem o ser humano a se proteger do frio ou do calor excessivo, essa “segunda pele” auxilia na adaptação aos ambientes culturais criados pelos seres humanos.

Se pudermos viajar para uma outra região do Brasil ou para outro país, por exemplo, iremos nos deparar com pessoas vestindo-se de forma diferente da nossa, mas que nos parecerá bastante adequada para aquele ambiente e que, provavelmente é compartilhada pelas outras pessoas do lugar. Lá, nós somos os diferentes. O mesmo pode acontecer dentro da nossa própria região, em uma mesma cidade e entre bairros de origens ou condições sociais diversas das que estamos acostumados.

Entre os jovens, todos esses sinais se somam a outros que os identificam com as diferentes “tribos” e tendências, além daqueles que cada um escolhe para tentar, de alguma forma, expressar a sua individualidade e sua identidade pessoal.

Além das roupas, acessórios, tatuagens e piercings também são formas de comunicação. Assim como numa tribo as pessoas usam certas roupas e adereços para afirmar sua participação naquele grupo, muitos jovens fazem o mesmo dentro dos seus grupos, como se “vestissem” da identidade de um grupo.

4 – Identidade e diversidade cultural

O objetivo é estimular a curiosidade de cada um consigo mesmo e com o outro, para que todos se sintam reconhecidos como parte do grupo e respeitem as diversidades das culturas. O sentido de identidade cultural e o de diversidade cultural oferecem aos jovens meios para se pensarem como parte de uma cultura.

Mas, afinal, o que é cultura?

Se cultura é algo que “está em nós”, que podemos perceber em nosso próprio corpo, nos nossos gestos e até no nosso jeito de vestir, a cultura também é coletiva, está em nossa volta e participamos dela junto com outras pessoas. A cultura se manifesta nos usos e costumes dos grupos humanos, no senso comum⁷ presente no cotidiano, e ajuda a definir as regras de convívio social. Identificação é conseguir encontrar elementos comuns entre o seu modo de ser, de agir e pensar com as outras pessoas do seu grupo.

Identidade cultural

A identidade de um grupo, seja uma pequena comunidade de um bairro ou uma nação, é a sua autoconsciência, o discurso que faz de si mesmo, as características que as pessoas desse Coletivo se atribuem como lhes sendo comuns. As identidades nacionais resultam de símbolos e representações selecionados na história, verídica ou lendária, de um povo e dão sentido para a existência atual dessa nação.

Mas existe uma ou várias culturas?

No mundo atual, em que cada vez mais as culturas convivem e misturam-se, todo ser humano é parte não apenas de uma, mas de várias culturas. É o que se chama de diversidade cultural, a variedade de expressões culturais que podem ser observadas numa sociedade e, ainda, nas várias sociedades na escala mundial.

Poderíamos nos perguntar se existe uma cultura melhor que a outra, mas isso é um julgamento impossível de ser feito de modo justo. Sempre existem culturas com as quais nos identificamos mais, seja por que pareçam mais com a nossa, seja porque nos provocam curiosidade. O fato é que, atualmente, somos cada vez mais confrontados com as questões de identidade e diversidade cultural. Mais do que qualquer julgamento do que é melhor ou pior, o que realmente importa é que muitas vezes a consciência da nossa identidade, o sentimento de pertencer a uma cultura se torna mais evidente quando contrastamos o nosso modo de ser com o de outros.

Diversidade cultural

A palavra diversidade está associada à ideia de algo que é composto por diferentes elementos, algo que é plural e múltiplo. No caso, a diversidade cultural em uma sociedade diz respeito às expressões dos diferentes grupos e comunidades étnicas que a integram.

ATIVIDADE 2 – Reconhecimento da identidade individual e da identidade do Grupo

Esta atividade tem como objetivos: a) exercitar a capacidade de observação, a convivência, o trabalho em pequenos grupos; b) o exercício da expressão oral; e c) registrar as observações dos territórios no que se refere às expressões da cultura local.

Materiais

Papel, lápis ou caneta; quadro para anotações, folha de papel com dimensões de aproximadamente 1mx1m e pincéis atômicos. Sempre que possível utilizar recursos de registro de imagens, por exemplo, registro fotográfico.

Etapa 1: Observando para registrar as manifestações culturais

Divida o grupo em duplas ou trios. Explique que farão um exercício de observação e registro. A base para essa atividade são os conteúdos desenvolvidos anteriormente em forma de dinâmicas, os textos e as referências que cada um já possuía. Solicite que façam uma caminhada pelos arredores do local onde o Coletivo costuma reunir-se (oriente que a caminhada não ultrapasse 1h). É muito importante que você, Orientador Social, marque o horário de retorno dos jovens para viabilizar os diálogos de encerramento. Nessa caminhada devem ser realizadas *livres-observações* do ambiente *identificando todas as manifestações e expressões culturais que considerarem interessantes*. Indique que cada dupla ou trio deverá recolher, no mínimo, duas manifestações para observar e descrever.

Estimule-os a sistematizar o que observarem, destacando a importância de registrá-lo no “Diário de Campo” (com data, composição do grupo e as indicações básicas das observações). Explique que isso será útil para narrarem aos colegas o que observaram.

Etapa 2: Somando os olhares – manifestações culturais compartilhadas

Com o grupo todo reunido, preferencialmente em um círculo, solicite que cada dupla ou trio eleja o seu representante para apresentar o resultado de suas pesquisas exploratórias. Após as apresentações de todos, conversem sobre a diversidade de expressões que surgiram e avaliem, coletivamente, se o que foi “resgatado e registrado”, esse inventário informal, pode ser considerado como representativo da Cultura local. Avaliem juntos quais das manifestações culturais gostariam de apresentar em um lugar público em que estivessem presentes pessoas que não conhecem nada sobre a localidade onde vivem e o que gostariam de ocultar. Procurem juntos chegar a um consenso sobre esses “lugares-territórios” que deveriam ser revelados ou escondidos. Em seguida em forma de tópicos apontem os motivos para essas decisões.

Cabe a você como Orientador Social elaborar os registros desses diálogos, sendo que essa tarefa pode ser compartilhada com os jovens atribuindo atividades distintas a cada um. Ao término desse processo tudo deverá ser registrado em um papel no formato de um mural com as decisões do Coletivo. Sugerimos que isso possa ficar em um lugar exposto em todas as reuniões do grupo e que os “lugares do território eleitos”, possam ser revisitados periodicamente na medida em que o ano for avançando. Dessa forma, você poderá criar um vínculo de pesquisa permanente e um interesse do grupo em mobilizar-se para diálogos de comparação, afirmação ou revisão das próprias convicções.

Se for possível, esse material gerado coletivamente poderá vir a ser estruturado como um mural – uma máquina fotográfica poderia ser útil para que o Coletivo registrasse as imagens dos “lugares eleitos”, por exemplo, ao longo de 24h. A sugestão é que sejam utilizadas, para cada um desses territórios, doze (12) imagens reveladoras, simbolizando a passagem do tempo que transforma os tipos de usos, ocupações e apropriações de um mesmo espaço.

Elementos para o diálogo de consolidação:

- Importância de observar (especialmente, quando usamos os sentidos e as emoções);
- Importância de transformar aquilo que foi observado em anotações (pesquisa informal e formal);
- Importância de dialogar sobre nossas observações e promover escolhas de acordo com critérios próprios, considerando os objetivos do grupo;
- Valorizar o consenso e as pactuações coletivas; e
- Evidenciar e consolidar o conceito de cultura e das diversas formas de expressões e manifestações encontradas – sempre que possível remetendo ao que já foi desenvolvido anteriormente.

5 – Culturas e juventudes

O objetivo é relacionar “cultura e educação” e “cultura e ludicidade” com situações próximas aos jovens e com as atividades que eles desenvolvem espontaneamente. Existe uma cultura de “jovens”? De que formas ela se expressa?

Cultura e educação são a mesma coisa? Não necessariamente, embora seja inegável que através da educação o indivíduo pode criar ou reforçar vínculos com uma cultura. Se muito da cultura é obtido de forma espontânea, já a educação representa valores e conhecimentos transmitidos de forma intencional, principalmente pela família e pela escola. A educação é importante para termos consciência da nossa cultura.

Educação é o conjunto de ações intencionais dedicadas à preparação do indivíduo para vários aspectos da vida em sociedade. Pode incluir desde a preparação para o convívio com outras pessoas, como se portar e se comunicar, até habilidades especializadas para exercer uma profissão no futuro.

Ensinar e aprender, tradicionalmente, eram vistas como práticas distintas (aquele que ensina e aquele que aprende: professor / aluno). Atualmente, cada vez mais esses limites estão sendo questionados e todos participam do processo aprendendo e ensinando a partir das suas experiências e percepções do mundo.

Cultura e ludicidade

Dizemos que algo é lúdico quando é feito sem tanta preocupação com a utilidade ou a aplicação imediata, quando algo é vivenciado de forma espontânea, despertando a nossa criatividade e emoção. O lúdico pode ser uma forma de vivenciar o tempo e o espaço socialmente, sejam momentos recorrentes (como festas típicas que a cada ano se repetem), sejam lugares de convívio comum (praças, ginásios, parques).

Neste sentido, tanto o lazer como o esporte podem ser formas de vivenciar a cultura, por propiciarem espaços e tempos lúdicos. O esporte ainda tem um papel semelhante ao da educação, no sentido de que pode ajudar a reforçar vínculos com uma cultura, assim como ajudar a cultivar hábitos saudáveis para a vida em sociedade.

Cultura e juventude

Depois do que vimos até agora sobre cultura, você consegue observar alguma relação dela com os jovens? Será que existe uma cultura de “jovens” e uma cultura de “velhos”?

Mas o que é ser jovem? É uma questão de idade? Ou de atitude? É “fazer coisas de jovem”? Além de uma faixa de idade, há a questão da atitude espontânea que convive com dilemas de maturidade e a pressão para ser adulto, principalmente assumir responsabilidades. Ser jovem é também estar num universo de relações com outros jovens. Há também a questão da linguagem, não apenas dos jovens em geral, mas também dos diversos grupos em que os jovens podem se identificar. Cada grupo cultiva vários modos de se expressar, desde novas palavras ou palavras utilizadas com um sentido muito próprio até roupas e acessórios característicos.

Mas existem manifestações artísticas próprias dos jovens? Durante muito tempo o rock foi considerado uma música exclusivamente jovem, mas hoje muitos de seus músicos e ouvintes têm mais de 60 anos. Procure conversar com alguém mais velho para perguntar sobre as músicas que ele gostava quando era jovem.

Além das músicas o que seria uma manifestação tipicamente jovem hoje? Nas cidades, o grafite pode ser considerado uma destas. Muitos jovens descobriram que intervenções urbanas como grafites e stickers (pequenos adesivos para postes e muros) podem ser melhores expressões criativas dos seus vínculos com os espaços e da sua identidade do que a pichação.

ATIVIDADE 3 – Construindo juntos: Fixação dos conceitos de cultura

Esta atividade tem como objetivo exercitar a capacidade de expressão escrita e oral – leitura e interpretação de texto.

Materiais

Papel, lápis ou caneta, dicionários, cópias xerográficas do trecho do texto ou quadro para anotações, folha de papel com dimensões de aproximadamente 1mx1m e pincel atômico.

Etapa 1: Cultura: do senso comum aos diálogos culturais

Disponha o grupo num círculo e solicite aos componentes que falem o que compreendem pela expressão “Cultura”. Utilize-se de um quadro ou pedaço de papel grande para anotar, destacando as palavras que se repitam. Faça uma leitura com o grupo dessas anotações iniciais. Isso auxiliará o grupo a perceber a possibilidade de construção de sentidos a partir do diálogo. Evidencie os vários sentidos da expressão cultura e o quanto o grupo aproximou-se das definições elaboradas pelos especialistas e onde ocorreu um distanciamento.

Feito isso, explique aos componentes do grupo a noção de “senso comum”, como uma compreensão que é produzida a partir das experiências cotidianas. Aproveite para avaliar a questão da convivência social – o quanto a nossa capacidade de criação e entendimento do mundo inicia-se com essas “pré-definições” que partem das experiências do dia a dia e são ampliadas na medida em que buscamos ouvir outras “opiniões” sobre o assunto.

Etapa 2: De olhos no dicionário

Resgate o verbete Cultura no dicionário. Transcreva os diferentes sentidos em pequenos pedaços de papel e distribua para leitura. Consolide os vários sentidos da expressão cultura, as aproximações e distanciamentos dos sentidos expressos pelos especialistas:

- Confirme para o grupo que o sentido que será utilizado ao longo das atividades do Projovem está mais próximo da perspectiva antropológica; e
- Estimule a utilização do dicionário em caso de dúvida com outras expressões.

Etapa 3: Um antropólogo define a cultura

A seguir, leia este trecho da obra do antropólogo Roberto da Matta:

...cultura não é simplesmente um referente que marca a hierarquia de “civilizações”, mas a maneira de viver total de um grupo, sociedade, país ou pessoa. (...) Cultura é, em antropologia social e sociologia, um mapa, um receitaário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmas. (MATTÁ, 1981, p. 123)

Orientações para a consolidação do conceito de Cultura

Examine com o grupo a compreensão do texto. Discutam em que medida o Coletivo se aproximou do conceito ao longo de Percurso Socioeducativo I. Em caso de dúvidas instrua a retomarem a leitura do texto introdutório e dos “boxes” destacados ao longo desse texto.

4.3. JUVENTUDE E ESPORTE E LAZER

O Esporte e o Lazer, nas ações socioeducativas com a juventude, constituem uma importante ferramenta para trabalhar valores e debater aspectos muito presentes em nossa sociedade, como a competição e o individualismo exacerbados, ou a supervalorização da técnica, para tomarmos aqui apenas alguns exemplos. É importante, também, por permitir o (re)conhecimento das contradições internas presentes no esporte e no lazer, a ponto de transformá-las a favor dos jovens e do Coletivo, permitindo, com isso, a exteriorização de sentimentos de ludicidade. O desenvolvimento de tais práticas requer uma reflexão que provoque ações capazes de (re)significar os conceitos apreendidos, demanda a construção de um ambiente que destaque a inclusão mais que a exclusão, a autoorganização coletiva, a elaboração de regras, tudo isso tendo como instrumento de ação os conhecimentos próprios de cada uma das manifestações corporais.

É através destes conhecimentos vivenciados nos diferentes espaços e equipamentos de lazer e esporte, que a sociabilidade entre os jovens, seus familiares e responsáveis e a comunidade se estabelece de forma ainda mais ativa. Quando o jovem, em seu tempo livre, busca uma atividade esportiva, tem condições de desenvolver, nas relações interpessoais, a capacidade de ouvir o companheiro, de expressar, de respeitar o outro em suas diferenças, de organizar-se, de mediar conflitos e de negociar interesses.

A partir das atividades esportivas, o jovem poderá perceber o esporte e o lazer como direito social, assegurado na lei, mas, muitas vezes, negligenciado na prática cotidiana. Diante dessa contradição, entre o que está na lei e o que existe na realidade, as atividades encaminhadas ao longo do Ciclo I têm a intenção de impulsionar a participação cidadã do jovem, para que este assuma o papel de protagonista, dentro e fora de seu território, reivindicando e ocupando mais espaços e equipamentos para a prática do esporte e do lazer.

Assim, espera-se que o jovem, ao participar dos desafios propostos nas diferentes atividades corporais, tenha condições de chegar ao final dos quatro Percursos Socioeducativos vivenciando ações coletivas que pressupõem a organização, a identidade, o pertencimento, sem se esquecer da importante relação com a totalidade que o envolve.

Para que tudo isso se concretize, os Encontros sobre o tema “Esporte e Lazer” no Ciclo I dividem-se em dez subtemas. No primeiro Percurso Socioeducativo, apresentamos inicialmente o que é Cultura Corporal, entendida como o amplo e riquíssimo campo da cultura que abrange a produção e vivência de práticas corporais em seus aspectos participativos, lúdicos, criativos, subjetivos, cooperativos e competitivos. Aborda-se o esporte desde sua origem até os dias atuais considerando, inclusive, suas contradições, ou seja, o esporte é capaz de proporcionar valores e vivências signifi-

cativas que contribuam para a formação dos jovens, como pode reforçar valores como a supervalorização da competição e o individualismo. Nesse sentido, se há um “tempo de trabalho” existe também um “tempo livre” e, dessa forma, o entendimento de “tempo” faz-se necessário para o jovem compreender o lazer* como um fenômeno moderno surgido das contradições presentes na relação capital* – trabalho.

No segundo Percurso Socioeducativo, desenvolve-se a reflexão sobre cultura corporal e saúde, buscando-se mostrar os limites e as possibilidades da atividade física como sinônimo de promoção de saúde. A organização interna do esporte e do jogo será desenvolvida, especialmente no que se refere à formulação coletiva de regras e seu potencial pedagógico para a convivência e a sociabilidade.

No terceiro Percurso Socioeducativo, serão feitos o mapeamento e a discussão sobre os espaços e os equipamentos de lazer e esporte existentes nos territórios, como condições necessárias para experiências significativas no tempo livre.

Por fim, no quarto Percurso Socioeducativo os jovens serão instigados a propor ações coletivas, que contribuem para as políticas públicas de esporte e lazer.

A articulação entre reflexão e ação é o desafio dos profissionais responsáveis pelas ações socioeducativas do Projovem Adolescente e, para tanto, o vivenciado nos espaços dos Encontros e das Oficinas deve se integrar e complementar pedagogicamente.

1 – O que é cultura corporal?

O objetivo é mostrar ao jovem o significado da cultura corporal, apresentando a importância do trabalho como princípio determinante na constituição da atividade humana e desenvolvendo a percepção da cultura corporal como parte da cultura geral, produzida pela atividade criadora do ser humano.

O ser humano distingue-se dos animais porque sua atividade criadora é racionalmente pensada antes de sua execução. Em outras palavras, mesmo que um pássaro construa engenhosamente um abrigo sobre uma árvore, ele o fará de forma instintiva, enquanto que o ser humano realizará a mesma tarefa, muitas vezes até com engenhosidade inferior ao pássaro, porém, tendo antes projetado em sua mente a forma que assumiria a construção. É a partir desta atividade exclusivamente humana, que chamamos de trabalho, que o ser humano apropria-se dos recursos da natureza, dando-lhes utilidades humanas. Logo, um pedaço de madeira pode transformar-se em objeto útil como cadeira, mesa ou lápis, para tomarmos apenas estes exemplos.

Mas como assim? Poderia se perguntar o jovem! Como será, então, que o trabalho pode servir como “princípio determinante” da cultura corporal?

O trabalho atravessou toda a história da humanidade sem perder sua essência. Evidente que, ao atravessar os diversos períodos da história, foi modificando-se de acordo com os interesses vigentes nos diversos modelos econômico-produtivos e de sociabilidade. Foi, e continua a ser, determinante ao modificar e dar forma às relações sociais estabelecidas entre as pessoas, assumindo, na sociedade capitalista, por vezes características que degradam o ser humano.

O trabalho em geral, responsável pela humanização do ser humano, define a todos nós e ao jovem como sujeitos históricos. Por isso, tudo que é humano é determinado pelas condições materiais de uma dada sociedade, nada é natural a ele. Se pensarmos no esporte, por exemplo, é equivocado afirmarmos que a competição, presente nesta manifestação da cultura corporal, é natural ao homem. Da mesma forma, é equivocado apontar somente a face perversa do esporte, como se tudo que advém dele fosse ruim (você poderá verificar, posteriormente, com maiores detalhes, a potencialidade educativa que o esporte tem, bem como o lazer, quando tratados de maneira responsável e crítica).

Com este olhar histórico da constituição da humanidade, e de suas práticas, pode-se afirmar que as manifestações dos esportes e do lazer são construções advindas da cultura mais geral, produzida na prática social.

Queremos dizer, com isso, que o homem não nasce pulando, saltando ou correndo, mas adquire esta capacidade conforme as necessidades e o meio em que vive. Pensemos nos jovens em sua infância, quando aprenderam a subir em árvores. Eles não nasceram com esta capacidade, como os macacos, mas a adquiriram a partir das experimentações individuais e coletivas, na tentativa de solucionar problemas reais emergidos de uma brincadeira ou até mesmo da necessidade de apanhar frutos ou proteger-se.

Como somos seres históricos, nenhuma prática que provenha da cultura mais geral é inata, construímo-nos ao longo da atividade criadora.

Para Debater com o jovem

O que isto tem a ver com cultura corporal? O que é mesmo cultura corporal?

As atividades relacionadas à cultura corporal, como os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, se diferenciam de outras atividades do ser humano por não concretizarem um produto material, assim como um automóvel produzido pela atividade de um operário. A característica essencial das práticas corporais é que o seu produto não é separável do ato da sua produção. Em outras palavras, o homem que joga, dança ou faz ginástica é capaz de realizar um drible, um arremesso, um salto (todos caracterizados como produtos da atividade física corporal) que é consumido de forma simultânea ao desenvolvimento da atividade. No jogo, no esporte ou em qualquer outra atividade corporal, o homem produz a satisfação das suas necessidades, atribuindo um valor de uso às atividades corporais. Tais atividades são imprescindíveis ao ser humano por atenderem a seu modo de ser, à sua realidade, às suas necessidades e às suas motivações. Essas características são essenciais para identificá-las e classificá-las como pertencentes à cultura corporal, portanto, resultado da vida e da atividade humana.

Sendo assim, sempre que falarmos de manifestações desta parcela da cultura, a cultura corporal, estaremos nos referindo às atividades que historicamente convencionou-se denominar de jogos, esportes, lazer, lutas, danças, ginástica, mímica, malabarismo, trapezismo, entre tantas outras atividades que compõem essa cultura.

Para finalizarmos este primeiro momento, vale a pena reforçar o caráter histórico e mutável das manifestações da cultura corporal. O esporte e o lazer não estão imunes às influências sociais.

As origens do esporte são excelente exemplo das modificações históricas pelas quais passaram essas práticas. O esporte é formado no seio da sociedade capitalista com objetivos determinados. Porém, no transcorrer de sua existência, vai sofrendo influências, tornando-se uma manifestação repleta de contradições. São estas contradições que apresentam também suas potencialidades formadoras e que possibilitam a sua identificação enquanto grupo ou classe social.

ATIVIDADE 1 – Mapeando as manifestações da cultura corporal praticada pelos jovens e reconhecendo valores e atitudes

Proporcione aos jovens uma atividade dirigida na qual você, Orientador Social, possa mapear quais são as manifestações da cultura corporal comuns entre os jovens e quais os principais valores percebidos nessas práticas (competição, individualismo, cooperação, solidariedade, outros).

Proporcione um espaço amplo – pode ser uma quadra, uma praça, ou um campo de futebol, ou outro espaço disponível – e diferentes materiais para que os jovens possam realizar atividades esportivas, jogos, brincadeiras, danças, entre outras. Neste momento, é importante que a atividade não seja dirigida, deve-se priorizar a liberdade de escolha, deixando os materiais à disposição dos jovens para sua interação e surgimento das manifestações da(s) atividade(s) esportivas. Para cumprir com o objetivo desta atividade, você contará com um roteiro de observação que ajudará no diagnóstico da realidade do grupo com o qual você está trabalhando.

Roteiro para o diagnóstico descritivo da realidade

1. Relação homem x homem.
2. Relação mulher x mulher.
3. Relação mulher x homem.
4. Cultura Corporal, quais as manifestações esportivas ou não esportivas que foram observadas?
5. Utilização de materiais não esportivos.
6. Utilização de materiais esportivos.
7. Uso de brincadeiras e jogos populares.
8. Na dança: reprodução de movimentos estereotipados (homens).
9. Na dança: reprodução de movimentos estereotipados (mulheres).
10. Relação Orientador Social x jovem

Dica

Para melhor desenvolvimento da atividade, procure disponibilizar aos jovens o máximo de materiais esportivos ou não esportivos a que você tenha acesso. Além de bolas dos diferentes esportes, seria interessante levar cordas, elásticos, pneus de tamanhos diferentes, boias de pneus, aparelhos de som portáteis e CDs com diferentes ritmos musicais e assim por diante.

ATIVIDADE 2 – Reconhecendo e respeitando as diferenças corporais

Esta atividade é importante para que o jovem perceba que tratamentos pejorativos e apelidos, tais como “gordo”, “baixinho”, “seco”, “dentuço” que, muitas vezes, fazem parte da constituição corporal de cada um, sendo influenciada por questões biológicas e sociais, acabam reforçando estigmas.

O reconhecimento da cultura corporal perpassa a subjetividade, o modo de ser de cada jovem, ou seja, sua individualidade. Assim, reconhecê-la é importante para que se respeitem as diferenças e as singularidades de cada um dentro do Coletivo.

Inicialmente, o Orientador Social deverá realizar uma breve conversa com os jovens a respeito do entendimento que possuem sobre a individualidade. Na sequência, deverá realizar os seguintes questionamentos: “Será que reconheço meu colega através do toque? Como posso perceber a individualidade através do contato corporal?”

Para o desenvolvimento da atividade, os jovens deverão estar com os olhos vendados (com um lenço cobrindo os olhos) e caminhando conforme o ritmo de uma música que estará sendo executada. Ao parar a música, devem procurar um colega e tentar identificá-lo através da percepção tátil. A atividade será repetida no mínimo, mais duas vezes, após o que, o jovem deverá retirar a venda dos olhos, anunciando quais foram os colegas identificados e as características que possibilitaram o reconhecimento.

Dica

Orientador Social, você deve ter como preocupação a constituição do grupo. Essa atividade contribui para a construção de um relacionamento mais saudável, pautado no respeito à individualidade.

2 – O esporte na sociedade moderna

O objetivo é mostrar ao jovem a constituição do esporte na sociedade moderna, os interesses que determinaram sua criação e as contradições existentes que negam, muitas vezes, o esporte como direito social.

Como foi abordado no subtema anterior, o trabalho tem a capacidade de explicar, por meio de sua condição histórica, também as práticas corporais que dele decorrem. Assim, a cultura corporal, como campo da cultura que abrange a produção e vivência de práticas corporais, deve ser tratada de maneira histórica, procurando estabelecer a relação, não somente aparente, que há com as práticas corporais. O esporte é, talvez, a manifestação mais conhecida pela população em geral, por seu amplo alcance a todas as pessoas. Por isso, as potencialidades presentes nesta prática social devem ser impulsionadas, tornando-a um direito fundamental a ser conquistado para o desenvolvimento integral das pessoas.

A Política Nacional de Esporte, construída com a participação popular na primeira Conferência Nacional de Esporte, busca estender a prática esportiva à maioria da população brasileira, demonstrando um esforço considerável em democratizar o acesso à prática esportiva, tornando-a, assim, uma atividade criadora, emancipada e autodeterminada.

Para isso, torna-se imprescindível aprofundar, com os jovens, a reflexão sobre a forma como poderiam ser tratadas as políticas públicas de esporte diretamente ligadas a um projeto de desenvolvimento nacional, democrático e inclusivo, que materializasse um direito fundamental para a formação e desenvolvimento humano.

Neste caminho de valorização e desenvolvimento do esporte – consideradas suas características potencialmente inclusivas e socializadoras de valores como igualdade, cooperação, competição como ato saudável e necessário para novos aprendizados – o jovem deve percebê-lo de forma histórica e ser capaz de entender algumas de suas contradições,

por exemplo: vitória x derrota; competição x cooperação; desigualdades entre poucos jogadores que ganham milhões e a maioria que vive beirando a miséria. Logo, a disseminação do esporte como promotor de igualdade social, de saúde incondicional ou antídoto de drogas, merece um olhar mais atento e crítico.

Voltemo-nos, então, à História. O esporte moderno, como manifestação da cultura corporal, surgiu da disputa entre a burguesia e os trabalhadores no século XIX, principalmente na Europa. Neste período era muito comum a realização de grandes festivais populares em celebração às colheitas bem-sucedidas, festas religiosas ou outras comemorações tidas como importantes para determinada comunidade. Nestas comemorações, os jogos populares eram muito utilizados ainda que ricos e pobres não os praticassem em locais comuns.

Com a ascensão da burguesia ao poder político e econômico, esta classe criou atividades que a diferenciavam da população pobre da época. Como a burguesia era responsável pelo trabalho intelectual, como, por exemplo, desenvolvendo teorias ou formulando leis, distinguia-se da massa de trabalhadores responsável pelo trabalho manual. Como os jovens da classe burguesa não tinham outra coisa a fazer senão estudar, seu tempo livre era utilizado para praticar atividades extras. O esporte surgiu como resposta aos anseios duplamente criados: para distinção entre as classes sociais e para ocupar o tempo livre dos filhos da burguesia.

Para que ficassem marcadas as diferenças entre os jogos praticados pela grande massa da população pobre era preciso adotar certas regras que não identificassem o esporte, pelo menos naquele momento, à prática dos jogos. Como é de se imaginar, os jogos populares eram realizados com grande sentimento de ludicidade, emoção, prazer, liberdade, irreverência, não agradando a burguesia, que procurava modificar o comportamento “atrasado” da população trabalhadora.

As regras institucionalizadas serviam para dar impressão de comportamento direcionado, obediência a determinadas regras que o jogo popular procurava adaptar sempre através da ludicidade.

Os trabalhadores insatisfeitos com o rumo tomado pela prática esportiva, iniciaram, ainda no século XIX, um movimento para que o esporte pudesse ser praticado por eles também. Neste contexto, surgiu o esporte amador, praticado pela elite nas escolas inglesas particulares, como o tênis, e o esporte profissional, praticado por trabalhadores que procuravam viver desta prática.

Neste movimento de contradições/diferenças, o esporte torna-se trabalho e, como tal, sofre as determinações do mundo do trabalho, principalmente o assalariamento de seus praticantes. O futebol atual é o melhor exemplo disso, pois passa de uma prática realizada pela elite como forma de lazer, para a prática profissional realizada por trabalhadores.

Como atividade mundialmente conhecida e praticada, o esporte atravessou o século XX como a principal manifestação da cultura corporal.

Para debater com os jovens

Tendo em vista a breve história da constituição do esporte, como ele é visto atualmente em nossa sociedade? Quem tem efetivo acesso a sua prática? Como pode ser o esporte uma atividade de direito social, que não privilegie apenas aqueles que possuem condições financeiras para usufruí-lo?

Este conjunto de questões nos ajuda a compreender como as contradições presentes na sociedade – marcada pelas desigualdades, pela falta de acesso a oportunidades e pelas exclusões decorrentes das condições sociais – acabam determinando muito do que se faz no esporte, inclusive seus principais objetivos. Daí a importância de organizar políticas públicas que ampliem a oferta de equipamentos e de oportunidades aos jovens para realizarem práticas esportivas que potencializem a sua formação e desenvolvimento.

O governo, nos níveis local, estadual e federal, é o responsável pelo bem-estar da população, principalmente por meio das políticas básicas como educação, saúde, segurança alimentar, assistência e previdência social e esporte e lazer, considerados, também, esses últimos, como direitos do cidadão. No entanto, estes direitos sociais estão, ainda, longe de serem garantidos em sua totalidade. Se a população brasileira sofre com a falta de moradia, de saúde e de segurança pública, sofre, também, com a falta de áreas públicas destinadas ao esporte e lazer. Não obstante, a partir de 2003 foi possível observarmos uma efetiva preocupação em relação ao esporte e ao lazer como direitos sociais. Tal ação possibilitou a constituição de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento social, ao fortalecimento da identidade cultural e da cidadania da população brasileira. A legitimação desse processo ocorre com a execução da I e da II Conferências Nacionais do Esporte, tendo como resultado a construção da Política Nacional do Esporte e dos pilares do Sistema Nacional de Esporte e Lazer, respectivamente. Essas iniciativas podem impulsionar a participação juvenil, tornando os jovens, também, agentes responsáveis pela construção das políticas relacionadas ao esporte e lazer.

No Brasil, a Política Nacional de Esporte e Lazer tem enfrentado o desafio de modernizar a legislação esportiva que, por muito tempo, esteve vinculada aos clubes esportivos privados. Com o novo Sistema Nacional de Esporte e Lazer, pretende-se vincular os aspectos educativos à prática esportiva, visando ampliar a participação esportiva da população. Ao mesmo tempo, o sistema de esporte deverá contemplar, em sua estrutura, os espaços e equipamentos adequados – inclusive nas escolas e em outros equipamentos públicos – para a realização de um trabalho contínuo por meio de programas especializados que possibilitem a participação esportiva da população. Tais programas públicos, em linhas gerais, pretendem democratizar o acesso ao esporte educacional de qualidade, como forma de inclusão social de crianças, adolescentes e jovens. É o caso do Projovem Adolescente, do Programa Segundo Tempo e do Programa Esporte e Lazer da Cidade que atendem às crescentes necessidades e demandas da população por esporte recreativo e lazer, sobretudo dos segmentos em situações de vulnerabilidade social e econômica.

O desenvolvimento humano a partir do esporte é assegurado quando se torna um direito social garantido por políticas públicas. A Política Nacional de Esporte vem atualizando as demandas históricas da população mais pobre de nosso país, para que passe de simples telespectadora à praticante ativa das atividades esportivas. Procura superar a visão de esporte como espetáculo, como paliativo aos problemas sociais e econômicos, contribuindo para desenvolver sentimentos solidários como cooperação, compreensão, competição, solidariedade, valores que contribuam para mudanças e transformações sociais.

ATIVIDADE 3 – Resgatando o esporte, os jogos e brincadeiras populares vivenciados por gerações mais velhas

Esta atividade objetiva resgatar o esporte, os jogos e as brincadeiras populares praticadas pelos avós, pais, irmãos mais velhos ou responsáveis, na tentativa de compreender quais foram as modificações que tais práticas sofreram e quais se perderam no decorrer da história.

Etapas 1:

Os jovens deverão apreender e aprender, junto e com os seus familiares ou seus responsáveis, quais eram as práticas corporais vivenciadas por eles quando adolescentes e jovens, sejam elas relacionadas aos esportes, aos jogos, às brincadeiras e às danças;

Etapa 2:

Com os dados obtidos, os jovens deverão construir um mural com todas as atividades que levantaram, contendo o tipo de atividade e seu desenvolvimento.

Dica

Vale lembrar que a intenção ao propor esta atividade é permitir aos jovens conhecer e praticar atividades lúdicas e esportivas que eram praticadas por seus familiares/responsáveis, quando eram adolescentes e jovens, possibilitando a apreensão das mudanças ocorridas nas diferentes manifestações da cultura corporal.

3 – Esporte e suas contradições internas: formação do Coletivo

O objetivo é mostrar ao jovem que o esporte possui certa organização e contradições internas, permeadas por convenção de regras para a convivência coletiva.

Já vimos que o esporte, como política pública, foi por muito tempo de acesso a poucos, restando à maioria da população a condição de consumidores, espectadores passivos dos grandes espetáculos produzidos pelo esporte de rendimento. Nesta arena montada em torno do esporte profissional, o que era para ser uma prática que envolvesse o lúdico em primeira instância, tornou-se trabalho. Com as relações de assalariamento, o esporte acaba refletindo as profundas desigualdades presentes na sociedade atual.

A veiculação de imagens esplendorosas pela mídia, principalmente a televisiva, cria um imaginário em torno do esporte, homogeneizando-o, tornando-o a vitrine para a juventude como modelo de corpo, gestos técnicos e modos de vida que podem ser alcançados. Isso não é ruim, ao contrário, mas deve ser filtrado de maneira crítica, servindo como estímulo à criação de outros hábitos. O seu papel, Orientador Social, diante da discussão envolvendo a mídia e o esporte, é alertar os jovens para o conteúdo das notícias, nem sempre verdadeiras e, que muitas vezes, ocultam uma série de questões que encobrem a essência dos fatos.

O que se vê no esporte de rendimento, veiculado na mídia, é a naturalização de práticas e valores como o individualismo exacerbado, a vitória a qualquer custo, a falta de ética e a utilização de recursos ilícitos. Em contraponto a esta visão, propõe-se o debate sobre a democratização do acesso ao esporte, cuja concepção deve primar pela ética esportiva e o desenvolvimento humano. Pode-se, ainda, resgatar valores positivos proporcionados pelo esporte.

Para Debater com o jovem

Identifique e reflita com os jovens os valores que são assumidos nesses espetáculos esportivos, e os valores que deveriam ser construídos e levados para suas vidas.

Outra importante questão referente aos pontos negativos do esporte é a participação maior de homens do que de mulheres nas atividades esportivas. Evidente que, por questões biológicas, os atletas de alto nível possuem força superior às atletas. O problema é que este fator, o biológico, se reveste de valores culturais entre a juventude, sendo que o discurso assumido é o de intolerância, cuja principal consequência é a criação no imaginário das pessoas que esporte é coisa de homem. Você pode estar pensando: mas isso tem mudado! De

fato, o espaço conquistado pela mulher na sociedade tem crescido de maneira considerável, no entanto, experimentalmente resgatar com a turma quantas mulheres praticam esportes nos finais de semana, em espaços destinados ao lazer! Quando muito, resta às mulheres torcer pelos homens, tornando-se praticantes passivas, na condição de espectadoras e telespectadoras.

A organização coletiva é uma das potencialidades que o esporte toma para si. Então vejamos: se unimos o esporte de rendimento com as potencialidades do esporte na formação da nossa juventude, poderemos ter em mãos um instrumento que contribuirá para a formação do Coletivo de Jovens. Neste trabalho é fundamental experimentar o jogo em suas dimensões lúdicas, não somente com finalidades de eliminação; assumir a competição como aspecto valorativo do jogo, sem que para isso seja necessário burlar regras ou utilizar-se de métodos ilícitos, como o uso de drogas; ter a ética e a coletividade como princípios orientadores das práticas esportivas, de modo que o jovem compreenda a importância do outro para que se torne possível a competição.

O conjunto de atitudes citado permite um olhar para o esporte em sua totalidade e em suas contradições, ajudando a percebê-lo não como aparente possibilidade de ascensão social, mas como meio importante para uma transformação na atitude das pessoas e para propiciar à totalidade da população pobre e excluída oportunidades e locais onde possa praticar esporte e ter acesso ao lazer como direitos de cidadania e inclusão social. Com base nestes princípios, o esporte deve ser apropriado pelo jovem como um direito social universal, ou seja, de acesso a todos. Isso significa que não pode ser destinado exclusivamente a descobrir talentos ou visto como possibilidade de ascensão social. O esporte deve ser praticado pela juventude, para que o gosto pela prática esportiva seja vivenciado, e não apenas observado ou discursado. O direito ao esporte não pode ser visto somente, deve ser vivido, como qualquer direito. Isso implica a participação da população e a oferta, por parte do Estado, de políticas públicas, serviços e atividades esportivas ou voltadas para o esporte que tenham como característica forte serem inclusivas.

O Projovem Adolescente não deve seguir modelos pré-estabelecidos, mas construir juntamente com os jovens um olhar ampliado sobre esportes, tornando-o campo de convivência democrática. O jovem, nesta perspectiva, poderá ver o esporte como possibilidade de interação, de estabelecimento de regras sociais, de valores que partam de princípios democráticos e coletivos.

Os princípios da convivência, da organização coletiva e do estabelecimento de regras devem pressupor o respeito às diferenças corporais, culturais, étnicas e de gênero. O esporte em sua plenitude potencializa a organização, a diversidade, a discussão e o estabelecimento de regras que favorecem a prática para a totalidade da juventude. Por tudo isso, não se trata de negarmos o esporte de rendimento, se trata sim de buscar identificá-lo e uni-lo a uma proposta em que os pressupostos pedagógicos prevaleçam, contribuindo para que o esporte se constitua numa atividade que favoreça a construção da cidadania coletiva e na qual os jovens se identifiquem como classe, mobilizando-se por mudanças em seu território/bairro, no que se refere à oferta pública de condições e oportunidades de esporte e lazer.

O território se caracteriza como um campo de forças, ou como “teias ou redes de relações sociais”, tais como o bairro, a rua, a família, a escola, a igreja, os diversos pólos de ação das políticas públicas. Nesse sentido, os territórios são, no fundo, relações sociais projetadas no espaço (SANTOS, 2006). O território também garante aos jovens uma designação local, um lugar de origem e de referência para o desdobramento de suas trajetórias de vida.

ATIVIDADE 4 – O futebol brasileiro e suas contradições

O objetivo é trabalhar as contradições e desigualdades sociais presentes no esporte, que são reflexos das contradições da atual sociedade. Entre essas, estão as diferenças salariais entre os jogadores de futebol brasileiro:

Etapa 1:

Os jovens deverão pesquisar o número de jogadores registrados na Confederação Brasileira de Futebol – CBF, entidade que organiza o futebol no Brasil. Deste número total, deverão apresentar quantos ganham salário superior e inferior ao mínimo estabelecido;

Etapa 2:

A partir dos dados obtidos, os jovens deverão organizar um quadro comparativo entre aqueles que recebem salários inferiores ao mínimo, em relação aos principais nomes do futebol brasileiro.

Observação: da mesma forma que se evidenciam desigualdades no mundo do trabalho, em geral, o futebol apresenta desigualdades sociais que serão desveladas pelos jovens com esta atividade de pesquisa.

4 – Tempo livre e tempo de trabalho: quais suas implicações?

O objetivo deste tópico é promover a compreensão da distinção entre tempo livre e tempo de trabalho.

Para que você, Orientador Social, tenha condições de trabalhar o lazer com o jovem tanto na teoria quanto na prática, precisamos iniciar nosso diálogo a respeito da conceituação de tempo, pois em todas as atividades de lazer que o jovem realize, o tempo deve ser levado em consideração. Exemplificando, se o jovem vai à escola no período da manhã, ele está no seu “tempo de trabalho”, pois se caracteriza como um período obrigatório. Ao retornar para sua casa e depois de seus afazeres escolares, resolve, durante a tarde, jogar futebol com seus colegas, soltar pipa, jogar bolinha de gude, caracterizando-se como um momento de lazer, isso só é possível por estar em seu “tempo de não trabalho”, ou seja, em seu “tempo livre”.

Assim, precisamos identificar, na história, como ocorre a distinção entre os tempos livre e de trabalho. Antes, porém, é preciso destacar que houve um período em que não havia a polarização evidente entre o “tempo de trabalho” e o “tempo livre”. Ambos se complementavam e havia um equilíbrio mútuo. Logo, o período de trabalho e o tempo livre não eram pré-determinados, ou seja, dependiam quase sempre das condições climáticas, das estações do ano.

Com a Revolução Industrial, passa a existir uma divisão entre o tempo de trabalho e o tempo livre. As condições que agora definem cada um dos tempos não são mais as condições climáticas, como ocorria anteriormente, mas são fatores criados pelo próprio homem, como a jornada de trabalho regulada pelo relógio. Com o estabelecimento de uma jornada de trabalho desgastante, que passava de 16 horas diárias, os trabalhadores se mobilizam pela sua redução, assim como pelo aumento dos seus salários. É assim que, aos poucos, surge um “tempo novo” subtraído ao tempo de trabalho, que chamamos de tempo livre.

Para que fique mais clara esta distinção entre tempo de trabalho e tempo livre, pensemos na seguinte situação: os pais ou familiares dos jovens chegam a seus empregos para realizar a jornada diária de trabalho e desenvolvem suas obrigações por um período determinado. Tal período caracteriza-se como o tempo de trabalho. Ao final de 8 horas, considerando ainda o tempo de deslocamento até seus lares, encerra-se o tempo de trabalho, dando início ao tempo livre. É este tempo que anunciamos como potencializador de ações coletivas, capazes de contribuir para modificar a vida das pessoas e a realidade em que vivemos.

ATIVIDADE 5 – Distinguindo tempo livre do tempo do trabalho

Apresentamos as distinções entre o tempo livre e o tempo de trabalho, importantes para entender o potencial das vivências no tempo de lazer. Nesta atividade, temos como objetivo fazer com que os jovens percebam como o seu tempo cotidiano é dividido, seja ele para o trabalho ou para o lazer.

- a) Proponha aos jovens que façam uma lista contendo todas as atividades realizadas durante o dia, desde a hora em que acordam até a hora em que vão dormir.
- b) Realizada a lista com as atividades, os jovens devem calcular o número de horas destinadas ao tempo livre e as destinadas ao tempo de trabalho.

Dica

O tempo de deslocamento para ir e voltar da escola, e o tempo de permanência nela caracterizam-se como tempo de obrigação. Da mesma forma ocorre com as obrigações familiares. Você, Orientador Social, pode articular essa Atividade com as Atividades 5 e 6, desenvolvidas no Tópico 3 “Tempo Livre e Tempo de Trabalho”, do tema Juventude e Trabalho, neste Percorso Socioeducativo.

5 – Lazer e convivência social

O objetivo deste tópico é promover a reflexão sobre o conceito de lazer como um fenômeno moderno e contribuir para a percepção do tempo livre como possibilidade de organização/reorganização coletiva da cultura.

Nossa intenção ao apresentar o significado atual do lazer é buscar aprofundar, em conjunto com os jovens, os conhecimentos que já têm e contribuir para uma vivência consciente e crítica do lazer.

Hoje, a palavra lazer é muito comum, no entanto, são poucas as pessoas que se preocupam em conhecer quais são suas origens. A Revolução Industrial teve papel central no desenvolvimento de tal conceito. Nesse período, a sociedade passa por uma série de mudanças, entre elas, a substituição das ferramentas manuais pelas máquinas a vapor, além da produção doméstica ser gradativamente substituída pelo sistema fabril. Nessa nova forma de organização social, o tempo de trabalho é mais controlado, as pessoas têm horário para entrar no trabalho, para almoçar e para sair. Pode-se afirmar que essa rigidez, que ocorre inicialmente no interior das fábricas, também passa a influenciar o tempo de não trabalho. Assim, é nesse momento histórico que emerge a definição do fenômeno lazer.

O Lazer é um “... fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (MASCARENHAS, 2003, p. 97).

O lazer constitui-se como um tempo e espaço de organização cultural, capaz de ampliar as oportunidades das pessoas, individual e coletivamente, de se apropriarem e produzirem cultura.

Levando essas questões em consideração, para que se tenha uma verdadeira liberdade de tempo, para além do tempo proposto na sociedade capitalista, as pessoas deveriam aliar suas vontades individuais às coletivas e exercitar de maneira crítica os modos de pensar e agir.

Acreditamos que por meio da cultura popular, da organização coletiva das comunidades com seus laços sociais, se pode contribuir para compreender as experiências no âmbito do lazer de forma transformadora.

Lembre-se

o lazer é realizado no tempo livre das obrigações de trabalho, obrigações domésticas e necessidades diárias, além disso, apresenta um grande potencial para a organização social dos jovens no território em que vivem. Não esqueça de destacar, para os jovens, a dimensão do lazer como instrumento importante no fortalecimento do esporte e lazer como direito social.

ATIVIDADE 6 – Reconhecendo e mapeando as atividades praticadas no tempo livre

Trabalhamos o conceito de lazer, preocupados em entendê-lo como tempo e espaço de vivências lúdicas. O objetivo desta atividade é mapear a compreensão que os jovens tiveram desse conceito e levá-los a conhecer e a refletir sobre as atividades que praticam em seu tempo livre.

a) Será que trabalho é lazer? Peça aos jovens para que expressem o que entendem por lazer, considerando a diferença entre tempo de trabalho e tempo livre.

b) Organizados em grupos com cinco integrantes, os jovens devem construir um mural apresentando quais são as diferentes atividades sociais, culturais, esportivas ou recreativas desenvolvidas no tempo livre. Na atividade anterior os jovens levantaram as atividades que realizam no tempo livre, o que pode auxiliá-los na construção do mural que agora está sendo solicitado.

4.3.1. Dinâmicas integrando os temas Juventude e Cultura e Juventude e Esporte e Lazer

O objetivo destas dinâmicas é formar um Coletivo de jovens que se respeitem e que levem em consideração a individualidade dos outros.

Recomendação ao Orientador Social e ao Facilitador das Oficinas:

A parceria no grupo de trabalho é tudo!

- Juntos vocês serão os “integradores” das práticas experienciadas pelo “corpo dos jovens” nessas e nas próximas “rodadas” em que todos colocarão o corpo em movimento.
 - Procure e marque um encontro com as outras pessoas envolvidas na condução dos trabalhos do Projovem Adolescente em sua localidade.
 - Faça a leitura crítica dos textos de orientação do Projovem Adolescente sinalizando as questões mais importantes. Dialogue com seus colegas (Orientadores e Facilitadores das Oficinas).
 - Quanto mais se prepararem em conjunto para as atividades a serem desenvolvidas nos Coletivos de Jovens, melhores serão os resultados alcançados.
 - Combine estratégias para sintonizar as atividades que estão vinculadas aos textos didáticos das diferentes áreas com as Oficinas de Convívio por meio do Esporte e Lazer e da Arte e Cultura. É importante que os jovens compreendam a integração dos conhecimentos apresentados nos textos e atividades entre si e também com as dinâmicas lúdicas.
 - Lembrem-se: Vocês que estão em contato direto com os Coletivos Jovens têm a responsabilidade de facilitar a compreensão do grupo sobre o sentido de cada uma das atividades e dinâmicas desenvolvidas. Somente, assim, a ação no mundo e a dimensão conceitual e teórica dos textos vão fazer sentido para eles!
 - Não perca de vista que ensinar-aprender são partes inseparáveis de um mesmo processo humano. Conceda-se esse direito de seguir aprendendo. Aproveite bem as experiências compartilhadas com todas as pessoas envolvidas no Projovem Adolescente, atento aos diferentes saberes.
- *Dinâmica 1 – Reconhecimento da identidade individual e do grupo*

Objetivos: *apresentação do grupo e descontração para as atividades posteriores.*

Materiais necessários: *cadeiras para todos os componentes do grupo, incluindo o Orientador Social, e uma pequena bolinha plástica ou de borracha (na dimensão de uma laranja).*

Etapa 1: A bola está rolando: qual é o seu nome?

Grupo sentado em círculo, em cadeiras ou acomodado no chão. Nessa dinâmica os jovens começam um diálogo básico, exercitam a capacidade de expressão oral e atenção, desenvolvem coordenação motora, controlando a ansiedade de estar em um grupo desconhecido.

Você, como Orientador Social, dá as boas-vindas a todos, apresenta-se dizendo seu nome, sua idade, qual o objetivo geral do Projovem Adolescente e a sua expectativa sobre o trabalho que irão vivenciar ao longo do ano. Em seguida, você explicará para os jovens que a bola que você tem nas mãos será lançada para um deles, que deverá apresentar-se para o grupo dizendo o seu nome, a sua idade e as expectativas que tem sobre a sua participação no Projovem. A seguir ele deverá arremessar a bola para um colega que fará a mesma coisa. Assim, até que todos tenham realizado

as suas apresentações pessoais e falado sobre suas expectativas de participar no Projovem. Você agradecerá ao grupo e passará imediatamente para a próxima etapa da atividade de apresentação.

Etapa 2: Nome e memória

No mesmo círculo do princípio.

Os objetivos das duas próximas “rodadas” de apresentação são auxiliar o grupo a memorizar o nome dos colegas; contribuir para o desenvolvimento da coordenação motora e da atenção, bem como, iniciar o desenvolvimento da expressão oral dos jovens e dos laços de cooperação no grupo.

Explique ao grupo que essa é uma dinâmica que exige atenção e um “ouvido bem afiado”! Explique a lógica geral, dizendo que, a pessoa que está sentada ao seu lado direito deverá lembrar-se, ao final da dinâmica, do nome de todos os componentes do grupo, assim, todos precisarão ajudá-la para que ela cumpra essa tarefa! Cada um será responsável por falar novamente o seu nome e o nome dos colegas que o antecedem no círculo, a partir da esquerda. Ou seja, você dirá o seu nome; o segundo ao seu lado esquerdo dirá dois nomes (o seu e o dele); o terceiro dirá três nomes (o seu, o do colega anterior e o dele) e, assim sucessivamente, até que o último repita os nomes de todos os integrantes do grupo. Normalmente, essa atividade, quando realizada entre pessoas desconhecidas e em um grupo que ultrapasse doze componentes, é difícil de ser cumprida. Facilitando e ajudando o grupo, dê continuidade e ao final da apresentação se poderá completar o “mapa do grupo”. Independentemente, dos resultados práticos o empenho da memorização e da expressão é digno de reconhecimento por você. Fale sobre a importância de nossos nomes pessoais como uma identificação e um reconhecimento de nossa individualidade. Parabenize os jovens reconhecendo o empenho de cada um na boa pronúncia das palavras e, provoque solicitando que todos digam rapidamente o seu nome. Então peça que se levantem; afastem um pouco suas cadeiras abrindo um pouco mais o círculo, solicite que andem pelo espaço da sala em passos rápidos e regressem ao círculo escolhendo agora um novo lugar (em relação ao que ocupavam antes, nas etapas iniciais). Sequencialmente, você já começará a última rodada desta atividade.

Etapa 3: Nome, memória e movimentos

Um círculo mais amplo do que aquele formado no princípio da atividade e com nova localização dos jovens. Os objetivos nesse momento são: consolidar a apresentação dos jovens; reforçar as vivências de memorização dos nomes dos colegas; exercitar a coordenação motora, a atenção auditiva e visual, a expressão oral, a capacidade de solicitar ajuda, a solidariedade e os laços de cooperação.

A dinâmica consiste em identificar pelo nome o maior número de colegas possível, apontando na direção da pessoa que confirmará ou não o seu nome. Quando o jovem que está identificando errar ou avaliar que não consegue ir adiante nessa tarefa, estenderá a mão para um dos colegas (localizado no círculo ao seu lado – direita ou esquerda) manifestando sua necessidade de ajuda para a continuidade. Assim, sucessivamente, até que a maioria do grupo ou a sua totalidade seja identificada. Caso “entre” em algum participante você estenderá a mão para um dos jovens ao seu alcance e caberá a ele a tarefa da continuidade. Se chegar um momento em que alguém tenha ficado sem identificação e o grupo não souber o seu nome, você como Orientador Social poderá socorrê-lo (se puder). Não sabendo o nome da pessoa, solicite a todos que se deem as mãos e a pessoa se apresentará.

Encerrando a atividade, peça a todos que se deem as mãos e, antes de concluir a dinâmica, conte ao grupo que os povos antigos acreditavam que existia uma “força mágica” nos círculos e nas rodas formadas pelas

pessoas e afirmavam que esse tipo de formação grupal poderia atrair coisas boas para a vida. Então peça que cada um diga uma palavra que represente um desejo, um sonho ou qualquer sentimento bom que gostaria de viver e dividir com os demais ao longo do ano.

• *Dinâmica 2 – Prática corporal: Qual é o meu nome? Reconhecimento da identidade individual e do grupo – “Pega-pegas”*

Objetivos: aproximação, descontração com o contato corporal e consolidação das identificações individuais.

Materiais necessários: não há nenhuma exigência específica a não ser uma quadra, um pátio ou um campo de futebol onde os jovens possam se deslocar e correr.

Grupo disposto no espaço delimitado. Nessa dinâmica os jovens poderão se deslocar, andando ou correndo. Eles não podem deixar a pessoa que for designada pelo Orientador Social tocá-las com a palma da mão no seu ombro.

O Orientador Social indica um dos jovens para iniciar a atividade. O restante do grupo vai fugir pelo espaço previamente delimitado. O jovem escolhido precisará alcançar um dos colegas, tocar com a mão em um dos ombros e falar o nome da pessoa que está tocando. Automaticamente aquele que foi identificado procurará alcançar e tocar com a palma da mão o ombro de outro colega. Caso alcance a pessoa, mas erre seu nome, continuará cumprindo o mesmo papel até que acerte o nome de algum dos colegas. Passados três minutos aproximadamente, o Orientador Social indica mais três jovens, constituindo assim uma equipe para cumprir o objetivo de identificar os colegas e ajudar a fixar os seus nomes. Esse aumento do número de jovens tentando identificar as pessoas pelo nome é para dinamizar a atividade, pois alguns jovens poderão correr durante a atividade toda sem serem identificados. A atividade pode ser encerrada convidando os jovens a sentar em círculo e a ir chamando em voz alta o nome de um colega que levantaria a mão, repetiria o seu nome e o nome de outro colega.

• *Dinâmica 3 – Nos ritmos do corpo: Eu e os Outros, sintonia possível? Reconhecimento das identidades individuais e do grupo*

Objetivos: aproximação, descontração com o contato corporal e consolidação das identificações individuais.

Materiais necessários: não há nenhuma exigência específica a não ser um piso plano, um local sem muito barulho e que suporte o ruído que será promovido por essa dinâmica sem interferir demasiado nas atividades locais.

Etapa 1: Experimentando o próprio ritmo

Convide o grupo para formar um círculo com as pessoas em pé. Dialogue novamente sobre a importância das “rodas”: os círculos, as danças e os jogos circulares são muito comuns em todas as culturas. Em nossa infância, há as brincadeiras de roda das crianças e muitos de nossos povos, em regiões diferentes do Brasil, também se expressam em danças e cantos de roda. São muito comuns imagens em que as pessoas se unem mantendo o

contato umas com as outras pelas mãos. Logo após essa explicação diga que a atividade que realizarão será feita em conjunto e está relacionada à percepção de cada um sobre os ritmos produzidos com o nosso corpo, mais exatamente com os pés. Oriente o grupo que vocês farão um contato/ritmo com os pés no chão, ou seja, batendo com os pés quatro vezes no chão, no ritmo de preferência de cada um. Um jovem depois do outro, como se fosse um diálogo. Você começará e um dos jovens responderá com as suas “sapateadas”, assim sucessivamente, até que todos tenham participado de alguma forma. Estimule-os a fazer sons de sua preferência, fortes, a ponto que possam ser escutados pelos demais. Caso ninguém do grupo responda ao seu primeiro pedido ou ocorra algum intervalo após o “sapateado” de alguém, a pessoa deve seguir “marcando o ritmo” e utilizar algum argumento falado para que alguém lhe auxilie na continuidade. Se na terceira “sapateada” não obtiver retorno você como Orientador Social deverá reassumir o grupo respondendo ao “diálogo dos pés”, proposto pelo jovem.

Etapas 2: Os ritmos diferentes podem conviver?

Encerre a etapa anterior solicitando que os participantes do grupo se deem as mãos, e juntos sintam a respiração, acalmando-se, pouco a pouco, após o movimento. Estimule que façam um pouco de silêncio para perceber o efeito das “sapateadas” anteriores no corpo e a presença das mãos dos colegas nas suas. Explique que no primeiro momento cada um produziu um tipo de ritmo e que vocês só perceberam isso utilizando os ouvidos e os olhos.

Agora, de mãos dadas, farão outro “diálogo com os pés” que vai permitir uma nova experiência. Novamente, você começará a atividade ainda com a regra das quatro “sapateadas” (dessa vez escolha um ritmo simples para facilitar o acompanhamento de todos) e ao qual, sequencialmente, a partir da sua esquerda todos do círculo “responderão” aproximando-se ao máximo do ritmo proposto por você. Estimule os jovens a sentirem a vibração que chega até as mãos, transmitida de uns para outros. A seguir, prepare os jovens para a terceira etapa desta vivência.

Etapas 3: Treinando a integração dos ritmos

Para agilizar essa etapa que envolve criatividade, expressão individual e atenção, subdivida o grande grupo em dois subgrupos (13 e 12 pessoas) e peça que se mantenham em roda situando-se de fora das rodas para poder observar melhor os jovens. É importante que esses pequenos grupos tenham um número aproximado de participantes. Um dos jovens será designado por você para iniciar o movimento das batidas com os pés, sendo que a partir dele os demais responderão da direita para esquerda. Reforce antes do começo do “diálogo dos pés” que devem usar energia e prestar atenção em todo o corpo sem se descuidar de manter as mãos unidas. A proposta agora é que o ritmo do “sapateado” seja totalmente livre e resulte da criatividade de cada um.

Etapas 4: Ritmos diferentes: Estamos juntos!

Reúna o grupo novamente no grande círculo com todos em pé. Solicite que troquem de lugares em relação às posições nas quais estavam anteriormente, para ficar ao lado de um colega que menos conhecem e, de preferência, que não esteve próximo em nenhuma das etapas anteriores. Oriente que segurem as mãos uns dos outros e que repitam agora a dinâmica das “sapateadas”, dando velocidade e força aos movimentos. Você pode solicitar ao grupo que alguém se ofereça para começar a batida do ritmo e que todos procurem segui-lo. Quando esse movimento estiver completo solicite outro voluntário para fazer um ritmo de “sapateado” que

todos deverão seguir. Estimule os jovens a conversar sobre como foi fazer esse exercício, orientando a fala para que seja feita desde o momento inicial e garantindo a fala de todos.

Dica

Orientador, dialogue com o grupo sobre essa experiência corporal: destaque as possibilidades de integração de todos que se abrem através da linguagem e o quanto perdemos quando alguém “fala” e o outro “não responde”. Avalie se a “corrente” proposta no círculo das atividades se quebrou ou não, estimule a colaboração e a importância da participação de todos. Aproveite para dar continuidade às noções de solidariedade e de solicitação de apoio que podemos oferecer e receber como componentes de um grupo. Sugerimos que essa dinâmica seja encerrada reforçando os aspectos conceituais contidos nos textos temáticos de “Cultura” e “Esporte e Lazer” (veja nos textos as indicações específicas – “linguagem corporal” e “cultura corporal”).

4.4. JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE

Podemos afirmar que os jovens de hoje vivem numa sociedade “pós-ecológica”, ou seja, já nascem e crescem num mundo onde a questão ambiental não só está presente, como passa a figurar entre seus principais temas. Portanto, a pauta “meio ambiente” vem conquistando espaço na agenda planetária, especialmente como uma resposta aos crescentes impactos que a humanidade (seus modelos de desenvolvimento e padrões de consumo) vem imprimindo à natureza, ao longo da sua história. Seria este o preço a ser pago para alcançarmos o tão sonhado “progresso”?

Indo um pouco além, é importante perceber que estes impactos não só cresceram em quantidade, mas em gravidade. Ou seja, eles estão mais presentes e mais graves; colocam em risco não somente a fauna e a flora, mas também a sobrevivência da nossa humanidade e do planeta como um todo. Esta noção foi recentemente confirmada com a divulgação dos últimos estudos e relatórios sobre o aquecimento global e as mudanças climáticas, tornando mais evidentes estes impactos.

O tema é polêmico e exige ampla discussão. É preciso encará-lo com uma espécie de “lente de aumento”, percebendo que as questões sociais, culturais, políticas e econômicas são também ambientais, na medida em que nós, seres humanos, fazemos parte deste “meio ambiente”, e, portanto, nossas manifestações, produções e contradições também estão aí inseridas.

E quais os sentidos desta conversa no Projovem Adolescente? Em linhas gerais, o tema está inserido entre os princípios que fundamentam as ações socioeducativas: “desenvolvimento sustentável e respeito ao meio ambiente”. O Projovem Adolescente, ao investir na relação dos jovens com o meio social em que estão inseridos, coloca em foco nas ações socioeducativas o meio ambiente, incorporando preocupações e posturas “ecológicas”.

Você já ouviu falar em desenvolvimento sustentável?

Este conceito ganhou força no final dos anos 80 e foi definido como sendo um modelo de desenvolvimento que concilia o crescimento econômico, a justiça social e a proteção ambiental. Ao longo dos anos 90 e 2000 este conceito foi amplamente debatido, ganhando novas compreensões, como sustentabilidade ampliada, sociedades sustentáveis, além de sinalizar para o consumo sustentável, responsabilidade socioambiental, entre outras derivações. Esses novos enfoques e novas perspectivas, em geral, procuraram equilibrar melhor as vertentes econômica, social e ambiental, tentando reduzir a impressão de que o conceito de “desenvolvimento sustentável” significava o mesmo modelo de desenvolvimento, um pouco mais limpo e “sustentável”.

A principal questão que está por trás deste debate é: que tipo de desenvolvimento queremos para nosso bairro, cidade e país? Este desenvolvimento leva em consideração as pessoas – suas crenças, habilidades e valores e o direito à qualidade de vida – e a natureza? É possível desenvolver um país preservando seu meio ambiente?

Todo este debate está em sintonia com os objetivos e as ações socioeducativas promovidas pelo Projovem Adolescente na medida em que:

- o meio ambiente, seja rural, urbano, natural ou construído, das comunidades em que os jovens estão inseridos, são mais do que um pano de fundo, um cenário ou uma paisagem na vida cotidiana, pois gera formas específicas de convivência e de sociabilidade, bem como apresenta demandas de atuação profissional.
- o tema se relaciona com o eixo “Mundo do Trabalho” de forma direta e indireta. Em qualquer atividade produtiva, o meio ambiente se apresenta como fornecedor de matéria-prima e de insumos (água, energia e outros), ao mesmo tempo em que se apresenta como uma área de atuação que demanda profissionais qualificados e aptos.
- cada município e cada cidade vêm construindo sua própria história de participação cidadã, por meio de ações e mobilizações sociais e políticas voltadas à proteção ambiental. A partir daí, as pessoas se organizam para defender o meio ambiente, o município cria e aplica, com a participação da sociedade, leis e instrumentos de proteção ambiental.

E quais serão os rumos desta conversa? Ao longo do Ciclo I do Projovem Adolescente, para as atividades socioeducativas com os jovens sobre o meio ambiente, o tema é apresentado em uma sequência de 11 subtemas, organizados a partir de assuntos que nos permitam construir uma visão introdutória, panorâmica e crítica do tema. Todos os subtemas são organizados em formato de perguntas, que instigam e provocam reflexões. Inicia a partir de uma reflexão introdutória sobre o conceito de meio ambiente, com a questão: “meio ambiente é igual à preservação da natureza?”

Em seguida provoca os jovens a perceberem “o meio ambiente do seu local”, a partir de um olhar sobre o passado e o presente da comunidade. Avança com uma discussão sobre as justificativas das ações de proteção ambiental, a partir da provocação “será que a proteção ambiental é realmente importante?”. Prossegue com mais duas questões que trazem a discussão para o eixo individual / coletivo, a partir de dois tópicos: “É só jogar o lixo no lixo?” e “Cada um deve fazer somente a sua parte?”

Mais adiante serão apresentados outros quatro subtemas que trazem questões relativas a princípios básicos do tema – “pensar e agir local e globalmente”, “responsabilidades compartilhadas, porém diferenciadas”, “desenvolvimento e sustentabilidade” – e ao tema do “aquecimento global e das mudanças climáticas”. Todos estes conceitos serão discutidos a partir das seguintes provocações: “As mudanças climáticas são mesmo uma realidade?”, “Quem cuida do meio ambiente no Brasil?”, “O meio ambiente trava o desenvolvimento do país?”, é “Briga de ‘cachorro grande?’”.

Finalmente, com a reflexão sobre o meio ambiente, o texto encerra com duas questões relacionadas ao campo das políticas públicas e da possibilidade de estender as ações de proteção ambiental para a sociedade como um todo. São elas: “Meio Ambiente é política?” e “Já ouviu falar de Agenda 21?”.

Deseja-se um bom trabalho e muitas indagações, reflexões, questionamentos e tudo mais que faça cada jovem pensar e assumir novos valores, lançar mão de novas atitudes, expressar opiniões e lutar por um mundo melhor. Para todos (humanos e natureza) é claro. Será que isto é possível?

1 – Meio ambiente é igual à preservação da natureza?

O objetivo é identificar diferentes visões sobre o tema “meio ambiente”, estimulando um olhar crítico dos jovens e provocando-os a perceberem como o tema está presente no seu cotidiano.

Há diversas formas de as pessoas enxergarem e compreenderem o tema meio ambiente. Em geral ainda prevalece no Brasil uma visão que apenas considera o meio ambiente como sendo sinônimo de natureza, ou seja, fauna e flora. Nesta visão, nós, seres humanos, não fazemos parte do meio ambiente. Mas será que esta visão é suficiente?

A relação entre nós, seres humanos, e o meio ambiente é tão próxima que é difícil nos colocarmos à parte do ambiente. Vejamos melhor isto. Começamos pela ótica da biologia: somos animais mamíferos e nos diferenciamos dos demais pela nossa capacidade de pensar. Sim, somos inteligentes, embora em muitos momentos isto não pareça ser verdade. Mas alguns poderiam dizer que somos animais diferenciados dos demais, e, desta forma, não poderíamos ser comparados com os demais. Por um lado faz sentido. Então vamos em frente, no nosso raciocínio.

Justamente por sermos animais racionais adquirimos uma enorme capacidade de criar, inventar, projetar e de fazer coisas materiais e imateriais. Diferenciamos-nos dos demais seres vivos pela inteligência, cultura, língua, conhecimentos e pela capacidade de transformar o mundo. E como temos transformado o mundo ao longo da nossa história! Ao mesmo tempo em que temos conquistado avanços importantes (vacinas, descobertas científicas e tecnológicas, entre outros), temos também provocado impactos no mundo (desmatamento, extinção de espécies, bombas, guerras etc.). Se olharmos por esta ótica, veremos que estamos sim inseridos no meio ambiente; relacionamo-nos com ele e causamos impactos (que podem ser positivos, mas, na maioria das vezes, são negativos). Não se trata apenas de um meio ambiente composto de natureza intocada, de mata virgem e de belas paisagens. Todas elas são, certamente, parte do meio ambiente, mas não são as únicas.

Nós, seres humanos, temos nos organizado historicamente em aglomerações urbanas – as cidades – que se vão erguendo sobre espaços com atributos naturais, rurais, e tantos outros. Vamos gerando mudanças na paisagem, e ela vai nos apresentando os limites geográficos destes territórios. Vamos construir às margens do rio? E quando ele inundar? Vamos morar nas encostas do morro? E se ele desbarrancar? A nossa inserção nos territórios é uma das formas de nos relacionarmos com o meio ambiente, e é pautada por fatores econômicos, políticos, culturais e sociais. Por exemplo: quanto custa morar neste ou naquele bairro? As pessoas moram no morro por livre opção?

Outro argumento que nos ajuda a perceber a presença do ser humano no meio ambiente é a inter-relação estabelecida entre ambos. Por um lado, nós dependemos do meio ambiente para sobreviver, afinal, necessitamos de água, energia, matérias-primas, alimentos, e tantos outros recursos para sobrevivermos. Por outro lado, há uma relação curiosa: muitos seres vivos não dependem de nós humanos para sobreviver. Aliás, se não existíssemos na Terra, muitas deles estariam até numa situação melhor do que estão com a nossa presença. Basta olhar para um conjunto de animais ameaçados de extinção, por conta das nossas condutas e atividades irresponsáveis. O fato é que acabamos estabelecendo uma relação bastante desigual com os demais seres vivos do planeta: recebemos mais do que doamos a eles. Pensemos a respeito. Não é verdade? Ainda mais agora com o problema do aquecimento global, estamos agravando os impactos e diversos seres vivos (além de nós) já estão sendo prejudicados pelos fenômenos climáticos, muitos deles nem sequer estão na lista de animais em risco de extinção. Seja para proteger ou destruir, fazemos parte do meio ambiente, embora não nos atentemos para isto. Portanto, o meio ambiente depende de nós, da nossa ação para restaurar nossas florestas, ajudar as espécies ameaçadas de extinção, enfim, proteger o meio ambiente.

Vamos então colocar em prática as questões que vimos acima? Vamos propor atividades aos jovens? Reunimos duas atividades que contribuem para ampliar as lentes dos jovens sobre o tema, ajudando-os a perceber que meio ambiente é mais do que natureza, e que todos os seres humanos estão inseridos neste ambiente, se relacionam com ele e exercem impactos diversos.

ATIVIDADE 1 – O que é meio ambiente para mim?

Ofereça aos jovens revistas, folhetos e jornais com imagens e fotografias diversas. Peça que cada um (individualmente) recorte três gravuras para responder a pergunta: “O que é meio ambiente para mim?”. À medida que cada um for terminando a tarefa, peça para formarem grupos de quatro pessoas. Em cada grupo, cada pessoa vai apresentar aos colegas do grupo a sua resposta. Após todos os participantes do grupo trocarem as respostas, uma nova pergunta será colocada a todos: “E agora, o que é meio ambiente para o seu grupo?”.

A ideia é que os grupos discutam e selecionem três gravuras que sintetizem a resposta encontrada. Todos os grupos serão orientados a apresentar aos demais as suas gravuras e sua resposta à pergunta. Após a apresentação de todos os grupos, abre-se uma discussão sobre a evolução do conceito percebida ao longo da atividade e da exposição dos grupos.

Alguns argumentos para o debate:

- o conceito de meio ambiente está em construção e, portanto, não está concluído ou finalizado.
- cada pessoa tem maneiras diferentes de perceber o tema. Portanto, não há fórmulas ou conceitos prontos para explicar o assunto. Cada um vai mudando sua forma de pensar sobre o tema à medida que amplia o diálogo com outras pessoas. Afinal, duas cabeças juntas pensam melhor do que uma, não é?
- perceber-se como sendo parte do meio ambiente é importante para ampliar a consciência das ações de proteção ambiental que cada um pode fazer no seu dia a dia. Exemplo de questão provocadora: “se somos parte do meio ambiente, somos parte do problema ou da solução?”.

ATIVIDADE 2 – Dinâmica da teia alimentar

A teia alimentar é como uma sociedade, mas ao invés de pessoas é formada por plantas e animais. Cada um nesta teia tem sua função e é importante para mantê-la equilibrada. Ela começa com as plantas, chamadas de Produtores, ou seja, são os seres responsáveis por produzir alimentos para serem consumidos. Em seguida, vêm os Consumidores Primários, que são os animais que se alimentam destas plantas, também conhecidos como herbívoros. Após, vêm os Consumidores Secundários, que podem se alimentar de plantas e dos animais anteriores. Em seguida estão os Consumidores Terciários, os grandes animais, carnívoros, que se alimentam de outros animais. Finalmente, a teia alimentar se encerra com a importante função exercida pelos Decompositores, que se alimentam de restos de animais, ajudando a devolver estes nutrientes à natureza. Estão aí os fungos e alguns animais.

Prepare previamente esta atividade, identificando com os jovens, plantas e animais locais, bastante conhecidos por todos e presentes na comunidade. A seguir, uma sugestão para esta identificação:

- a) Produtores: duas ou três plantas locais. Por exemplo: verduras, árvores frutíferas, cereais, plantas aquáticas etc.
- b) Consumidores Primários: dois ou três animais que se alimentam destas plantas. Evitar colocar o ser humano.
- c) Consumidores Secundários: dois ou três animais que se alimentam destes animais. Evitar colocar o ser humano.
- d) Consumidores Terciários: dois ou três animais que se alimentam destes animais. Aqui o ser humano pode entrar, mas é desejável que o grupo identifique outros animais além do ser humano.

e) Decompositores: dois ou três animais que se alimentam de matéria orgânica morta, como folhas, restos de animais mortos, fezes etc.

Todos estes animais e plantas deverão ser nomeados em pequenos pedaços de papel. Divida a quantidade de jovens por cinco para saber quantas plantas e quantos animais serão identificados em cada categoria da teia (letras a, b, c, d, e – Produtores, Consumidores Primários, Secundários e Terciários, e Decompositores). Coloque os papéis num recipiente e embaralhe bem. Em seguida, distribua aleatoriamente um pedaço de papel para cada jovem. Cada um deve pegar seu papel e manter segredo do seu animal ou planta.

Oriente a formação de um círculo com os jovens. Todos devem ficar em pé, ombro a ombro e em círculo. Peça que todos coloquem os braços sobre os ombros dos seus “vizinhos” de círculo. A intenção é fazer um grande abraço coletivo. Formado o círculo, informe ao grupo que houve um impacto sobre algum animal (de preferência os da letra b.) e que eles morreram. Observação: este impacto pode ser variado, dependendo da realidade de cada local. Se houver caça na comunidade, ela pode ser usada na atividade. Podem ser também pragas ou doenças, envenenamento, entre outros.

À medida que for anunciada a morte destes animais, os jovens que estiverem com estes personagens deverão deixar o peso do corpo cair sobre os colegas do círculo. A intenção é que o círculo permaneça de pé, e que todos os “vivos” façam um esforço para manter o círculo formado. Em seguida, devem-se perguntar quais são os animais que se alimentavam dos que morreram. Deve-se provocar o grupo a refletir a respeito das consequências desta ausência na teia alimentar. “O que vai acontecer com estes animais?” Uma consequência mais provável é a morte, e este fato gerará novas “baixas” no círculo.

Prossegue-se com a dinâmica até que o círculo não se sustente mais de pé. Neste momento, pede-se que todos se sentem e discute-se a atividade, procurando perceber a inter-relação entre cada integrante da teia, suas funções e importância para o todo.

4.5. JUVENTUDE E SAÚDE

Sabemos hoje que não basta ao adolescente e ao jovem estar livre de doenças para ser considerado ou sentir-se saudável. O conceito de saúde vai além da ausência de doença: envolve os aspectos físicos ligados ao seu corpo, envolve sua capacidade de pensar, capacidade de julgar e até de reconhecer e de expressar sentimentos. Inclui também a participação do jovem nas relações sociais (também ligadas aos sentimentos), passando pelo respeito às normas e desenvolvimento de valores éticos. A saúde, vista por este novo ângulo não pára por aí: envolve também os vínculos familiares e comunitários (laços que são estabelecidos com vizinhos, amigos e colegas nos arredores da moradia), a possibilidade de agir e de ser respeitado como um cidadão com os respectivos direitos e deveres.

O adolescente jovem interage intensamente com o meio. A qualidade dessa relação afeta sua saúde dependendo das condições de sua vida cotidiana – habitação, transporte, saneamento, poluição, entre diversos outros fatores. Pontos prejudiciais à saúde das pessoas seriam, por exemplo, não ter água encanada, ter esgoto a céu aberto, viver em moradia pequena para o número de moradores, sem privacidade para os membros da família, ter dificuldade de transporte, ônibus demorados e cheios, que são outras dimensões da saúde.

É necessário, pois, que os jovens tenham acesso universal a bens e serviços de proteção social, garantidos por um conjunto de políticas sociais básicas que cabem, fundamentalmente, à saúde, à educação e à assistência social.

Os adolescentes e jovens têm o direito de conhecer e utilizar a rede de proteção ao seu desenvolvimento saudável que é o Sistema Único de Saúde – SUS. Como cidadãos, eles têm direitos ao acesso a serviços de saúde capazes de

atender às suas necessidades de pessoas que estão crescendo e se desenvolvendo e a seu direito de participar no planejamento e avaliação das ações desenvolvidas nos serviços de saúde para eles.

Um dos objetivos do Projovem Adolescente é propiciar aos jovens a compreensão das noções básicas sobre saúde, uma vez que hábitos e comportamentos não saudáveis iniciados na juventude, como o uso do tabaco, alimentação inadequada e a falta de exercícios físicos, podem influenciar no aparecimento de doenças, como a pressão alta, por exemplo, que continuam pelo resto da vida. Por isso, é fundamental que os jovens aprendam e participem deste processo que contribui para o desenvolvimento integral de suas potencialidades, capacidades e habilidades para a vida e para responder às necessidades das diferentes adolescências e juventudes.

Neste sentido, é fundamental que gestores e profissionais de saúde, assim como os Orientadores Sociais, Facilitadores, técnicos dos CRAS, os próprios jovens, suas famílias e a sociedade, compreendam as necessidades dos jovens, que estão ligadas também a fatores ambientais, sociais e culturais. Uma das formas de fazer isso é incentivar a participação juvenil nos espaços sociais organizados para que as demandas dos adolescentes possam ser ouvidas e atendidas. É colocar em prática o “controle social”, uma das diretrizes da Política de Assistência Social, presente também no SUS, que prevê a participação da comunidade nas ações decorrentes das políticas públicas, as quais devem ser transparentes e para todos.

A reflexão sobre saúde é de extrema importância para os três eixos que sustentam a proposta metodológica do Projovem Adolescente – convivência social, participação como cidadão e as bases saudáveis para o mundo do trabalho –, dimensões da vida que são interdependentes e capazes de promover a saúde.

Existem diferentes modos de viver a adolescência no Brasil. Percebemos, por exemplo, que hoje em dia, inclusive, por um apelo insistente das propagandas, como as da televisão, que muitas vezes a visibilidade social está ligada à dinâmica do ‘*ter para ser*’. Ou seja, existe socialmente quem porta ou consome objetos valorizados – determinadas marcas ou “*griffes*”, ou ainda jovens que afirmam a virilidade masculina pelo caminho da ilegalidade e da exposição a situações de risco pessoal e social.

A ideia presente na promoção da saúde, de promover a participação ativa de adolescentes e jovens em atividades da comunidade, ajuda a criar outras formas de sua inclusão na sociedade, através de atividades pré-laborais, atingindo-se então duplo objetivo: o de permitir que o jovem se faça visível de modo saudável à sociedade e vá ensaiando, de modo prazeroso e criativo, os primeiros voos no mundo do trabalho – possivelmente ainda cheio de possibilidades e alegria, o que poderá mostrar ao jovem que sua inserção neste mundo não terá que ser sempre através de trabalhos mecânicos, cansativos, que deem pouca satisfação pessoal e profissional. Este processo contribui ainda para a autoestima do jovem, para o desenvolvimento de sua autoconfiança, ajudando a criar e a melhorar as bases para projetos de vida próprios, que serão importantes na prevenção à violência, ao uso do álcool, de outras drogas e DST / Aids.

No sentido sequencial do trabalho com os jovens, propomos a você, Orientador Social, que desenvolva os seguintes passos: neste Percurso Socioeducativo I, trabalhe com os jovens temas ligados diretamente à vida deles, como conhecer, dentro do próprio território onde habita, o que ajuda a proteger a sua saúde e o que a põe em risco, suas práticas ligadas à própria saúde em seu dia a dia, enfim, temas que permitam que se conheçam e reconheçam os outros, sob o ponto de vista da saúde.

Passando ao Percurso II, inicie o trabalho abordando com os jovens o seu desenvolvimento e o crescimento físico, buscando construir com eles uma conversa sobre como eles se veem, como suas escolhas e as condições do ambiente influenciam sua saúde. Conversar sobre as novas possibilidades de realização que têm ao se desenvolverem, e sobre a necessidade de novos cuidados e responsabilidades que devem acompanhar este processo de desenvolvimento.

O próprio Coletivo de jovens também se desenvolve: são vários jovens crescendo em um grupo que vai desenvolvendo suas possibilidades de funcionamento, atuação e importância para a comunidade. Marcar, então, para e com o jovem, esta rica semelhança, podendo-se comparar o crescimento deles (individual) com o crescimento do Coletivo.

Veremos que o jovem tem direito à saúde sexual e à saúde reprodutiva, com ampla informação sobre anticoncepção, gravidez, informação sobre o sexo, sobre as práticas sexuais, bem como sobre as doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a Aids. Você, Orientador, deverá criar possibilidades para conversar, mesmo que de modo introdutório, sobre como poderão as ações dos jovens fazer chegar a um maior número de pessoas os benefícios deste Coletivo Projovem. Ao fim deste percurso, uma conversa descontraída sobre a saúde bucal: como está a saúde bucal dos jovens do Coletivo? E a da família? Como melhorá-la? Lembre-se que para um bom e gostoso beijo é importante cuidar da higiene bucal.

Em seguida, já no Percurso Socioeducativo III, você trabalhará um tema da maior importância para os adolescentes e jovens brasileiros: o Coletivo fará uma pesquisa para ver quais são os números sobre mortes de jovens provocadas por causas externas (causas que vêm de fora do corpo, excluindo neste sentido, por exemplo, as doenças) no território e na região em que vivem, tais como as mortes ocorridas no trânsito ou por agressão. Procuraremos compreender quais são as causas de número tão elevado de mortes e quem tem morrido. Procuraremos pensar sobre quais são os fatores envolvidos nesta tragédia. Partindo desta compreensão, procuraremos ver o que pode ser feito para começar a reverter este quadro, mesmo que localmente.

No Percurso Socioeducativo IV, você, Orientador, retomará e aprofundará as Políticas de Saúde para a juventude sob o enfoque da promoção da saúde. A partir daí, ver como o Coletivo de Jovens poderá começar a desenhar ações que possam contribuir para uma vida mais saudável na e para a comunidade. Veremos se estas ações podem ter alguma relação com o propósito de desenvolver um território mais integrado e sustentável.

1. Adolescência, território, condicionantes e determinantes da Saúde – levantamento no território dos elementos, fatores e condições que trazem proteção ou perigo para a saúde dos jovens.

O Objetivo é elaborar com os jovens um instrumento para caracterização e acompanhamento, ao longo do Ciclo I, das vulnerabilidades sociais do território em que vivem, que têm impacto nas condições de vida e de saúde.

Vulnerabilidade = referente ao que é vulnerável, em pontos em que alguém pode ser atacado ou ferido (AURÉLIO, 1986, p.1474).

ATIVIDADE 1 - Localização e mapeamento de fatores protetores e fatores de risco e vulnerabilidade no território.

Material de apoio

Um mapa que inclua o bairro onde funciona o Coletivo e bairros adjacentes; pincéis atômicos: verde e vermelho; uma folha grande de papel pardo, folha grande de papel manteiga.

Etapa 1: Identificando os fatores protetores e os fatores de risco

Orientador Social, procure olhar o seu território e fazer um levantamento inicial sobre:

a) Fatores protetores: serviços públicos de qualidade (inclui educação, saúde, assistência social, entre outros), possibilidades de lazer e culturais, oferta de trabalho digno, associativismo comunitário sem controle político (quando pessoas organizam-se para lidar de um modo melhor com questões da comunidade), e outras alternativas.

b) Fatores de risco e vulnerabilidade – Exemplo: focos de prostituição, de venda, e consumo de drogas; trabalho degradante; trabalho infantil; travessia de autoestrada sem passarela ou sinal de trânsito (especialmente perto de locais que geram deslocamento de crianças, como escolas), locais desertos ou descampados e sem policiamento, iluminação pública precária, manipulação política da população, entre outros.

Pergunte aos jovens como eles completariam estas listas. Veja em seguida, então, como ficaram as listas, tanto de fatores protetores como de fatores de risco e vulnerabilidade.

Etapa 2: Mapeando o território

O mapeamento do território pode ser feito diretamente sobre um mapa geográfico, ou através de cópias de partes do mapa geográfico em folha de papel pardo (usando-se papel manteiga ou vegetal para copiar); nos mapas serão apontados os fatores protetores e os fatores de vulnerabilidade e risco. Em vermelho serão marcados os locais do bairro ou território onde se encontram fatores de risco à saúde, e, em verde, os locais onde aparecem fatores protetores (pode haver locais verdes e vermelhos ao mesmo tempo, onde coexistem as duas qualidades de fatores). O mapa deve, então, ser fixado na parede do local onde se reúne o Coletivo.

Este mapa na parede acompanhará o desenrolar do Coletivo, será modificado ao longo dos Percursos do Ciclo I e deverá ser bastante usado durante o Ciclo II, à medida que o Coletivo ou outros atores sociais (cidadãos ou instituições que atuem de forma organizada sobre a realidade social que os cerca) o forem modificando. É importante decidir com os jovens como ficará marcado o próprio Coletivo no mapa – eles mesmos devem escolher se o Coletivo deve entrar no mapa, qual será a sua cor e depois explicar o que motivou essas escolhas. Esta atividade deve ser feita em pequenos grupos de 4 a 5 jovens.

Os jovens devem ir criando uma lista de ações ao fim de cada Percorso Socioeducativo sobre o que está sendo feito e o que pode ser feito para transformar pontos vermelhos em neutros ou em verdes e para criar ou fortalecer os pontos verdes do mapa.

O Orientador Social deve procurar trabalhar com o grupo uma visão de promoção de saúde, com base na qual esses elementos devem ser sempre levantados, fatores e condições que acabam influenciando direta ou indiretamente na

saúde dos jovens e da comunidade, como os fatores ambientais (ar poluído, poluição sonora etc.) ou condições sanitárias inadequadas (fossas abertas, por exemplo), enfim, elementos, fatores e condições que vão interferir e até mesmo determinar a qualidade da saúde das pessoas no entorno.

2 – Adolescência e Saúde

Identificar as diferentes visões dos jovens sobre saúde e desenvolver com eles o conceito ampliado de saúde. Veremos que, se partirmos da compreensão de saúde como bem-estar físico, mental e social, e da discussão sobre as condições para concretizá-la, as práticas de autocuidado (cuidado de si mesmo), cuidado com a saúde e o desenvolvimento de hábitos saudáveis poderão ser internalizados.

ATIVIDADE 2 – Apresentação dos jovens, a partir do tema saúde

Material de apoio

Uma folha de papel A4 para cada jovem, lápis ou caneta.

Nas primeiras semanas de trabalho, é sempre bom reforçar a possibilidade de criação e estreitamento de laços entre os jovens. Nesse sentido, proponha aos jovens que se apresentem uns aos outros sob a ótica da saúde. Estimule que falem seus nomes e digam os três principais cuidados em saúde que eles têm no seu dia a dia e que cada um escolha uma característica que tenha a ver com ele mesmo.

Pode-se mencionar, por exemplo, os cuidados com a água parada, que favorece os criadouros dos mosquitos vetores que podem transmitir doenças como a dengue e a febre amarela. A apresentação de uma característica particular de cada jovem permitirá que comecem a se conhecer mais e dará um caráter lúdico à atividade.

Após essas apresentações, incluindo a sua, Orientador Social (sugerimos que seja a primeira, para dar o exemplo), você pode propor aos jovens um debate. Neste debate introduza a questão, se for o caso, sobre como é curioso que, embora a saúde seja uma das coisas mais importantes em nossa vida, não temos o costume de prestar muita atenção a ela e, às vezes, nem o costume de por ela zelar. Proponha então que seja conversado entre eles se existe alguma relação entre a característica escolhida por eles ao se apresentarem e os cuidados relativos à saúde que relataram. Solicite que os jovens falem um pouco sobre esta característica, oportunidade em que poderão falar de si podendo entrar em contato com seus próprios sentimentos e percepção de si mesmos.

Em uma segunda rodada, peça que digam o que lhes vêm à cabeça de imediato quando ouvem e pensam na palavra 'saúde'. Deverão então anotar em uma folha de papel tudo o que for surgindo durante o tempo máximo de sessenta segundos. A partir daí, convide-os para uma conversa geral em que devem tentar ver qual é a relação entre as condições do ambiente em que vivem e a saúde deles e das pessoas próximas.

Em seguida, proponha aos jovens a reflexão sobre o Coletivo que está se formando, a partir da participação deles. Coloque as seguintes perguntas para os jovens: como vamos aproveitar este tempo em que estaremos juntos? Que tipo de grupo queremos constituir? Será que podemos ser um grupo saudável e produtivo? O que será que cada um individualmente deve fazer para chegar a este objetivo coletivo comum?

Dê um tempo para que possam refletir sobre o que pensaram e falaram, para que entrem em contato com os sentimentos que podem ter surgido, para tranquilamente ir passando a outra atividade. Proponha a seguir nova dinâmica, dizendo: “nós do grupo vamos partir juntos para uma viagem, e só podemos levar três coisas conosco, que podem tanto ser objetos, como sentimentos. Que três coisas levaríamos para esta viagem?” Oriente os jovens a anotarem em uma folha de papel o que forem pensando. Ao fim de um tempo de até 3 minutos, peça que cada um conte ao grupo (disposto em círculo) o que levaria e por quê. Debater sobre o que foi trazido pelos jovens, lançando ao fim uma pergunta que deve acompanhá-los ao longo dos Encontros da Saúde e em seu dia a dia: Como está a saúde lá em casa? Como está a saúde em minha comunidade? O que eu, meus amigos e parentes podemos fazer para melhorar nossa saúde e a saúde em nosso entorno?

O que é saúde, afinal?

A partir da definição de saúde como bem-estar físico, mental e social, e não apenas como ausência de doença, podemos ver a saúde como tema central e ao mesmo tempo transversal (interligado) em relação aos demais temas que serão trabalhados no Projovem Adolescente (trabalho, esportes e lazer, meio ambiente, cultura e direitos humanos e socioassistenciais), uma vez que a ideia de saúde remete à própria existência – saudável ou não – do indivíduo em suas inseparáveis dimensões física (corpo), mental (psicológica e emocional) e social (rede de amigos, familiares, colegas, vizinhos, entre outras redes), presentes no cotidiano. É a pessoa, em suas dimensões biológica, mental e social, que cria e se movimenta pelo mundo do trabalho, contribui a construir e é sujeito de diversos tipos de direitos e deveres sociais, cria e participa de atividades culturais, esportivas e de lazer interagindo de forma permanente, influenciando e sendo influenciada pelo meio ambiente em que vive. A saúde da pessoa resulta, portanto, do entrecruzamento daquelas três dimensões: física, mental e social, que são, por sua vez, intimamente ligadas ao ambiente em que vive e à sua capacidade de modificá-lo.

ATIVIDADE 3 – Como o Coletivo define Saúde?

Material de apoio

Papel A4 e pincéis atômicos.

Dividir os jovens em grupos de 4 a 5 participantes, para responderem à seguinte questão: ‘como definir saúde?’ Cada subgrupo deve eleger um representante para apresentar ao Coletivo a conclusão a que chegarem. Após todas as apresentações, deve-se abrir espaço para o debate, colocando perguntas que possam ir ampliando as definições trazidas pelos subgrupos. Algumas informações úteis para o debate neste segundo momento:

Mudança de paradigma (*mudança no modo de ver, explicar e situar a saúde*), com o surgimento e aplicação da ideia de promoção da saúde, que ultrapassa a compreensão de saúde como ausência de doença, (re)significando-a como: bem-estar físico, mental e social, ao qual todos têm direito.

No entanto, os debates sobre o que é saúde continuaram a ocorrer, e, de acordo com variações ocorridas dentro do próprio movimento de promoção da saúde, chegou-se a outra definição sobre saúde!

“(…) a saúde passa a ser entendida como ‘um recurso para a vida cotidiana, e não como um objetivo da vida’”. (CARVALHO, 2005, p. 58). Este autor ajuda a entender esta nova ideia, a partir do texto abaixo:

(saúde) diz respeito tanto à capacidade física como à posse de recursos individuais, e (a saúde) é criada e vivida pelas pessoas nos distintos cenários da vida cotidiana por meio do cuidado consigo mesmo e com os outros, pela ‘capacidade de tomar decisões e exercer controle sobre as circunstâncias da vida’ e de assegurar a criação, na sociedade em que os indivíduos vivem, de ‘condições que permitam a conquista da saúde por todos os seus membros’ (trechos entre aspas simples WHO, 1986). 8

ATIVIDADE 4 – Continuando a construir as definições de saúde

Material de apoio

Folhas de papel com as definições de saúde, escritas pelo Orientador social; folhas de papel de cor branca de 50cmx50cm, para que os subgrupos escrevam suas conclusões; pincéis atômicos.

Etapa 1: Definindo Saúde

Preparação: você, Orientador, deverá trazer folhas, suficientes para até 5 grupos, com as diferentes definições de saúde: a) ausência de doença, b) bem-estar físico, mental e social, e c) saúde como recurso para a vida cotidiana. Terá que repetir algumas definições já que são três definições para até cinco grupos.

Etapa 2: Conceituando saúde

Entregar uma definição para cada grupo e pedir que a discutam e indiquem os prós e os contras da definição que têm em mãos e no que ela é diferente em relação ao entendimento do grupo sobre saúde. Após o debate, incentivar cada subgrupo a criar sua definição sobre o que é saúde, com suas próprias palavras, e colocá-la na folha maior de papel, para ser apresentada em seguida ao Coletivo. Após a apresentação de todas as definições, incentivar um debate cada vez mais aprofundado.

ATIVIDADE 5 – De que precisamos para viver?

Material de apoio

Cópias, suficientes para todos os membros do grupo, da letra da música “Comida” da banda nacional de rock Titãs. Essa letra está na íntegra na abertura do Tema Juventude e Cultura e no Anexo IV do tema Juventude e Trabalho.

Depois das atividades introdutórias e das várias ideias sobre o que é saúde, vamos agora trocar mais ideias com os jovens, de modo mais concreto e objetivo, a partir de algumas perguntas: “Do que o nosso corpo precisa? Do que nós precisamos?”

Notas

8. WHO, sigla para World Health Organization, que em português fica OMS (Organização Mundial de Saúde), uma entidade que se preocupa com a saúde da população ao redor do mundo.

Orientador Social, questione o grupo de jovens: “De que o nosso corpo mais precisa? Basta atender às necessidades do corpo para chegar ao bem-estar físico, mental e social”? Ouvir a opinião dos jovens e, em seguida, distribuir a letra da música dos Titãs e lê-la junto com eles, linha a linha, parando para entender cada verso. Incentivar para que alguém (ou alguns) cante(m) ou leia(m) a música para o grupo, sem preocupar-se com afinação ou com o produto final. Incentivar o grupo a interpretar a música.

Novamente, dividir o Coletivo em pequenos grupos para que cada um trabalhe um conjunto de aspectos necessários à saúde: aspectos físicos; aspectos mentais; aspectos sociais e aspectos ambientais. Se algum grupo quiser trabalhar com o conceito de saúde como recurso, poderá fazê-lo, e trazer suas considerações para o Coletivo debatendo-as com todos os jovens.

Dica

Nos debates, garantir a palavra a todos e cortar (com gentileza) a palavra dos que falam o tempo todo, não deixando que os outros falem, explicando que é importante que todos possam expressar-se. Garantir também o respeito entre todos, retomando, sempre que necessário, os consensos de regras de convivência estabelecidos pelo Coletivo.

Esta atividade pode ser articulada com as atividades dos temas Juventude e Cultura e Juventude e Trabalho, que também consideram a música “Comida”, como forma de favorecer a articulação e integração dessas dimensões na vida: saúde, cultura e trabalho.

Alguns pontos devem ser introduzidos pelo Orientador no debate, quando houver uma oportunidade para isso. Sugerimos que o coletivo faça o exercício de ir subdividindo cada aspecto em outros, por exemplo: saúde física (alimentação, exercícios, proteção ao corpo); saúde mental (estimulação, motivação, desafios, ambiente familiar equilibrado, aquisição de informação); social (convívio afetivo com outras pessoas, troca de percepções com pessoas próximas, desenvolvimento de atividades de lazer em conjunto com pessoas próximas, ou onde se possa conhecer novas pessoas e acesso à cultura como elemento de agregação). Adicionar os elementos que forem surgindo às definições anteriores e incluir outras qualidades de elementos como grau de poluição do ambiente (visual, sonora, entre outras); condições sanitárias, e outros que sejam trazidos pelos próprios jovens.

Quando da abertura do debate com todos os jovens, sugerimos que você, Orientador Social, puxe a conversa para temas ambientais, de infraestrutura, de serviços, por meio de perguntas que provoquem os jovens para estes temas. Por exemplo: o que a violência ou um ambiente violento tem a ver com a saúde? E um bairro sem esgoto? Sem água encanada? Uma comunidade que não tem lazer, onde a escola é longe, e não tem transporte direto, e não tem transporte para os alunos, o que isso tem a ver com a saúde? Devemos conversar sobre a realidade vivida pelos adolescentes, como a jornada de estudo e de trabalho (se for o caso), o desemprego, entre outros aspectos. Sobre hábitos saudáveis para o bem-estar físico: atividades físicas, fundamentais para a saúde do corpo e da mente. Além de benefícios a músculos, ossos e articulações, esses hábitos favorecem a qualidade do sono e a concentração nos estudos. Manter uma alimentação balanceada, se proteger contra superexposição aos raios UV (sol). O consumo de álcool e outras drogas como prejudiciais à saúde.

À medida que os jovens trouxerem novas contribuições, tenha sempre em mente, e trabalhe para que eles também o tenham, como um pano de fundo, o mapa que foi e continua sendo feito sobre o território em que moram, para que tudo que for relevante possa ir sendo anotado... e trabalhado!

4.6. JUVENTUDE E TRABALHO

O desafio da Introdução à Formação Técnica Geral – IFTG é contribuir à promoção da vida produtiva da juventude, a partir de ações que visem a fortalecer os conhecimentos e as habilidades dos jovens, para que possam desenvolver-se plenamente, em todas as dimensões humanas e exercer a cidadania, com visão crítica do mundo do trabalho e atitude proativa, que concorram para as transformações necessárias para a qualidade no trabalho e na vida.

A IFTG parte do trabalho como a centralidade da vida humana. O ser humano, diferentemente dos outros seres vivos, se define na contingência de produzir continuamente sua própria existência, a cultura e o mundo em que vive. O ser humano se constitui no momento em que necessita adaptar a natureza a si, ajustando-a às necessidades e às finalidades humanas.

Trabalhar não é outra coisa senão agir sobre a natureza e transformá-la. Essa transformação se dá na perspectiva das múltiplas formas de sociabilidade – o que envolve direitos, deveres, normas, valores, comunicação, cooperação e afetividade.

O trabalho, como processo histórico, se reveste de um caráter específico na formação social, cuja origem é a transformação da força humana de trabalho em mercadoria, raiz das formas de alienação, exploração e subordinação. Como princípio educativo, por seu caráter vital, o trabalho condensa enorme potencial criativo e emancipatório.

A IFTG, ao iniciar os jovens nos conhecimentos sobre o mundo do trabalho, propõe-se a contribuir para a valorização das formas de sobrevivência e de autodeterminação que concorram para o seu crescimento, sustentabilidade e vivência da juventude e jovialidade.

Os conteúdos da IFTG desenvolvem conhecimentos que emanam da organização, da técnica e da tecnologia que constituem o mundo do trabalho, com vistas a criar as condições para que os jovens se situem criticamente nesse mundo. Ao propor uma formação geral, inverte o método tradicional de qualificação, que se inicia pela especialização. Contribui, assim, para a formação integral do jovem, ampliando suas perspectivas e horizontes, em consonância, por um lado, com a própria estrutura contemporânea do mundo do trabalho, e, por outro, com o seu momento de ser em desenvolvimento e crescimento.

A especialização é uma escolha, a escolha é restritiva. A IFTG propicia que o jovem se aproxime das múltiplas possibilidades de ocupações e profissões, para que sua escolha seja menos prematura e mais referenciada. Por isso, integra a concepção da IFTG o desenvolvimento das competências comunicativas e das capacidades cognitivas, afetivas e de sensibilidade estética.

Promovendo a convivência, a participação, o aprimoramento da comunicação para o enfrentamento de desafios comuns à vida e ao trabalho, contribui para a formação integral desses jovens, que ainda não tiveram garantidos os seus direitos à educação básica e à qualificação para o trabalho.

A IFTG ancora-se na experiência que os jovens já trazem e propõe novas situações de vivências e práticas, provendo-os de conhecimentos do mundo da técnica e da tecnologia, que lhes possibilitem, frente à mobilidade no mundo do trabalho, ampliar perspectivas hoje reduzidas não só pela precarização das condições de trabalho, mas também pelo novo desenho do mundo do trabalho, decorrentes da globalização dos mercados e dos avanços tecnológicos das últimas décadas.

Para isso, discute e reposiciona as categorias: mercado de trabalho, economia formal e informal, atra-

vés do recorte conceitual entre mundo do trabalho, mercado de trabalho e de consumo, por meio de uma formação dos jovens que lhes possibilite adequar-se às demandas, mas também buscar formas alternativas de trabalho com base em ações cooperativas e associativas, que lhes permitam a necessária geração de renda com autonomia e dignidade.

Os conteúdos da IFTG no Ciclo I organizam-se nos seguintes blocos:

- Formação Técnica Geral – FTG: introduz conhecimentos conceituais e técnicos básicos relativos a qualquer tipo de trabalho.
- Projeto de Orientação Profissional – POP: roteiro orientado de registros sobre vivências e escolhas dos jovens ao longo do serviço socioeducativo (ficha no Anexo I).
- Processo de inclusão digital e aprimoramento das competências de comunicação – PontoCom@: desenvolve as linguagens oral, escrita e informatizada, como instrumentos para o aprimoramento de competências, capacidades e habilidades envolvidas na realização de atividades produtivas, sociais e culturais.
- Avaliação e sistematização: a dimensão da avaliação e sistematização dos processos vivenciados nas ações formativas da IFTG é constitutiva da concepção de formação integral que toma seus participantes como agentes em todas as suas etapas: da concepção, planejamento, execução, avaliação e o consequente replanejamento do processo socioeducativo que se fizer necessário.

Na exposição das atividades aparecerão os símbolos PontoCom@ e POP, indicando tratar-se de oportunidade para o desenvolvimento desses blocos. Sempre que necessário, serão inseridas orientações para subsidiar o tratamento desses conteúdos.

Sempre que se estiver tratando de algum conceito que requeira um aprofundamento, este será acompanhado do asterisco*, indicando que o termo está inserido no Glossário que se encontra no Anexo II ao fim do tema Juventude e Trabalho neste Caderno.

Síntese do Programa da Introdução à Formação Técnica Geral no Ciclo I

Percurso I	Percurso II	Percurso III	Percurso IV
<i>Trabalho como arte e como técnica</i>	<i>Mundo do Trabalho, mercado de trabalho e do consumo</i>	<i>Trabalho e mobilidade</i>	<i>Planejamento, Programação e Controle da Produção – PPCP – na ação socioeducativa</i>
<i>Trabalho e conhecimento</i>	<i>Qualidade de vida e qualidade no trabalho</i>	<i>Trabalho e a formação dos territórios</i>	<i>Trabalho e comunicação</i>
<i>Trabalho e tempo livre</i>		<i>Os direitos como conquistas dos trabalhadores</i>	
<i>POP: minha experiência de trabalho; memória de trabalho dos familiares</i>	<i>POP: ocupações e relações de trabalho dos jovens e familiares</i>	<i>POP: ocupações do território e características das ocupações de meu interesse</i>	<i>POP: plano de ação pessoal e a ação socioeducativa</i>
<i>PontoCom@ verbalizar, apresentar, argumentar, debater</i>	<i>PontoCom@ redigir, resumir, interpretar, registrar</i>	<i>PontoCom@ comunicação visual, gestual, representar, interpretar, criar</i>	<i>PontoCom@ comunicação na ação socioeducativa</i>
<i>Avaliação e sistematização</i>	<i>Avaliação e sistematização</i>	<i>Avaliação e sistematização</i>	<i>Avaliação e sistematização</i>

1 – Trabalho como arte e como técnica

Os objetivos a serem alcançados no desenvolvimento deste tópico são os seguintes: a) refletir sobre o fazer artístico e cultural como atividade humana que trata de capacidade criativa, trabalho intelectual e da indissociabilidade entre o fazer e o resultado concreto; b) entender a necessidade das técnicas e sua importância no mundo do trabalho; c) desenvolver visão crítica sobre o mundo trabalho a partir dos seus anseios e suas experiências, bem como o conhecimento de noções iniciais sobre o mundo do trabalho.

Considera-se o trabalho como atividade humana criadora que relaciona os homens entre si e com a natureza, como autorrealização e como necessidade social. Não há sociedade sem o trabalho de homens e mulheres. A cultura é resultado justamente dos processos sociais de produção e reprodução das relações sociais de trabalho nas suas diversas dimensões: a arte, a técnica* e o conhecimento.

A arte e o produto artístico, em suas múltiplas formas, são, portanto, resultado do trabalho de homens e mulheres no esforço de representar a vida, as relações humanas a relação homem-natureza.

Por outro lado, há na arte um saber fazer, uma técnica, um conhecimento, modos de fazer específicos e sociais de acordo com a finalidade a que se propõe o trabalho artístico. As produções artísticas das classes populares em nossa sociedade sofrem o estigma da desvalorização. Quem não sabe ler ou escrever pode ser artista? Se a pessoa não domina o código[@] culto da língua materna, pode compor músicas e melodias de qualidade? Os grafiteiros fazem arte? A arte está só nos salões consagrados das cidades?

Todos podemos ser artistas. A arte está na vida. Arte é trabalho. Muitos de nós podemos desenvolver, por experimentação ou por estudos, conhecimentos técnicos para o fazer artístico. Há nas expressões culturais uma fonte imensa de trabalho e possibilidades socioeducativas.

A técnica é uma maneira organizada e eficiente de realizar um trabalho. As técnicas, quando reconhecidas pela sociedade ou pela comunidade, são transmitidas de geração a geração. Nesse sentido, as técnicas fazem parte das tradições culturais dos povos. Nos dias atuais, o intercâmbio de técnicas e saberes têm um ritmo muito acelerado em virtude das facilidades proporcionadas pelos meios de comunicação.

PontoCom@

Código: é o sistema de sinais utilizado na comunicação. Os códigos variam segundo os meios materiais que os reproduzem (gestos, escrita, cores, imagens, sons), o meio de recepção de suas mensagens (visual – luzes, cores, imagens; auditivo – sons da fala, apitos do trânsito; tátil – escrita Braille), e o grau de sua complexidade. Cada comunidade linguística, com base nos vários usos de sua língua materna, adota um uso como o ideal, também chamado de padrão culto. Nós brasileiros adotamos como padrão culto ou formal, o que corresponde ao uso do português escrito no Brasil. A partir de 2009 entrou em vigência o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa que unifica a grafia das palavras nos países que adotam o português como idioma oficial.

ATIVIDADE 1 – Fazendo arte e trabalhando

Etapa 1: Dinâmica de ocupação de espaços.

Convide os jovens para se movimentarem livremente pelo espaço, acompanhados por uma música que você considere apropriada. A circulação deve ocorrer sem palavras e no ritmo da música. Oriente-os a olharem uns aos outros, procurando perceber semelhanças e diferenças. Procure evitar que caminhem em fileiras no mesmo sentido. Devem ocupar todos os espaços disponíveis no ambiente. Ao longo da dinâmica, você deverá sugerir que os participantes formem agrupamentos (sugestões abaixo). Nesses momentos você deve abaixar o volume da música para permitir agora a conversa entre eles. Na passagem da formação de um agrupamento para outro, os participantes são convidados a retomarem sua movimentação livre pelo espaço.

a) Formar grupos de 3 jovens (para quebrar gelo): devem apresentar-se entre si (nome e/ou apelido; tipo de música; time de futebol; uma característica positiva e uma característica negativa).

b) Formar grupos por experiência ou não de trabalho, com ou sem remuneração (vale lembrar: pretende-se saber quais

e quantos dos nossos adolescentes jovens tiveram negado o direito à educação básica, precipitando sua incursão no mundo trabalho). Abrir o relato de alguns depoimentos para identificar a natureza, o tipo e as condições de trabalho* vividas.

c) Formar grupos pela cor dos olhos (estimular os participantes a olharem nos olhos uns dos outros, coisa que fazemos pouco normalmente). Explorar diferenças e semelhanças presentes no grupo.

Etapa 2: Educando os olhares sobre a arte, a técnica e o trabalho

Material de apoio

Fotografia de um jovem aprendiz do Observatório de Favelas do Complexo da Maré; Fotografias de Sebastião Salgado (Trabalho infantil e Trabalhadores); Óleo sobre tela: (“Operários”) de Tarsila do Amaral; “Retirantes” de Portinari; Grafite representando uma problemática social; Charge sobre a história da técnica (Integração). Imagens no Anexo IV.

Disponibilizar as diferentes imagens ‘artísticas’ para discutir os elementos que relacionam arte/técnica/trabalho. Os jovens devem observar as imagens aproximando-se daquela que mais chamou sua atenção, formando novos agrupamentos. Estimule que verbalizem[@] suas escolhas nos grupos por imagem, respondendo às questões abaixo.

- Com qual(is) imagem(ns) você mais se identifica? Por quê?
- Como chamamos o autor (ocupação) das respectivas imagens?
- Quais imagens expressam um trabalho artístico?
- Quais os conhecimentos técnicos para a realização do trabalho artístico de cada imagem?

PontoCom@

A verbalização dos jovens deve ser trabalhada na perspectiva de desenvolvimento da clareza na exposição de ideias e opiniões, na identificação do tema e das ideias principais e na ampliação da capacidade argumentativa, com vistas à propriedade e pertinência das ideias. Progressivamente, os jovens e adolescentes devem ser estimulados a aprimorar e ampliar suas competências para a manifestação e expressão nas várias linguagens estabelecidas na sociedade, em sua variação do contexto coloquial, que caracteriza a fala oral, para um contexto mais formal, o dos textos escritos. Para tanto, é fundamental que o trabalho com a língua portuguesa tenha sempre como ponto de partida o conhecimento e o desempenho linguístico dos jovens, sua prática de leitura, suas dificuldades na produção escrita, bem como suas representações do que seja ler.

Nesta atividade, como em outras de mesma dinâmica, deve ser valorizada a capacidade de apresentar argumentos, de argumentar[@], de fazer ilações, deduzir, concluir, sustentar controvérsias. Essas são algumas das capacidades transversais gerais que se atualizam nas inter-relações pessoais e sociais do dia a dia e nas atividades de trabalho.

Argumentar: é apresentar uma ou várias informações (argumentos), que sejam consideradas relevantes, seja para fundamentar uma opinião, seja para influenciar o ouvinte. Quem argumenta lida, sobretudo com as leis do pensamento racional, fazendo generalizações, comparando e contrapondo ideias e opiniões, explicitando causas e efeitos, formulando hipóteses, deduzindo, tirando conclusões.

Etapa 3: Produção artística (sistematização e ressignificação)

Cada participante é instado a produzir uma “obra artística”, fazendo uma releitura livre da imagem escolhida e analisada. Sugere-se a produção de desenhos com uso de lápis de cera e/ou uma pintura com tinta guache. Devem produzir ainda uma legenda® para a obra com título, autoria, ano. Ex: “Revelação”. *Fernando da Silva. 2008. Pintura sobre a tela “Retirantes” de Portinari.*

PontoCom@

Legenda: é um texto breve que acompanha uma ilustração. Vem geralmente abaixo da foto ou desenho, mas pode igualmente estar colocada ao seu lado, acima, ou mesmo dentro de seu espaço. A legenda deve ser um complemento da ilustração, não uma simples duplicação dos fatos descritos na imagem, nem uma etiqueta de identificação.

É uma oportunidade para desenvolver com os jovens a capacidade de leitura e de linguagem visual, interpretando-a e identificando os aspectos interessantes que singularizam o desenho. A finalidade da legenda é levar o leitor a se interessar o suficiente para que volte a olhar a imagem com atenção. Mesmo curta, a legenda é uma forma de texto que possibilita o exercício da criatividade e expressividade, pois além de informativa, pode ser irônica, humorística, instigadora, crítica, ou assumir outras funções, de acordo com a intenção do autor.

Etapa 4: Avaliando a produção artística

Material de apoio

Lápis de cera e/ou tinta guache e folhas de papel ofício.

Texto de apoio 3: *Técnica, Tecnologia e Ciência. (VARGAS, 1999), Anexo III.*

Avaliar o exercício da produção artística do Coletivo dando ênfase na técnica. Indague-os: como foi o processo de produção? Suas etapas? Que instrumentos foram utilizados e com que função? Dificuldades? Facilidades? Que conhecimentos e domínios são necessários para esse tipo de produção?

Dando continuidade à problematização das diferentes visões sobre o trabalho, que estão presentes na sociedade, pretende-se desenvolver a percepção do trabalho como realização pessoal, meio de participação na vida social e de transformação da realidade em que se vive. Isso será feito por meio de aproximação das informações e noções gerais sobre a regulação e a organização do mundo do trabalho, sempre a partir da valorização dos conhecimentos e saberes dos jovens. O objetivo é levá-los a entender o trabalho tanto como produtor de conhecimentos, como resultado das relações sociais e, portanto, que o trabalho apresenta tanto possibilidades libertadoras como opressoras

Dica

Para uma visão geral sobre a história e o sentido e organização do trabalho e seus sentidos, ver no ANEXO III o texto de apoio 1 – O mundo do trabalho: breve história sobre os valores e as formas de organização e produção do trabalho. (IFTG-MDS-2008).

Na atualidade brasileira, os adolescentes jovens de famílias de baixa renda, pressionados pela falta de condições econômicas de suas famílias, acabam por buscar uma inserção precoce no mercado de trabalho* formal e informal, em condições instáveis de desenvolvimento profissional, vínculos e condições* precárias de trabalho e remuneração, em postos de baixa qualificação.

O propósito é enfatizar, neste momento, os aspectos positivos do trabalho como elemento organizador da vida em sociedade: a sua natureza valorativa e a forma com que os homens e mulheres conseguem garantir sua subsistência e sobrevivência. Como uma atividade que inclui pessoas na vida social e permite que adquiram novos conhecimentos e amizades. Como forma de cada pessoa desenvolver seus talentos e habilidades. E como meio de as pessoas se sentirem necessárias e úteis socialmente.

Além desse aspecto do trabalho como organizador dos sujeitos na vida social, deve-se apresentar aos jovens conhecimentos presentes na organização do trabalho, independentes da especificidade contida em cada ocupação*, tais como a formação* para o trabalho; a preparação do trabalho; o processo de trabalho; o produto e os serviços do trabalho.

ATIVIDADE 2 – Os sentidos do trabalho

Etapa 1: Atribuindo sentidos ao trabalho – texto coletivo

Material de apoio

Tiras de papel (1ª etapa) e pincéis atômicos; revistas ou recortes com imagens de trabalhadores em seus ofícios, lousa, ou folha de papel pardo (2a etapa).

Prepare tiras de papel, suficientes para que todos os jovens do grupo possam registrar, com uma frase, o significado do trabalho. Estimule-os a buscar esses significados nas suas próprias experiências, nas relações sociais e na sua memória. Procure auxiliar aqueles que tiverem dificuldades de fazer os registros. Não se preocupe em corrigir os textos nesse momento. Após todos terem redigido suas frases, oriente que as coletem no quadro negro, na parede ou na folha de papel pardo. Faça com os jovens a leitura coletiva dessas frases. Sistematize os sentidos expostos. Procure apontar aspectos e conceitos distintos: semelhanças e diferenças; e as diferentes visões sobre o trabalho.

Etapa 2: Atribuindo sentidos ao trabalho – comparação com o conceito de trabalho decente.

Material de apoio

Pequenos cartazes com letras de músicas (ver Anexo IV), que facilitem a discussão das visões de trabalho e contribuam a refletir com os jovens os significados atribuídos ao trabalho.

Apresentar o texto a seguir, registrado em um cartaz, com o conceito de *trabalho decente*, definido pela Organização Internacional do Trabalho – OIT. Solicitar que os jovens confrontem os significados que atribuíram ao trabalho, com o conceito da OIT:

Trabalho Decente é um trabalho produtivo e adequadamente remunerado, exercido em condições de liberdade, equidade, e segurança, sem quaisquer formas de discriminação, e capaz de garantir uma vida digna a todas as pessoas que vivem de seu trabalho.

Equidade é a disposição de reconhecer igualmente o direito de cada um. É o reconhecimento de que em sociedades mais justas e democráticas as regras e as convenções devem ser inclusivas e favorecer o encontro entre diversos grupos sociais. A equidade é a busca do equilíbrio entre os princípios de igualdade (o comum) e o de diferenciação (o diverso). Isto é, tratar de forma diferenciada o que é desigual na origem para chegar a resultados equiparáveis e não reproduzir as desigualdades presentes na sociedade.

Etapa 3: O trabalho como técnica e sua finalidade

Apresentar diversos recortes com imagens de trabalhadores no exercício de seus ofícios (médicos, advogados, jogadores de futebol, carteiros, garis, garçons, bombeiros, policiais, entre outros). Solicitar que, em grupos de 3, escolham 2 ocupações e definam/descrevam[@] as técnicas e finalidades do trabalho relativas aos respectivos profissionais das imagens[@] escolhidas. A partir das descrições, peça aos jovens que montem um quadro com as ocupações estudadas pelo Coletivo. Pode ser assim sistematizado:

Ocupação	Técnicas	Finalidades

Após a produção do quadro das ocupações acima procure fazer com que os jovens observem que:

a) Existe uma relação direta entre as técnicas de trabalho e a sua finalidade. Ex.: médicos utilizam técnicas distintas para intervenções cirúrgicas de acordo com a natureza da doença e a condição do enfermo; marcadores de contas de energia utilizam diferentes técnicas para registrar o consumo das residências. Peça que eles apresentem outros exemplos. A técnica de arrumar cama varia de acordo com o ambiente e a finalidade. Enfermeira de hospital e camareira de hotel têm como uma de suas funções arrumar camas, mas com o uso de técnicas específicas para cada uma das respectivas finalidades: cama de paciente e cama de hóspedes.

b) Em qualquer das atividades de trabalho, ou seja, em todas as ocupações, é possível identificar que se fazem necessárias uma preparação para o trabalho e uma divisão do trabalho entre os envolvidos no processo de produção de bens e serviços. A preparação é um elemento sempre presente no trabalho e deve ser valorizada como definidora de sua qualidade.

PontoCom[@]

Descrever: enumeração das características próprias de seres animados ou inanimados ou de coisas, lugares, ambientes, costumes sociais, sensações físicas, psicológicas e outras. É a representação de coisas, seres e lugares, com a explicação de suas diversas partes, qualidades ou circunstâncias.

Definir: apresentação dos atributos essenciais e específicos de uma coisa, de um ser e lugar, de modo que a torne inconfundível com outra.

Imagem: é a representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto.

2 – Trabalho e conhecimento

O objetivo neste tópico é desenvolver a compreensão da relação entre técnica, tecnologia e ciência, a partir da reflexão dos seguintes aspectos: a) a natureza e as formas de produção do conhecimento; b) quanto de conhecimento existe por trás de muitas práticas do nosso cotidiano e como esse conhecimento vai sendo construído socialmente por muitos anônimos nas comunidades humanas e entre comunidades diferentes; c) os procedimentos ou as condições nas quais as pessoas produzem conhecimento: um problema ou necessidade que desencadeia uma busca de solução; e d) a análise do processo de conhecimento e do desenvolvimento tecnológico e sua relação com a forma de organização da sociedade: impactos sociais das escolhas para o desenvolvimento e uso da tecnologia.

Ao longo dos tempos, os homens desenvolveram diversas técnicas para garantir sua subsistência e sobrevivência: fazer fogo, moldar panelas e recipientes, construir abrigos e meios de transporte de bens, produzir energia, entre outras. As técnicas foram sendo modificadas pelos povos, a partir de suas necessidades e dos conhecimentos acumulados em cada cultura.

A diferença entre a técnica e a tecnologia pode ser identificada no próprio desenvolvimento da ciência. A tecnologia, nessa concepção, estaria associada ao saber científico e aos seus procedimentos objetivos, rigorosos e universais. No entanto, alguns estudiosos não veem relevância nessa distinção. Na atualidade do desenvolvimento científico, tecnologia e técnicas seriam quase sinônimas.

Não obstante, o que se deseja ressaltar é que técnica e tecnologia andam juntas e estão presentes nos saberes do trabalho. Pode-se identificar a tecnologia, por exemplo, nos sistemas de operação da telefonia celular, como também nos próprios aparelhos. Da mesma forma, a técnica se faz presente nos procedimentos de operação, reparação e uso das telecomunicações.

Nesse tópico, você, Orientador Social, deve introduzir a reflexão sobre a importância do conhecimento e da formação integral como direito e necessidade do mundo atual. Retoma-se aqui o debate do trabalho como libertação e realização, contrapondo-o a opressão e subordinação. As tecnologias de informação, Internet, TV digital e as redes de telecomunicação aceleram e modificam as formas de acesso ao conhecimento, ampliam os espaços de trocas de saberes e experiências sociais e trazem novas potencialidades e desafios para os jovens em formação.

Dica

Para aprofundar o entendimento do conceito de ciência, ver no Anexo III o texto de apoio 3: O senso comum e a ciência. (ALVES, 2000, p. 13-28).

ATIVIDADE 3 – Técnica, tecnologia e ciência

Etapa 1: Conceituando técnica, tecnologia e ciência

Divida o Coletivo em grupos entre 4 e 5 jovens e os desafie a definir o que entendem por técnica, tecnologia e ciência, dando exemplos. Cada grupo deve apresentar suas conclusões ao Coletivo de jovens. Em seguida, compare as definições apresentadas com os verbetes encontrados nos Dicionários, sobre: Técnica; Tecnologia e Ciência.

TÉCNICA – 1. Parte material ou conjunto de processos de uma arte: técnica cirúrgica; técnica jurídica. 2. Maneira, jeito ou habilidade especial executar ou fazer algo: esse aluno tem uma técnica muito sua de estudar. 3. Prática...

TECNOLOGIA – 1. Conjunto de conhecimentos, especialmente científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade: tecnologia mecânica. 2. Explicação dos termos concernentes a arte e ofícios. 3. O vocabulário peculiar de uma ciência, arte, indústria, etc. 4. Ciência que trata da técnica.

CIÊNCIA – 1. Conhecimento: tomar ciência. 2. Conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturado com métodos, teorias e linguagens próprias que visam compreender e orientar a natureza e as atividades humanas. 4. A soma dos conhecimentos humanos considerados em conjunto: os progressos da ciência em nossos dias. 5. Campo circunscrito dentro da ciência concernente à determinada parte ou aspecto da natureza ou das atividades humanas, como por exemplo, a química, a sociologia, a engenharia etc.

Etapa 2: Conceituando técnica, tecnologia e ciência – sistematização

Sistematize com os jovens os diversos sentidos desses termos e a relação entre eles. O que aproxima e o que diferencia técnica, tecnologia e ciência? É correto apontar o computador e outros instrumentos e/ou equipamentos de trabalho como exemplos de técnica, tecnologia e ciência? Em parte sim, mas onde está a técnica, a tecnologia e a ciência? Relacione com os conteúdos a serem trabalhados.

Dando continuidade à discussão sobre a visão da técnica, da tecnologia e da ciência como frutos das experiências e dos conhecimentos – produzidos a partir dessas experiências – pelos coletivos humanos, cabe problematizar as vantagens e as desvantagens do desenvolvimento e aplicação das tecnologias.

Como exemplo, cita-se, a seguir, parte de um estudo sobre as consequências dos avanços tecnológicos no campo das ciências médicas:

Nos últimos anos assistimos, maravilhados, as novas conquistas da tecnologia médica, com a introdução dos raios Laser, dos computadores, da robótica, da manipulação genética, da clonagem de seres vivos. Poderíamos dizer que a tecnologia médica mudou a face da medicina. Era de se esperar que todo esse notável progresso trouxesse maior aproximação entre o médico e o paciente, mas ocorreu exatamente o oposto. As principais consequências negativas foram: a negligência com o exame clínico; a sedução dos aparelhos; a falsa segurança; a elevação dos custos da assistência médica, pelo uso excessivo de exames como autoproteção do médico e a fragmentação e o reducionismo da prática médica... (REZENDE, 2002).

A proposta é interrogar os jovens sobre a natureza da tecnologia, suas origens e seus usos. O intuito com essa reflexão é chegar as seguintes conclusões:

1. não se trata de negar o avanço tecnológico, mas sim de identificar como os diversos segmentos sociais se beneficiam dele;
2. desmistificar os discursos[@] que culpam o cidadão comum pela sua incapacidade de se tornar competitivo no mercado de trabalho, para justificar sua condição precária de inclusão ou sua exclusão.

PontoCom@**Discurso**

em seu sentido mais amplo, confunde-se com a fala, com o texto, isto é, uma expressão estruturada na língua. Em seu sentido mais específico, significa uma expressão em que, além da estruturação na língua e de seu significado, estão presentes as condições de produção de um dado ato discursivo.

ATIVIDADE 4 – Entendendo os discursos sobre a tecnologia

Etapa 1: Visões sobre a tecnologia – mito e realidade

Material de apoio

Folha de papel pardo ou outra grande em que serão registradas as frases abaixo e as que forem sendo formuladas pelos jovens no decorrer da atividade.

Apresente aos jovens diferentes “falas” sobre a tecnologia com o intuito de problematizar as vantagens e as desvantagens do desenvolvimento desta e de suas aplicações no cotidiano. Abaixo alguns exemplos de “falas” (discursos) recorrentes na atualidade:

- “Trabalhador, não seja mais um desempregado. Informatize-se. Faça nosso curso de informática e tenha seu emprego e seu futuro garantido”.[@]
- “O cartão magnético revolucionou os serviços bancários e o sistema de crédito”.
- “Eu queria voltar no tempo, antigamente tinha meu emprego garantido, as máquinas não tomavam nosso lugar na Fábrica”.
- “Meu irmão vai operar, agora é tudo mais simples e menos doloroso para o paciente porque foi desenvolvida a tecnologia do laser”.
- “Nos últimos anos assistimos, maravilhados, as novas conquistas da tecnologia médica, com a introdução dos raios Laser, dos computadores, da robótica, da manipulação genética, da clonagem de seres vivos...”.
- “A negligência com o exame clínico, a sedução dos aparelhos e a falsa segurança, a elevação dos custos da assistência médica pelo uso excessivo de exames como autoproteção do médico, a fragmentação e o reducionismo da prática médica, estão por trás do avanço da tecnologia na medicina”.

PontoCom@

Na fala (discurso) “Trabalhador, não seja mais um desempregado. Informatize-se. Faça nosso curso de informática e tenha seu emprego e seu futuro garantido”, além do convite e da informação sobre o curso de informática, estão implícitos alguns sentidos, tais como: “Sem curso de informática você não garante o seu emprego e tem o seu futuro impreciso”. “A informatização é hoje condição para o sucesso no emprego”; “Compre o nosso curso de informática sob pena de você ser o culpado pelo seu desemprego ou insucesso”.

Proponha que eles sugiram outros exemplos da presença negativa ou positiva da tecnologia a partir da realidade deles. Classifique com eles as falas segundo seu sentido: vantagens e desvantagens. Problematicize a natureza e a aplicação das tecnologias.

a) A tecnologia tira emprego do trabalhador? Ou são as escolhas nas inovações tecnológicas que não atendem às necessidades sociais de trabalho e geração de renda da população trabalhadora? Quem faz essas escolhas? Com que interesses?

b) É verdade que quem sabe informática tem emprego garantido? A qualificação profissional, por si só, garante emprego? Quem tem condições de estar sempre se atualizando em cursos de qualificação profissional?

3 – Trabalho e Tempo Livre

Os objetivos com o desenvolvimento deste tópico são os seguintes: a) compreender que nas atividades sociais e de trabalho é possível identificarem-se distintas formas de organização: cooperação e competição; b) compreender a prevalência da lógica competitiva no mundo industrial capitalista; c) identificar formas alternativas de relações de trabalho nas sociedades humanas; d) possibilitar um processo de convivência e sociabilidade mediante exercícios participativos e solidários; e e) estimular os jovens a expressarem suas opiniões e experiências vivenciadas tanto do ponto de vista da cooperação quanto da competição.

O trabalho humano é resultado de uma produção social e coletiva. Não há atividade de trabalho isolada, solitária. Assim, é possível afirmar que toda produção de um produto ou serviço resulta de várias atividades de trabalho ou, em outras palavras, da divisão social do trabalho. Por exemplo: um médico, para realizar o atendimento a uma pessoa doente, necessita do trabalho da indústria farmacêutica, que, por seu turno, necessita das atividades de pesquisa para garantir os insumos necessários à produção de medicamentos. Portanto, é possível afirmar que toda e qualquer organização do trabalho pressupõe algum nível de cooperação entre os sujeitos envolvidos no processo de produção de bens ou de serviço.

A sociedade em que vivemos organiza-se em torno da apropriação privada das riquezas produzidas pelo trabalho coletivo, prevalecendo no mercado a lógica competitiva nas relações sociais e de produção. Há aspectos positivos na competição, no entanto, ela gera efeitos sociais perversos. Competimos para ter acesso à educação. O que acontece com aqueles que não entram na escola ou dela são alijados? Competimos por melhores postos de trabalho. O que acontece com aqueles que estão excluídos de qualquer possibilidade de geração de renda? A apologia da competição chama a atenção apenas para os vencedores. E os perdedores? Não há lugar para eles? Na luta pela sobrevivência, o individualismo passa a caracterizar as relações humanas.

Como afirma Paul Singer, “os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens para competições futuras”. Parece não haver saídas para as profundas desigualdades sociais. Mas essa é só uma impressão. Há estratégias que desenvolvem formas alternativas, estruturadas nos princípios da cooperação e do associativismo, que pretendem estabelecer relações solidárias de trabalho. As próprias ações socioeducativas do Projovem Adolescente podem ser apresentadas como uma dessas possibilidades de inclusão dos jovens.

ATIVIDADE 5 – Cooperando para não “dançar”

Etapa 1: Dinâmica “Dança das cadeiras e dança cooperativa”

Material de apoio

Cadeiras, aparelho para reprodução de música escolhida.

Todo o grupo deve participar dos dois jogos: dança das cadeiras e dança cooperativa. O primeiro é bastante conhecido. Os jovens dançam em volta de uma roda de cadeiras com os assentos virados para fora, enquanto toca uma música que você, Orientador Social, considere apropriada. O número de cadeiras é inferior ao número de participantes. A música é interrompida e, nesse momento, todos devem se sentar em uma cadeira. Como não há cadeiras suficientes, sempre sobra alguém, que sai da brincadeira. A cada rodada sai uma pessoa e uma cadeira, e a brincadeira se repete até se chegar a apenas um ganhador final.

O segundo jogo é menos conhecido e sua proposta é o oposto da outra: a cada rodada sai uma cadeira, mas as pessoas ficam e o jogo é fazer o grupo lidar com a partilha do espaço, solidariamente. Coloca-se em círculo um número de cadeiras menor que o de participantes. Em seguida, propõe-se um objetivo comum. Toca-se a música e quando a música parar todos devem sentar usando os recursos que estão no jogo: cadeiras e pessoas/colos. Depois, deve ser retirada uma cadeira, ninguém sai do jogo e continua a dança. As cadeiras vão sendo retiradas uma a uma. Todos os participantes continuam na roda, e o jogo prossegue até quando o grupo desejar. O interessante é que os jovens criem estratégias de cooperação para que a dança continue até sobrar apenas uma cadeira na roda.

Etapa 2: Debatendo e registrando

Material de apoio

Folhas de papel pardo, pincéis atômicos ou canetas hidrocores, tesouras, colas, revistas etc.

Texto de apoio 4 (ver Anexo III): “Solidariedade X competição na economia” (Singer, 2002).

Ao final, o Orientador Social deve estimular os jovens a comparar os dois jogos. Cada participante responde individualmente às questões abaixo. Em seguida, pode ser proposta a organização em pequenos grupos para que registrem em cartazes as suas conclusões da discussão e preparem uma apresentação para todo o Coletivo. Cabe ao Orientador Social, nesse momento, estimular a criatividade dos grupos para as apresentações.

- O que há de semelhante entre uma dança e a outra?
- O que há de diferente entre uma e outra?
- O que gostei e o que não gostei na dança das cadeiras? Por quê?
- O que gostei e o que não gostei na dança cooperativa? Por quê?
- Relate alguma(s) experiência(s) que se assemelha(m) à dança das cadeiras.
- Relate alguma(s) experiência(s) que se assemelha(m) à dança cooperativa.

- O mundo em que vivemos se assemelha mais a qual dos jogos?

Atenção!

É importante que você estabeleça diversos mecanismos de registros das atividades (individuais, coletivos, em pequenos grupos) para que, ao final de cada Percorso Socioeducativo e ao final do Ciclo, o Coletivo tenha elaborado produtos que contribuam na organização e sistematização dos conhecimentos produzidos.

Tempo para viver e tempo para trabalhar. Trabalhar não é viver?

Dando continuidade ao debate sobre as formas de organização cooperativas e competitivas, pretende-se levar os jovens à percepção da noção de tempo como construção histórica, problematizando a contradição do conceito do tempo na sociedade industrial: o tempo livre* submetido ao tempo de trabalho. Levando-o ainda a perceber como a lógica industrial impõe um tipo de produção e consumo que formata os gostos e padrões estéticos: corpos e mentes conformados à lógica produtiva.

Na sociedade industrial*, a luta pela conquista do tempo livre do trabalho muitas vezes teve mais importância do que a luta por salários – o 1º de Maio, quando se comemora o Dia dos Trabalhadores, por exemplo, foi fruto das lutas pela redução da jornada de trabalho, entre outras reivindicações.

Pode-se dizer que mais que lutar pelo tempo livre do trabalho, o ser humano busca a gestão individual do tempo como meio de afirmar sua liberdade e cidadania: dispor do tempo é um atributo do homem livre.

No final do século XIX, Taylor – engenheiro norte-americano responsável pela radicalização dos mecanismos de produção, que imprimiram maior controle sobre o ritmo de produção dos operários, por meio da maior diminuição possível de sua autonomia e da eliminação dos tempos mortos da produção – desenvolveu as bases da administração científica do trabalho. A organização e distribuição do tempo de trabalho tornaram-se externas ao trabalhador. Quem administrava o trabalho – o empregador – determinava a duração da atividade e os movimentos do corpo.

É importante que os jovens percebam os contornos definidos por um momento histórico como fator determinante na relação do ser humano com o tempo e com o corpo. A dimensão corporal e a dimensão temporal são submetidas às necessidades da produção e consumo de mercadorias.

O tempo e o corpo humano tornam-se objeto de conhecimento e controle. Busca-se adequar os movimentos, os afetos, o físico e a alma dos trabalhadores às necessidades de sobriedade, de atitudes maquinais, de hierarquia, de pontualidade e da disciplina exigida pelo mundo industrial. É a transformação do corpo humano em “corpo operário”.

Para aproximar os adolescentes jovens desses conteúdos é necessário, inicialmente, fazê-los pensar acerca de como organizam seu tempo para a realização de suas atividades cotidianas e como se relacionam com o seu corpo.

ATIVIDADE 6 – Tempo para sonhar

Material de apoio

Folhas A4 e canetas hidrocorores.

Etapa 1: Dinâmica do relógio

O Orientador Social deve estimular uma conversa com os jovens sobre o que gostam de fazer; o que não gostam de fazer; sobre o que fazem hoje e sobre o que eles gostariam de fazer, mas ainda não tiveram oportunidade. É uma tempestade de ideias para introduzir a atividade.

Em seguida, cada jovem recebe duas folhas de papel ofício e é orientado a desenhar dois relógios. Considerando-se que os relógios, à exceção dos digitais, marcam 12 horas, isso é só captam metade de um dia, sugere-se que sejam desenhados 2 relógios (24 horas) para o tempo real e 2 relógios (24 horas) para o tempo ideal.

Os dois primeiros relógios – os do tempo real – devem conter informações sobre como o jovem organiza e distribui seu tempo para a realização de suas atividades cotidianas (escola, trabalho, lazer, convivência familiar e comunitária).

Nos dois outros relógios é hora de sonhar – o tempo ideal. Cabe a você, Orientador, dar voz e vez a dimensão dos desejos e dos sonhos dos jovens. A explicitação e a partilha desses sonhos podem contribuir na formação da identidade coletiva.

As apresentações das produções devem incorporar os dois relógios e podem ser pontuadas por algumas questões (que devem ser vistas por você como sugestões: você conhece o grupo e tem a medida real para conduzir a atividade):

- O que faço hoje com o meu tempo permite a realização do que eu desejo?
- Existe alguma atividade (escola, lazer, trabalho, convivência familiar e comunitária) que se apresenta com maior destaque no relógio real?
- A que atribuo esse destaque?
- Pode-se afirmar que a organização do tempo presente nos relógios é generalizável para todos os jovens e adolescentes do país? Por quê?

É importante que o Orientador Social desenvolva com os jovens um olhar mais crítico sobre a divisão de classes sociais. Por exemplo: o jovem/adolescente de classe média e mais abastada tem um tempo maior de dedicação à escola, uma vez que é menos impelido a buscar atividades remuneradas (formais ou não) para seu sustento e de sua família.

- Quais as ações que podem aproximar o relógio real do relógio ideal?

Dica

No Tema Juventude e Esporte e Lazer, no Tópico 4. “Tempo livre e tempo de trabalho: quais suas implicações?”, você pode encontrar mais elementos para enriquecer esta Atividade e a reflexão sobre a relação entre tempo livre e tempo de trabalho.

Este material produzido pode compor um painel, que será guardado para que se volte a ele de tempos em tempos para avaliar/perceber o que ainda permanece e o que mudou.

Etapa 2: Tempos Modernos: corpos e mentes na lógica industrial

Material de apoio

Vídeo ou DVD; TV; filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin. Caso não seja possível obter o filme em locadoras, cenas de Tempos Modernos podem ser vistas no You Tube – www.youtube.com, entrando-se na ferramenta de busca com as palavras “tempos modernos chaplin”.

Sinopse do filme Tempos Modernos. (Fonte: www.historianet.com.br)

Trata-se do último filme mudo de Chaplin, que focaliza a vida urbana nos Estados Unidos nos anos 30, imediatamente após a crise de 1929, quando a depressão atingiu toda a sociedade norte-americana, levando grande parte da população ao desemprego e à fome.

A figura central do filme é Carlitos, o personagem clássico de Chaplin, que, ao conseguir emprego numa grande indústria, transforma-se em líder grevista conhecendo uma jovem, por quem se apaixona. O filme focaliza a vida na sociedade industrial caracterizada pela produção com base no sistema de linha de montagem e especialização do trabalho e faz uma crítica à “modernidade” e ao capitalismo representado pelo modelo de industrialização, onde o operário é engolido pelo poder do capital e perseguido por suas ideias “subversivas”.

Em sua segunda parte o filme trata das desigualdades entre a vida dos pobres e das camadas mais abastadas, sem representar contudo, diferenças nas perspectivas de vida de cada grupo. Mostra ainda que a mesma sociedade capitalista que explora o proletariado, alimenta todo conforto e diversão para burguesia. Cenas como a que Carlitos e a menina órfã conversam no jardim de uma casa, ou aquela em que Carlitos e sua namorada encontram-se numa loja de departamento, ilustram bem essas questões.

Apresentar aos jovens um fragmento do filme “Tempos Modernos”, de Charles Chaplin. Este filme permite a compreensão do processo histórico da organização e divisão do trabalho na sociedade capitalista. Destaca o processo de especialização das atividades de trabalho como elemento desencadeador da alienação* do trabalhador (aspecto que será tratado no Percurso Socioeducativo II).

Refletir sobre os impactos do processo de industrialização na vida dos trabalhadores:

- a especialização das atividades de trabalho.
- a separação entre tempo produtivo e tempo livre como negação de um pelo outro.
- a conformação de um corpo trabalhador/consumidor: o processo de alienação.

Dica

Para aprofundar o questionamento sobre a conformação do corpo e do tempo do trabalhador ao processo de industrialização ler: “Tempo: rapidez ou lentidão?” (Gurgel, 2000) e “O corpo não é uma máquina: nossa forma de ser e de estar presente no mundo.” (Lopes, 2000).

Atenção! POP – Projeto de Orientação Profissional

Ficha 1 – *Minha experiência de trabalho; memória de trabalho dos familiares. Oriente os jovens no preenchimento da ficha do POP, no Anexo I.*

ANEXO I – POP – Projeto de Orientação Profissional

O POP é formado por uma sequência de reflexões, pesquisas, escolhas e sistematizações que compõem o passo a passo da trajetória do reconhecimento dos interesses e sonhos profissionais e de início de construção do itinerário profissional de cada jovem. Seu objetivo é permitir que, ao final do Ciclo I, os jovens tenham criado um arquivo de informações sobre suas experiências e sobre o mundo do trabalho, para que possam estruturar um plano de continuidade de estudos e de desenvolvimento de seu próprio percurso profissional, por meio dos seguintes processos orientados:

- conhecimento de diferentes ocupações profissionais;
- planejamento da continuidade dos estudos;
- familiarização com o mundo do trabalho;
- ampliação das opções em relação a trabalho e geração de renda;
- motivação e incentivo da autonomia, do empreendedorismo e da busca de realização pessoal e social;
- conscientização dos fatores que interferem na escolha da profissão;
- conciliação dos sonhos e da realidade na hora da escolha da atividade* de trabalho;
- informações gerais sobre os direitos e regulamentações trabalhistas.

Para preencher as fichas do POP (dos quatro Percursos Socioeducativos do Ciclo I), o jovem deverá: resgatar e registrar experiências de trabalho e história de trabalho familiar; definir escolhas pessoais; e pesquisar aspectos legais e práticos do mundo do trabalho. Nas fichas do POP há instruções sobre esse preenchimento. O POP é um projeto de caráter individual, mas envolverá muitos momentos coletivos e acompanhará o jovem até o fim de sua participação no Projovem Adolescente. É o seu currículo. Idealmente, as fichas devem ser preenchidas ao fim de cada Percurso Socioeducativo. O preenchimento de fichas do POP será retomado no Ciclo II.

No Ciclo I, o Orientador Social é o responsável pelo desenvolvimento do POP, como das demais atividades da IFTG. Cabe-lhe orientar os jovens em relação a como e quando as fichas devem ser preenchidas e auxiliá-los na escolha de informações e conteúdos que nelas devem ser registrados. O Orientador Social deve buscar a articulação dos conteúdos e objetivos dos demais temas transversais com os da IFTG, na elaboração do POP pelos jovens. Nele estarão registradas suas principais realizações no Projovem e na escola, refletindo seus avanços, suas escolhas. É um trajeto construído com as experiências concretas originadas pela IFTG no serviço socioeducativo e nos demais espaços de sua vida.

Por se tratar de uma atividade de sistematização de suas experiências e vivências individuais e coletivas, no Projovem e fora dele, o POP reveste-se de oportunidade privilegiada para o trabalho com as capacidades cognitivas transversais e com a comunicação oral e escrita.

POP – Ficha I: Meu currículo, minha experiência de trabalho e a memória da experiência do trabalho dos meus familiares

FICHA I: CAPA

Caro Jovem,

Este é o POP – Projeto de Orientação Profissional, que você deverá elaborar ao longo dos Ciclos I e II do Projovem Adolescente. As quatro fichas do Ciclo I e as fichas do Ciclo II permitirão que você desenvolva um roteiro sobre o mundo trabalho, da seguinte forma:

Fichas 1 a 3: Registros e organização de dados sobre a sua história de trabalho pessoal e familiar serão preenchidos ao final dos Percursos Socioeducativos I, II e III do Ciclo I;

Ficha 4: Planejamento para a continuidade de sua formação no Projovem Adolescente e na Escola e de ações para a sua autonomia e para a participação cidadã em seu território.

Nome do (a) jovem: _____

Coletivo _____ CRAS de Referência _____

Cidade: _____ Estado: _____

Ano: _____

FICHA I-A: MEU CURRÍCULO

1. Dados pessoais

Nome: _____

RG: _____ órgão expedidor: _____ CPF: _____

Data de Nascimento: _____ Naturalidade: _____ Estado Civil: _____

Endereço completo: _____

Bairro: _____ CEP: _____ UF: _____

Endereço eletrônico: _____ Telefone: _____

2. Formação Escolar

Ensino fundamental: _____ Série: _____ Ano de conclusão: _____

Escola: _____ Cidade: _____

Ensino Médio: _____

Ensino fundamental: _____ Série: _____ Ano de conclusão: _____

Escola: _____ Cidade: _____

Ensino Médio: _____

3. Outras formações

Nome do curso: _____ ano de conclusão: _____ duração do curso: _____

Instituição ou empresa: _____

Cidade: _____ UF: _____

4. Experiência de trabalho

Nome da empresa ou do empregador: _____

Função: _____ Período em que trabalhou: _____

Data: _____ / _____ / _____

Assinatura: _____

FICHA I – B: MINHAS EXPERIÊNCIAS DE TRABALHO

Nome da ocupação	Período de trabalho	Vínculo* de trabalho	Carga horária diária	Se remunerado, qual o ganho	Comentários
Balconista	05/05/2007 a 26/10/2007	Sem carteira	8 h	R\$ 350,00 por mês	

* Nesta ficha o vínculo de trabalho se refere a ter ou não carteira assinada

Se você já trabalhou, ou trabalha, escolha até duas ocupações que você teve, mesmo que não remuneradas, e preencha as informações indicadas. Como você avalia essa(s) sua(s) experiência(s) de trabalho?

FICHA I – C: MEMÓRIA DO TRABALHO DE MINHA FAMÍLIA

Parentesco	Local de origem	Ocupação	Local de moradia atual	Ocupação atual	Descrição da função exercida
Avô	Souza/PB	Trabalhava na roça	Bahia	Metalúrgico	Montagem eletrônica
Pai					
Mãe					

Observação: se não conseguir informações com familiares, escolha amigos ou conhecidos, na mesma faixa de idade dos seus familiares.

ANEXO II – GLOSSÁRIO – Juventude e Trabalho

Alienação

Ação pela qual – ou estado no qual – um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam – ou permanecem – alheios, estranhos (1) aos resultados ou produtos de sua própria atividade, e à atividade, ela mesma, (2) à natureza na qual vivem, (3) a outros seres humanos. Com isso, alienam-se de si mesmos e de suas possibilidades construídas historicamente. Assim, o ser humano se afasta de sua real natureza e torna-se estranho a si mesmo na medida em que já não controla sua atividade essencial (o trabalho), pois os objetos que produz, as mercadorias, passam a adquirir existência independente do seu poder e antagônica aos seus interesses. Assim, a alienação no trabalho se manifesta em três dimensões principais: (1) em relação aos produtos do trabalho – o trabalhador não detém a propriedade nem o controle sobre os frutos do seu trabalho, não determina o que produzir nem o por que produzir; (2) em relação à atividade de trabalho – o trabalhador não controla como o produto é produzido; é o executor de um processo concebido por outros; (3) em relação à espécie – o trabalhador, ao se sujeitar a esse processo de desapropriação de si, não se desenvolve plenamente como ser humano.

Atividade

A atividade consiste no processo social da transformação, por sujeitos humanos, individuais e coletivos, do ambiente social e natural. A atividade é realizada tendo em vista um determinado fim, que é também o motivo da atividade. Assim, a atividade se articula em três aspectos: motivação, finalidade, realização. Cada atividade começa com um motivo e um plano e termina com um resultado, mas nesse percurso há um sistema dinâmico de ações e operações concretas dirigidas para a finalidade. Na planificação da atividade, as pessoas dependem de meios sociais, de signos. Elas levam a cabo a atividade de acordo com sua experiência, seu conhecimento da situação, suas previsões sobre sucessos futuros. Existem tantas formas de atividade quantas as diversas necessidades humanas (materiais, culturais, espirituais, outras). A atividade humana está apoiada em conhecimentos e vontades, tem uma dimensão interna (psíquica) e uma externa (física). A compreensão de ambas essas dimensões e de suas inter-relações é fundamental para o desenvolvimento dos processos educacionais. Nos estudos sobre o trabalho, o termo atividade designa o trabalho real, em contraposição a tarefa, termo designativo do trabalho prescrito.

Capital e Capitalismo

O capital é uma relação social necessária e essencialmente antagônica, que se baseia na propriedade privada dos meios de produção. O capital é um sistema social produto de mercadorias, que tem como sentido último a produção de valor excedente. Caracteriza-se ainda pela relação salarial em que a força de trabalho é trocada com mercadoria, sua relação fundamental. A divisão social do trabalho na qual assenta o capital, separa proprietários dos meios de produção, aos quais cabem os lucros, e trabalhadores, aos quais cabem os salários, numa relação produzida e reproduzida constantemente. A concentração e a centralização de capital é uma das mais importantes leis desse sistema e é consequência daquela divisão social do trabalho e da concorrência entre capitalistas. O modo de produção que se consolidou a partir do desenvolvimento do capital

chama-se capitalismo. A diferenciação entre capital e capitalismo parte da ideia de que aquele é anterior e pode sobreviver a este.

Condições de trabalho

A expressão condições de trabalho refere-se a tudo o que caracteriza uma situação de trabalho e que permite – ou dificulta a atividade dos trabalhadores. Podem ser físicas ou materiais, decorrentes das características dos instrumentos, das máquinas, do ambiente de trabalho – ruído, calor, poeira e outros perigos; temporais, relacionadas particularmente a horários de trabalho; organizacionais, que dizem respeito aos procedimentos prescritos, aos ritmos impostos, ao conteúdo do trabalho etc.; condições subjetivas, próprias ao trabalhador: sua saúde, sua idade, sua formação; condições sociais, envolvendo remuneração, qualificação, transporte, às vezes alojamento, relações com a hierarquia etc. Os direitos e deveres expressos na legislação trabalhista vêm passando por diversas modificações nos últimos anos em função da precarização das condições de trabalho, com a ampliação do trabalho assalariado sem carteira assinada e do trabalho independente (por conta própria).

Força de trabalho

Força de trabalho é a capacidade de realizar trabalho útil que aumenta o valor das mercadorias. Na sociedade capitalista, os trabalhadores vendem sua força de trabalho em troca de salário. A força de trabalho é uma mercadoria, mas com peculiaridades que a distinguem de outras mercadorias, dando origem a importantes contradições no sistema capitalista de produção: apesar de aparecer como uma mercadoria à venda no mercado, ela não é produzida como as outras mercadorias – ela é um aspecto da reprodução biológica e social de seres humanos; o valor de uso da força de trabalho é sua própria capacidade de produzir valor; a venda da força de trabalho aliena o trabalhador de sua capacidade criativa de produção e de qualquer controle sobre o produto de seu trabalho.

Formação para o trabalho

A formação para o trabalho – ou educação para o trabalho – é importante fator do processo de reprodução da força de trabalho e de promoção de maior poder de negociação do trabalhador na busca de sua valorização no mercado de trabalho. Integrada ao processo de educação geral e voltada para a formação e a realização do ser humano, precisa promover o desenvolvimento das capacidades de pensar, sentir e agir do trabalhador, levando em conta suas necessidades, aspirações e expectativas. A educação para o trabalho pode e deve se recusar a desenvolver o adestramento e a simples adaptação dos indivíduos a um sistema de instrumentos e de instruções externas pré-definidas. Pode e deve buscar ampliar os horizontes dos conhecimentos dos trabalhadores, dar atenção crítica aos determinantes sociais, econômicos e políticos das situações de vida e trabalho e evidenciar opções sobre alternativas de construção da vida social.

Lazer

Tempo de que se pode livremente dispor, uma vez cumpridos os afazeres habituais; ócio, descanso, folga, vagar. Atividade praticada nesse tempo; divertimento, entretenimento, distração, recreio. A palavra lazer se incorporou de tal forma no nosso cotidiano que pouco nos perguntamos hoje quais são suas origens e porque estudiosos de diversas áreas se preocupam tanto com esse fenômeno que nos parece tão simples.

No final do século XVIII, a Revolução Industrial, desencadeada inicialmente na Inglaterra, marcada entre outras coisas pela substituição das ferramentas manuais pelas máquinas a vapor e do modo de produção doméstico pelo sistema fabril, acaba por promover uma série de mudanças na sociedade. Naquele momento histórico, com a implantação de um novo modelo de organização de trabalho nas fábricas, as cidades começam a ter uma nova dinâmica.

Neste novo modelo de organização social, o tempo de trabalho passa a ser mais controlado, com horários de entrada, de almoço e de saída. Ou seja, o tempo de trabalho (e todos ligados a nossa vida) passa a ser regulado pelo tempo de duração das máquinas. Com a rigidez de horário imposta por esse novo sistema, o momento de não-trabalho começa também a ser mais regulado e da mesma forma controlado. É nesse contexto que vemos surgir na história a definição do fenômeno do lazer, tal como entendemos hoje.

Mercado de trabalho

O mercado de trabalho é a esfera que circunscreve as práticas sociais pelas quais a força de trabalho, sob determinadas normas e leis, é comprada e vendida. Esse mercado constitui-se de proprietários de força de trabalho (trabalhadores) e interessados em adquiri-la (empregadores, capitalistas), mediados ou não por instituições do Estado. Da correlação de forças nas condições econômicas presentes estabelece-se o mercado de trabalho. Esse conceito, entretanto, supõe que os salários sejam determinados por esse mercado, que seria um espaço de troca entre iguais. Ocultam-se, assim, as relações hierárquicas e assimétricas que caracterizam a submissão do trabalho ao capital. Com a crise econômica que se instaurou a partir dos anos 70, fortaleceram-se políticas que visam, entre outras coisas, à flexibilização e total desregulamentação das relações que constituem o mercado de trabalho. Ver **Mundo do trabalho**.

Mundo do trabalho

A realização e efetivação das atividades laborais nas suas mais diversas formas são constituintes do mundo do trabalho, assim como os fenômenos relacionados à legislação do trabalho, as formas de trabalho alternativas às relações assalariadas, o trabalho desregulamentado, o trabalho precário, os investimentos do capital, a formação dos trabalhadores, a tecnologia, o desemprego, os indicadores relativos ao trabalho de homens e mulheres das diferentes raças, o trabalho infantil. Fazem igualmente parte do mundo do trabalho os problemas decorrentes de leis econômicas – como a da oferta e da demanda – e da acumulação, bem como a globalização das relações de trabalho e econômicas em geral. Além de todos esses fenômenos, também formam este complexo muito bem articulado que é o mundo do trabalho a produção intelectual a respeito do trabalho, os movimentos políticos, a organização dos sindicatos.

Ocupação

Ocupação é um conjunto articulado de funções, tarefas e operações que constituem as obrigações atribuídas ao trabalhador, destinadas à obtenção de produtos e serviços. O termo ocupação remete a um sistema de classificação elaborado pelo Ministério do Trabalho e Emprego, o Código Brasileiro de Ocupações – CBO. Ver **Profissão**.

Profissão

A profissão é uma atividade de trabalho especializada, definida histórica e socialmente, caracterizada por dimensões cognitivas, normativas e valorativas que tornam possível seu exercício como ato legítimo. Em sua di-

mensão cognitiva, pressupõe um conjunto de saberes específicos, acessíveis àquele grupo profissional; em sua dimensão normativa e valorativa, tem seu papel social e hierárquico no conjunto da sociedade. A normatização é feita fundamentalmente pelo Estado, pelas associações profissionais e pelos sindicatos. A profissão pressupõe atividades especializadas, condicionadas ao tipo de estratificação social e ao grau de divisão do trabalho atingido por uma determinada sociedade.

Qualificação profissional

A expressão remete a diversas ideias: ação de se qualificar profissionalmente; formação considerada apropriada para uma função técnica especializada; conjunto dos conhecimentos e habilidades adquiridos para o exercício de uma profissão; qualidades de uma pessoa que exerce uma atividade em conformidade com o seu meio profissional. A qualificação profissional está num quadro amplo de relações nas quais repercutem as mudanças na tecnologia, nos processos de trabalho, na gestão empresarial.

Sociedade industrial

O conceito de sociedade industrial caracteriza a sociedade cujas atividades econômicas, sociais, políticas e culturais se desenvolveram em torno da indústria. Em linhas gerais, são características da sociedade industrial o vertiginoso aumento de produção e de produtividade em relação à sociedade pré-industrial; uma enorme difusão do conhecimento técnico-científico; modificações na estrutura da contabilidade econômica nacional e empresarial; diminuição da produção doméstica; inserção do Estado na economia; investimentos em educação e em cuidados com a saúde; aumento da produtividade agrícola sob a lógica da produção industrial em escala; aumento da população urbana, em função do volume de mão de obra empregada nas fábricas.

Técnica

Técnica é o procedimento ou o conjunto de procedimentos, relacionado às ciências, às artes ou a qualquer outro campo de desenvolvimento de atividades, cujo objetivo é obter um determinado resultado. Responde ao interesse e à vontade do homem de transformar seu ambiente, buscando novas e melhores formas de satisfazer suas necessidades ou desejos. A técnica implica o conhecimento das operações, a mobilização de habilidades e de conhecimentos específicos, o manejo das ferramentas, a capacidade de improvisação. No ser humano, a técnica surge de sua relação com o meio e se caracteriza por ser consciente, reflexiva, inventiva e fundamentalmente individual. O indivíduo a aprende e a faz progredir. No entanto, ela não é privativa do homem: responde a uma necessidade de sobrevivência de todo ser vivo. Nos animais, a técnica é característica de cada espécie. A palavra se origina do grego *techné* cuja tradução é arte. A técnica, portanto, originalmente confundia-se com a arte <http://pt.wikipedia.org/wiki/Arte>; os dois campos foram se singularizando ao longo dos tempos.

Tempo livre

A categoria tempo livre se opõe a de tempo de trabalho. É o momento em que o indivíduo pode dispor de si mesmo livremente, sem que se submeta ao imperativo da sociedade burguesa de ter que trabalhar para viver. Nesta sociedade, no entanto, o tempo livre, longe de significar a total liberdade do indivíduo, sua absoluta independência frente às diversas formas de opressão e alienação sociais, representa, antes, um momento da reprodução da força de

trabalho, ou seja, um momento em que o indivíduo se encontra momentaneamente livre, mas uma liberdade limitada e aparente, pois continua sob a lógica opressora do capital. Segundo o entendimento marxiano, o desenvolvimento das forças produtivas deve levar a humanidade a despendar cada vez menos tempo no trabalho e a dispor cada vez mais de tempo livre no qual possa desenvolver toda sua potencialidade. Todavia, para que isso seja efetivamente uma expressão do “reino da liberdade” e possa ser de usufruto de todos, precisa se dar dentro de uma ordem social superior. A condição imprescindível para que o tempo livre seja, efetivamente, a expressão da liberdade humana é esta ruptura com a lógica da sociedade do capital.

ANEXO III – Textos de apoio

Texto de apoio 1: O mundo do trabalho: breve história sobre os valores e as formas de organização e produção do trabalho*

O trabalho é uma forma de atividade humana que histórica e culturalmente vem sendo considerada em sentidos diferentes. O valor que o homem lhe atribui varia segundo as civilizações, as culturas e os sistemas de referência de cada sociedade.

Indiscutivelmente, o trabalho organiza as sociedades e, desde a Grécia Antiga, é possível traçar uma evolução de seu sentido e valor segundo a ótica diferenciada de cada estágio da evolução da humanidade.

1. O trabalho como atividade sem virtuosidade – o trabalho banido

Na Grécia antiga e, em seguida, na sociedade romana que se desenvolveu a partir do 1º Século a.C., se fixou um profundo desprezo pelo trabalho, que era, então, reservado aos escravos. Aristóteles declarou: “Todas as ocupações manuais são sem nobreza; é impossível que aquele que cultiva a virtude possa viver a vida de um trabalhador ou de um jornaleiro.

O ideal de vida para o homem livre era o ócio – a ociosidade –, não no sentido da preguiça, mas no sentido de reflexão, estudo, discussão, atividade política e cultural, aquilo que alguns nomeariam atualmente “trabalho intelectual”.

2. O trabalho como atividade punitiva – o trabalho punitivo

No início da Idade Média, o pensamento cristão dominante considerava o trabalho como uma condenação resultante da falta original de Adão. O homem devia ser punido por haver pecado, privado do Paraíso, onde o trabalho estava ausente.

Dessa época data a origem do vocábulo trabalho – *tripalium*, que designa um aparelho formado de três pés destinados a imobilizar os animais, tornado um engenho de tortura humana.

3. O trabalho como atividade redentora – o trabalho salvador

O cristianismo vai em seguida valorizar o sofrimento como um meio de resgate dos pecados. O trabalho conserva seu sentido de atividade penosa, de sofrimento, de tortura, mas é a saída para o homem poder salvar a si mesmo. “Trabalhar é orar”.

4. O trabalho como vocação natural – o trabalho vocação

No século XVI, Lutero condenou a separação que existia até então, entre os padres, os superiores, que ocupavam as funções sagradas e os laicos, cujas funções eram consideradas inferiores. Para Lutero, não existia o trabalho nobre ou vil, todo homem pode louvar Deus em seu trabalho: “O homem recebe uma verdadeira vocação para o trabalho, este é o modo de participar da criação”.

5. O trabalho como atividade virtuosa – o trabalho virtude

Do século XVII ao século XIX, o valor burguês e cristão do trabalho redentor vai progressivamente se tornando laico. Voltaire declara: “O trabalho nos afasta de três grandes males: os problemas, os vícios e a necessidade”.

O desenvolvimento industrial, que arranca da terra os camponeses e junta as manufaturas e as usinas, traz como consequência trabalhadores mal pagos e forçados a tarefas extremamente penosas desde a mais jovem idade. Então, a invenção psicológica genial é fazer do trabalho por ele mesmo um valor em si, o Bem, a Virtude, e fazer crer isso ao mundo trabalhador totalmente explorado.

6. O trabalho como atividade alienante – o trabalho alienante

Os economistas clássicos, que fundaram a economia sobre o “valor do trabalho”, reconhecem a contradição entre o trabalho como um princípio criativo e a “força do trabalho” como mercadoria que consiste na única dimensão que a economia leva em conta.

Se, por um lado, os valores atribuídos nas épocas anteriores parecem todos coexistir, por outro, não é possível definir com clareza uma identidade única para o valor do trabalho hoje. Isso, em parte, pelo fato de as grandes categorias que se tem podido definir se apresentarem em uma enorme variedade de ofícios, funções, ocupações e postos e, em parte, porque o sentido que é atribuído a essa parte importante da vida parece menos ligado ao trabalho que àquilo que ele carrega, àquilo que se lhe atribui, aos desafios que ele representa: sofrimento ou prazer, meio de subsistência mais ou menos abundante, reconhecimento social mais ou menos grande, possibilidades de desenvolvimento ou de crescimento de si mais ou menos abertas.

Assim, nos dias de hoje, só é possível compreender o valor que cada um atribui ao trabalho se forem levados em conta, ao mesmo tempo, sua natureza, seu conteúdo, seus modos de organização, suas condições de realização, e também a posição social que o trabalho tem. Como se verá adiante, hoje se exige um trabalhador que vista a camisa da empresa, um trabalhador faz-tudo, um polivalente competente, que seja capaz de jogar em todas as posições ao mesmo tempo, sem definição profissional bem demarcada.

Para que o trabalho não seja meio de sofrimento, de alienação, mas de verdadeiro processo de autodesenvolvimento e de participação no desenvolvimento social e econômico, com vistas a um mundo mais justo, igualitário – que possibilite trabalho com qualidade para uma vida com qualidade – faz-se necessário o conhecimento de todos os aspectos envolvidos no mundo do trabalho para uma formação consciente, crítica e transformadora em busca de uma cidadania plena.

Levar os jovens e adolescentes a conhecerem um pouco da história e da evolução da organização do trabalho é um meio de contribuir para se tornarem trabalhadores críticos e conscientes de suas opções vocacionais e profissionais.

O primeiro modo de produção que se pode reconhecer é o artesanal. A produção artesanal é tomada como início, não só por ser a partir dela (ponto de partida histórico e conceitual) que se começam a descrever as diferentes

formas de organização do trabalho, mas também por ainda permanecer esse modo de organização em muitos ambientes contemporâneos em diversos serviços de reparo e manutenção.

Na divisão do trabalho que sempre foi uma expressão do progresso, um lema do *homo faber* em sua luta contra a matéria, o artesão, isolado divide seu próprio trabalho em todas as suas partes, segundo uma ordem adequada, de modo que nunca realiza o trabalho em seu conjunto, mas apenas uma parte dele. A estrutura artesanal de produção mantinha o trabalhador estreitamente ligado aos proprietários das oficinas: o aprendiz pertencia a um só mestre.

No antigo regime de divisão trabalho artesanal, tudo – do planejamento à execução – era feito pelo trabalhador, como resultado de sua experiência.

A passagem do trabalho manual para o trabalho industrializado se deu durante o período de transição do feudalismo (regime resultante dum enfraquecimento do poder central, e que une estreitamente autoridade e propriedade da terra, estabelecendo entre vassalos e suseranos uma relação de dependência) para o capitalismo (sistema econômico e social baseado na propriedade privada dos meios de produção, na organização da produção visando ao lucro e empregando trabalho assalariado, e no funcionamento do sistema de preços – que se iniciou com a adoção do mercantilismo – tendência para subordinar tudo ao comércio, ao interesse, ao lucro, ao ganho.

A partir do momento em que a produção não é mais feita sob encomenda e que numerosos trabalhadores se reúnem numa mesma oficina, dois aspectos cruciais para o processo do trabalho surgem: o da cooperação e o da organização.

A produção por meio da manufatura era pequena, mais complicada e mais demorada, mas o trabalhador produzia uma unidade completa do objeto e tinha domínio de todo o processo de produção.

Com a produção industrial, os objetos são produzidos para vastos mercados, e a parcelização das tarefas passa a ser vantajosa em termos de produtividade, uma vez que cada operário, realizando uma mesma e única tarefa em conjunto com outros – que, por sua vez, realizam cada um uma outra e única tarefa para a fabricação de um único e mesmo produto – fabrica em quantidade muito maior do que se cada operário realizasse todas as tarefas e etapas sozinho para fabricar o mesmo produto.

A contrapartida dessa vantagem é a especialização do operário – transformado em trabalhador parcial e limitado –, que adiante dará lugar às linhas de montagem e à mecanização.

Assim, nas fábricas, as máquinas passam a realizar tarefas que haviam sido anteriormente fragmentadas, e a organização do trabalho vai cada vez mais submetendo o homem à máquina, sendo despersonalizado, passando a ser “servo da máquina”. Essa simplificação ou banalização das tarefas chega ao seu auge no período de desenvolvimento do capitalismo industrial caracterizado pelo crescimento da produção, com o consequente aumento das jornadas de trabalho, chegando a 16 horas, emprego de mulheres e crianças, aviltamento dos salários e o inevitável desemprego.

O chamado período de taylorismo é uma consequência da radicalização dos mecanismos de produção, visando, cada vez mais, a um maior controle sobre o ritmo de produção dos operários, por meio da maior diminuição possível de sua autonomia e da eliminação dos tempos mortos da produção.

A insatisfação com o regime manufatureiro e a pressão por melhores salários e diminuição da jornada de trabalho resultaram numa concepção teórica de administração que se funda na racionalização do trabalho. Isto é, “reunir todos os conhecimentos tradicionais que no passado possuíram os trabalhadores e então classificá-los, tabulá-los, reduzi-los

a normas, leis ou fórmulas, grandemente úteis ao operário para a execução do seu trabalho diário” (TAYLOR, 1987, p. 52).

Assim, a estratégia taylorista consiste em separar a concepção do trabalho da sua execução. O planejamento e o controle ficam a cargo da hierarquia, e a execução, a cargo dos operários. Esses eram selecionados para as tarefas a partir de competências profissionais que tivessem como base habilidades pessoais específicas, tais como, acuidade visual, a força física, entre outras. O homem, o operário, dessa forma, se resumia à operação que ele executava, e o seu treinamento passou a ser feito com base nessa concepção do homem como parte da máquina.

A radicalização dessa concepção “científica” de organização do trabalho culminou no modelo chamado fordismo. Henry Ford propõe que o trabalhador, sempre que possível, não dê qualquer passo supérfluo, nem se canse inutilmente.

Embora as linhas de montagem continuem a existir ainda hoje, esse modelo apresenta fraquezas – a neurotização do trabalhador, produtos mal acabados, acidentes de trabalho, absenteísmo – que levam a reivindicações e conflitos que, por sua vez, culminam com a bandeira da melhoria das condições de trabalho.

Em movimento contrário ao taylorismo/fordismo, em que o homem alcançou o máximo de despersonalização e de identificação com a máquina, surge o movimento pela humanização do trabalho, através da re-composição das tarefas, da observação do funcionamento relacional dos grupos, do interesse pelas motivações dos trabalhadores.

Diversas experiências foram realizadas no sentido de se quebrar a rigidez dos modos de organização do trabalho taylorista e fordista: romper a monotonia das atividades, tornar o operário mais satisfeito ou engajado no seu trabalho, enriquecer e variar as tarefas. Essas novas racionalizações das organizações de trabalho fundamentavam-se na concepção de que a produtividade de uma pessoa é função de sua satisfação e de que esta decorre de fatores intrínsecos ao trabalho.

Em seguida, experiências de organização do trabalho em grupo surgiram como um avanço, imprimindo uma dimensão coletiva do trabalho, diferentemente do enriquecimento de tarefas que focalizava apenas o indivíduo. O trabalho em grupo, embora ainda seja definido a partir do conteúdo do trabalho, já possibilita ao grupo uma relativa autonomia para se estruturar e utilizar recursos na realização de determinada tarefa.

Nesse momento, as inovações foram o alargamento das tarefas, o enriquecimento dos cargos e a rotações dos postos de trabalho, que alimentaram a concepção de uma Escola das Relações Humanas, em busca sempre de diminuir a resistência dos trabalhadores, visando então a uma maior racionalização do trabalho.

É a partir da sociotécnica que o foco no conteúdo do trabalho muda para o dos papéis ocupacionais, imprimindo a ideia de sentido e de finalidade na organização do trabalho. A sociotécnica compreende o trabalho intrinsecamente relacionado às forças ambientais que nele operam, isto é, a organização é afetada pelo que se passa na sociedade. Trata-se de um novo paradigma do trabalho que envolve princípios como:

a) O sistema de trabalho, compreendendo um conjunto de atividades componentes de um todo funcional, passa a ser a unidade básica, em lugar das tarefas singulares.

b) O trabalho de grupo torna-se central, em lugar do trabalho individual.

c) A regulação interna do trabalho pelo grupo, em lugar da regulação externa de indivíduos por supervisores.

d) A organização do trabalho contribuindo para o desenvolvimento de habilidades múltiplas do indivíduo e aumento das responsabilidades do grupo, tendo como princípio a variedade de funções, em lugar da variedade de partes.

e) A constante negociação do trabalho, que leva à sua reorganização e redefinição, possibilitando aos trabalhadores se autogerirem e alcançarem maior autonomia.

É certamente a autonomia no trabalho a característica que mais radicalmente se opõe à organização taylorista do trabalho. Por outro lado, a abertura a grupos semiautônomos e as dificuldades de se obter acordo entre as partes – trabalhadores e empregadores – movem a organização do trabalho para nova transformação.

Em organizações que se pautam pela sociotécnica, em que há alto grau de autonomia, muda radicalmente o conteúdo do trabalho, que é mais abstrato e não possibilita a separação entre concepção e execução. Nelas, boa parte do trabalho não é vista, como também não é vista a matéria se transformando.

São organizações que se caracterizam pela variabilidade, antecipação aos disfuncionamentos e dimensão coletiva. Trata-se de organizações com instalações técnicas complexas, em que a produção acontece o tempo todo, independentemente dos tempos individuais, o que obriga o estabelecimento de equipes trabalhando em turnos.

Nas empresas que aplicam a sociotécnica, o cronômetro e a produção em série passam a ser utilizados tendo em vista a flexibilização da produção. Novos padrões de produtividade e novas formas de adequação da produção à lógica do mercado são aplicadas.

Além das dificuldades técnicas e sociais postas pelo trabalho em cadeia, a crise econômica e a intensa competição entre as empresas põem em cena outro fator, além da quantidade de produção: a qualidade dos produtos e dos serviços prestados. E isso num contexto de produção de massa para um consumo cada vez maior e mais exigente. Na verdade, o objetivo não é exatamente a qualidade melhorada: o imperativo, agora, é a rapidez com que se consegue modificar a natureza dos produtos e, portanto, suas características.

É preciso produzir simultaneamente ou sucessivamente para se manter no mercado. Para esse fim, a automatização fordista é pesada e rígida, conformada por uma produção estável. Trata-se de recorrer a meios de produção rapidamente adaptáveis às situações variadas. Esse é o sentido das organizações flexíveis de produção, elaboradas para responder à crise econômica. Contraditoriamente, elas acabam concorrendo para o agravamento da crise de emprego.

A inovação nesse tipo de organização reside na combinação adequada de meios antigos: de técnicas, de organização e de mão de obra flexíveis. E, para além das técnicas, a tecnologia define um princípio geral aplicável a processos de fabricação diferentes, constitutivo da organização flexível.

A expressão novas tecnologias designa correntemente as formas recentes de informática, o computador, a calculadora e todas as aplicações recentes da micro-eletrônica. O computador se apresenta como uma ferramenta versátil, uma máquina universal, capaz de tratar não importa que sequência de informações.

Como essa tecnologia se combina com outras, em particular com os meios de comunicação a distância, tele-

fone, televisão, qualquer programa pode facilmente ser transferido de uma unidade de produção para outra. Ainda, as funções desempenhadas pelo computador podem ser associadas a outros dispositivos técnicos, comandados ou controlados por outras máquinas. Isso permite também automatizar algumas funções e modular as performances das máquinas. Não é apenas o tempo que é incorporado nas instalações automáticas, mas também os procedimentos.

Contemporaneamente, todas essas formas de organização do trabalho podem estar presentes em função dos diferentes sistemas produtivos – produção em massa, produção de pequenas ou médias séries e indústrias de processos. O ateliê tradicional do artesão, substituído pelo taylorismo e pela esteira fordista, pode tirar partido da automação flexível. Essa possibilidade articula a polivalência e a subcontratação de acordo com a fórmula provada nos automatismos de processamentos. Essa mesma fórmula contribui para estender a mobilidade dos salários sobre os mercados de trabalho ao mesmo tempo que reconfigura desigualmente a mão de obra.

A necessidade da organização do trabalho resulta da luta pela sobrevivência, em que se condena a duração excessiva do trabalho, da luta pela saúde do corpo, que denuncia as precárias condições de trabalho e do sofrimento mental que leva o trabalhador a querer “mudar a vida” a querer ter qualidade de vida, ter qualidade de trabalho.

Nos dias de hoje, destacam-se como princípios fundamentais da organização do trabalho a otimização do trabalho de grupo; o modo de produção integrado e a informatização. Esses princípios norteiam os objetivos de alcançar maior lucro e competitividade no mercado, através do aumento da produtividade física, da garantia da qualidade do produto, da introdução da flexibilidade da produção e da constante introdução de inovações nos processos de produção seja de bens seja de serviços.

Isso tudo sem descuidar da adequação ambiental, da implantação de uma cadeia logística integrada, que garanta uma rede confiável que integre fornecedores e distribuidores capazes de garantir o aceite do produto em qualquer parte do mundo, o que acarreta maior complexidade nas relações com o Estado, com a sociedade e com os agentes sociais de fora das empresas.

Todas essas mudanças provocam outras formas de organizar o trabalho, que têm repercussão direta nas relações de trabalho: novas modalidades de contratos de trabalho, estímulo à criação de cooperativas, ao desenvolvimento da economia solidária, além da preservação de uma imagem politicamente correta do ponto de vista das relações humanas e ambientais.

Todas essas exigências de qualidade total como resultado do trabalho não necessariamente combinam com o ritmo, limites humanos e os anseios de uma plena cidadania pelos trabalhadores.

Atualmente avançamos para o mundo da comunicação, tecnologia, automação, novas formas de organização da produção e do trabalho. E dos trabalhadores exigem-se polivalência, flexibilidade, competência para criar, decidir, agir. É preciso dominar os códigos da linguagem, ler, escrever, contar, ter diploma, ter competências. O país se moderniza, indústrias e empresas se incorporam ao mercado mundial, mas a grande maioria dos trabalhadores está no mercado informal ou em situação de precarização.

**Texto retirado do PRODUTO 1 Formação Técnica Geral do Projovem Adolescente – Serviço Socioeducativo, MDS, 2006, consultora Renata Gérard Bondim.*

Texto de apoio 2:**O senso comum e a ciência**

(ALVES, 2000, p. 13-28,)

(...) Ela é uma dona de casa. Pega o dinheiro e vai à feira. Não se formou em coisa alguma. Quando tem de preencher formulários, diante da informação “profissão” ela coloca “prendas domésticas” ou “do lar”. Uma pessoa comum como milhares de outras. Vamos pensar em como ela funciona, lá na feira, de barraca em barraca. Seu senso comum trabalha com problemas econômicos: como adequar os recursos que dispõe, em dinheiro, às necessidades de sua família, em comida. E para isso ela tem que processar uma série de informações. Os alimentos oferecidos são classificados em indispensáveis, desejáveis e supérfluos. Os preços são comparados. A estação dos produtos é verificada: produtos fora da estação são mais caros. Seu senso econômico, por sua vez, está acoplado a outras ciências. Ciências humanas, por exemplo, (...) ela sabe o valor simbólico dos alimentos. Uma refeição é uma dádiva da dona de casa, um presente. Com a refeição ela diz algo. Oferecer chouriço para um marido de religião adventista, ou feijoada para a sogra que tem úlceras, é romper claramente com a política de coexistência pacífica. A escolha de alimento, assim, não é regulada apenas por fatores econômicos, mas por fatores simbólicos, sociais e políticos. Além disto, a economia e a política devem fazer lugar para o estético: o gostoso, o cheiroso, o bonito. E para o dietético. Assim, ela junta o bom para comprar, com o bom para dar, com o bom para ver, cheirar e comer, com o bom para viver. É senso comum? É. A dona de casa não trabalha com aqueles instrumentos que a ciência definiu como científicos. É comportamento ingênuo, simplista, pouco inteligente? De forma alguma. Sem o saber, ela se comporta como uma pianista, em oposição ao especialista em trinados. (...)

O que é senso comum?

Prefiro não definir. Talvez simplesmente dizer que senso comum é aquilo que não é ciência e isto inclui todas as receitas para o dia a dia, bem como os ideais e esperanças que constituem a capa do livro de receitas.

E a ciência? Não é uma forma de conhecimento diferente do senso comum. Não é um novo órgão. Apenas uma especialização de certos órgãos e um controle disciplinado do seu uso.

(...)

O senso comum e a ciência são expressões da mesma necessidade básica, a necessidade de compreender o mundo, a fim de viver melhor e sobreviver. E para aqueles que teriam a tendência de achar que o senso comum é inferior à ciência, eu só gostaria de lembrar que, por dezenas de milhares de anos, os homens sobreviveram sem coisa alguma que se assemelhasse à nossa ciência. A ciência, curiosamente, depois de certos quatro séculos, desde que ela surgiu com seus fundadores, está colocando sérias ameaças à nossa sobrevivência.

Como funciona o senso comum?

Se a gente compreender o senso comum poderá entender a ciência com mais facilidade. E nada melhor para se entender o senso comum que brincar com alguns problemas.

Você está guiando um automóvel e repentinamente ele pára. Em último caso você terá que chamar um mecânico. Mas o que nos interessa é saber como funcionaria o senso comum. O que é que você faria com as mãos e com o cérebro? A que pensamentos orientariam as suas mãos?

(...)

Se uma pessoa não sabe coisa alguma, só lhe resta chorar e esperar que alguém para ajudá-la. Confesso, entretanto, que não conheço tal pessoa. Qualquer um terá a ideia de abrir a tampa do motor, ver se há algum fio solto, dar algumas batidinhas nas peças. Este comportamento revela muita coisa. A pessoa sabe que o motor funciona porque há canos por onde circula a gasolina, canos que podem ficar entupidos. Caso contrário suas batidinhas não teriam razão de ser. Ela sabe também que a eletricidade tem de fluir, que isto não ocorre quando fios estão desligados ou arrebitados. Esta pessoa age da forma como age, porque dispõe de um modelo do motor, muito embora extremamente rudimentar e impreciso. E o seu modelo é formado por canos por onde a gasolina deve fluir e que ficam eventualmente entupidos, e os fios por onde a eletricidade deve passar e que são acidentalmente desligados. Assim, quando ela busca fios soltos e dá suas batidinhas no motor, ela está agindo de forma inteligente, a partir do modelo de que dispõe.

(...)

Note algo muito curioso. É o defeito que faz a gente pensar. Se o carro não tivesse parado, você teria continuado sua viagem calmamente, ouvindo música, sem sequer pensar que automóveis tem motores. O que não é problemático não é pensado. Você nem sabe que tem fígado até o momento em que ele funciona mal. Você nem sabe que tem coração até que ele dá umas batidas diferentes. Você nem toma consciência do sapato, até que uma pedrinha entra lá dentro. Quando está escrevendo, você se esquece da ponta do lápis até que ela quebre. Você não sabe que tem olhos – o que significa que eles vão muito bem. Você toma consciência dos olhos quando eles começam a funcionar mal. Da mesma forma que você não toma consciência do ar que respira, até que ele começa a feder... Fernando Pessoa diz que “pensamento é doença dos olhos”. É verdade, mas nem toda. O mais certo seria “pensamento é doença do corpo”. A gente pensa porque as coisas não vão bem – alguma coisa incomoda. Quando tudo vai bem, a gente não pensa, mas simplesmente goza e usufrui...

Todo pensamento começa com um problema.

Quem não é capaz de perceber e formular um problema com clareza não pode fazer ciência.

(...)

Você sabe que o automóvel, tal como foi planejado, é uma máquina ideal que funciona perfeitamente. Antes de ser transformada em peças, engrenagens, tubos, parafusos, ela foi construída idealmente, na imaginação, por pessoas que foram capazes de simular o real. Esta é a grande função e o poder mágico do pensamento: ele pode simular o real, antes que as coisas aconteçam. Acontece que neste modelo ideal de automóveis não há defeitos. Os defeitos aparecem quando a máquina real se desvia do plano ideal. Ora, o seu problema é fazer com que o carro ande novamente, isto é, fazer com que ele funcione conforme foi idealmente planejado. Isso significa que você só pode resolver o seu problema se for capaz de reconstruir, idealmente, o plano da máquina. A partir deste modelo você poderá inspecionar, mentalmente, os possíveis defeitos no funcionamento do auto.

Vamos construir um modelo muito simplificado. Você sabe que o motor funciona em decorrência de uma explosão numa câmara fechada. Esta explosão depende de pelo menos dois fatores: combustível e eletricidade. A ex-

ploração produz pressão. A pressão faz o carro andar. Você já sabe então: sem gasolina, motor parado; sem eletricidade, motor parado. Você já tem aí dois circuitos a serem explorados.

No circuito 1, a gasolina deve sair do tanque e chegar até a câmara onde se dá a explosão e, em virtude da faísca elétrica.

No circuito 2, a eletricidade deve ir da bateria até a mesma câmara onde se dá a explosão.

O modelo de motor lhe permite fazer três hipóteses:

Hipótese 1: falta gasolina.

Hipótese 2: falta eletricidade.

Hipótese 3: falta gasolina e eletricidade

Em qualquer um destes casos o carro para. Agora você vai fazer aquilo que os cientistas chamam de pesquisa: testar as suas hipóteses, isto é, verificar, na prática, quais das suas construções mentais do seu defeito é verdadeira.

Como é que você procedeu?

Em primeiro lugar você tomou consciência do problema. Começou a pensar.

Em segundo lugar construiu um modelo ideal da máquina.

Em terceiro lugar você elaborou hipóteses sobre o defeito. Hipóteses são simulações ideais das possíveis causas do enguiço do motor.

Finalmente você testou as suas hipóteses. Por meio deste procedimento você descobrirá quem é o criminoso, qual a causa do defeito.

Este é o caminho que normalmente seguimos na ciência. É assim que procede um médico, ao tentar fazer um diagnóstico. O sintoma (sentido pelo paciente ou detectado pelo exame) é o enguiço a ser corrigido, o crime a ser desvendado. Mas o médico nada poderá fazer se não tiver, na cabeça, um plano ideal de como funciona o organismo. Antigamente, quando uma pessoa sentia uma dor de barriga muito forte, a primeira coisa que se fazia era dar um purgante bem forte. Que modelo do intestino se encontra por detrás desta prática? Intestino = tubulação. Tubulações podem ficar entupidas. Conclusão: antes de mais nada é necessário nos certificar de que toda a canalização está desobstruída.

(...)

b) Pegue a sua carteira de identidade. Qual é o seu número? Existe nele algo que lhe chame atenção? Imaginemos que ele é 6.872.451. Um número como milhares de outros. Mas e se ele for 5.000.000? Por que você se surpreende agora? Na verdade, em termos de loteria, o primeiro número é menos provável que o segundo (da mesma forma que, probabilisticamente, é mais fácil ganhar na Loteria Federal que na Loteca).

Você compraria um bilhete de loteria com o número 20.000? E 23.479? Seria muito estranho se o diretor de uma exposição dissesse: “Vamos dar um automóvel ao visitante número 937.421”. Mas acharíamos natural que ele dissesse: “Vamos dar um automóvel ao visitante número 500.000”. Por quê?

Você vai viajando de trem e no jardim da estação vê pedras cuidadosamente arrumadas de modo a formar a palavra “Bem-vindo”. Você poderá se propor o seguinte problema: “Que probabilidade existe de que as pedras tenham tomado aquela forma por puro acaso?” Se, ao contrário, as mesmas pedras estivessem jogadas desordenadamente no terreno, você se proporia o mesmo problema? Por que não? As probabilidades, nos dois casos não são iguais? Em todos esses exemplos o que é aquilo que cria o problema? (...)

Que é que chamou sua atenção?

Não terá sido a presença da ordem, em meio a milhares de outras possibilidades de desordem?

A ordem sempre fascinou os homens. Por que será que as estações se sucedem sempre numa mesma ordem e regularidade constante? Por que é que as estrelas giram permanentemente?

Por que é que certas árvores migram em momentos precisos? Por que é que determinadas causas produzem sempre efeitos determinados e previsíveis?

A ordem permite que se faça previsões. (...) A agricultura, a pesca, a navegação, as várias formas de artesanato, desenvolveram-se na medida em que os homens descobriram que existe ordem na natureza. Sementes, estações, peixes e bichos, ventos e materiais se comportarão amanhã da forma como se comportaram ontem. Este espanto perante a ordem é a primeira inspiração da ciência. Quando um cientista enuncia uma lei ou uma teoria, ele está contando como se processa a ordem, está oferecendo um modelo de ordem. Agora ele pode prever como a natureza vai se comportar no futuro. É isto que significa testar uma teoria: ver se, no futuro, ela se comporta da forma como o modelo previu.

O quebra-cabeça.

c) Imaginemos um experimento. Coloque à sua frente um monte de peças de um quebra-cabeça. Sua tarefa: armá-lo. Mas há um pequeno problema: não lhe dou o modelo. Como é que você procederia para realizar a tarefa?

Frequentemente, alunos respondem que irão encaixar as peças umas nas outras até dar certo. Mas não é verdade. Ninguém procede assim. Isto pode funcionar se o quebra-cabeça tiver dez peças. Mas, e se tiver mil? Tal procedimento violenta tanto o senso comum como a ciência. Ele não faz uso de um modelo. Como procedemos? Partimos de um pressuposto: deve haver uma ordem no quebra-cabeça. Ele deve formar um padrão conhecido: paisagem, mapa, texto, rosto. Basta dar uma olhadela nas peças para você ter uma hipótese (palpite) acerca do modelo. Letras: texto. Uma boa técnica aqui será separar as peças com letras maiúsculas. Elas indicam inícios. Cores variadas? Talvez uma paisagem. E numa paisagem as cores não aparecem embaralhadas. Os verdes estão juntos (pastagens, árvores). Também azuis (céu e mar). Em qualquer dos casos, você separará as peças pelos lados retos. Elas formam os limites do quebra-cabeça e indicarão onde as outras deverão se encaixar.

Procedemos de forma ordenada porque pressupomos que haja ordem.

Sem ordem não há problema a ser resolvido. Porque o problema é exatamente construir uma ordem ainda invisível de uma desordem visível e imediata. (...)

Ninguém lhe disse que há ordem. Você pressupõe isso. Sem tal pressuposto não se começa coisa alguma. E mais, você tem de pressupor que é capaz de descobrir a ordem. Só nos entregamos a problemas que julgamos poder resolver com os recursos de que dispomos.

Texto de apoio 3:

Técnica, tecnologia e ciência*(VARGAS, 1999)*

A Técnica é tão antiga quanto a humanidade. Há mesmo a ideia, entre antropólogos, de que o que distinguiria os restos fossilizados de um homem dos de um hominídeo seria a presença, junto ao primeiro, de instrumentos por ele fabricados. Por mais primitiva que seja a sociedade sempre há Técnica, por mais simples que esta seja. Ortega y Gasset chama a esse estágio primitivo da Técnica de “técnica do acaso”. Nesse estágio, a fabricação dos instrumentos não se diferenciava muito dos seus atos naturais. Assim sendo, os atos técnicos não seriam privativos de certos. Indivíduos mais aptos, mas igualmente efetuados por todos de uma mesma comunidade. Contudo, deve-se acrescentar que o pensamento humano é simbólico; ou seja, sempre interpõe entre os objetos percebidos e a mente um símbolo, dos quais os mais imediatos são as palavras da linguagem. Essas têm a propriedade de se conotarem entre si, no sentido de sugerirem ao homem um progresso nos seus conhecimentos. Entre pedra lascada e cortar há, por exemplo, uma conotação que permite a melhoria do instrumento; isto é, poli-lo para cortar melhor. Assim, uma vez obtido, por acaso, um instrumento, instala-se – a princípio muito lentamente – um processo de desenvolvimento técnico. Foi isso que permitiu a Ortega y Gasset conceber um segundo estágio da Técnica, que ele chama de “técnica do artesanato”, em que os atos técnicos são ensinados de geração a geração, incluindo a invenção e o aperfeiçoamento dos instrumentos. É nesse estágio que aparecem certos homens dotados de maior habilidade, que se encarregam das funções técnicas, dedicando a elas a sua vida. São os artesãos, com mestres e aprendizes. O aprendizado progride até o ponto de se escreverem tratados para o ensino das técnicas às gerações futuras.

Com o advento da ciência moderna, no século XVII, abriu-se a possibilidade da aplicação de conhecimentos científicos para resolver problemas técnicos. É o caso da máquina a vapor e, mais especificamente, do gerador e do motor elétrico. Surge, então, um terceiro estágio da técnica, ao qual Ortega y Gasset dá o nome de “técnica dos técnicos”. Nela é que se dá o trânsito da mera ferramenta do artesão para a máquina que atua por si mesmo. O homem passa a ser um auxiliar da máquina, como operário. Mas surge também aquele que sabe projetar, construir e conservar as máquinas: o engenheiro, cujos métodos de ação são muito próximos dos métodos dos cientistas. Ele analisa o problema a ser resolvido, dividindo-o em partes, e o resolve a partir da parte mais simples, testando os resultados parciais e concatenando-os em séries de causas e efeitos. Ortega não viu, entretanto, que, em seu próprio tempo, já vinha surgindo uma radicalmente nova etapa de desenvolvimento técnico: a Tecnologia. Não se tratava mais de aplicar conhecimentos científicos para construir uma determinada obra ou fabricar um determinado produto, como o fazem a engenharia, a arquitetura, a indústria ou a agropecuária, mas, sim, de resolver problemas técnicos de uma forma generalizada, como faz a Ciência, com suas teorias. Pode-se dizer, por exemplo, que o surgimento de uma tal atividade tecnológica deu-se com as pesquisas de Edison, em seu laboratório de Menlo Park, para obter um metal que servisse para os filamentos de lâmpadas elétricas, ou seja, que pudesse encandecer-se e emitir luz, sem, porém, fundir-se. Um outro exemplo é a descoberta das válvulas termoiônicas por John Ambrose Fleming, físico inglês, e Lee e De Forest, PhD pela Universidade de Yale, para serem usadas na transmissão e recepção radiofônica. Assim, a pesquisa de propriedades de materiais e o desenvolvimento da eletrônica estão na origem da atual etapa da técnica: a Tecnologia. Não há Tecnologia se não houver pesquisa tecnológica. E essa é muito semelhante à pesquisa científica.

Texto de apoio 4:

Solidariedade x competição na economia*(SINGER, 2002)*

O capitalismo se tornou dominante há tanto tempo que tendemos a tomá-lo como normal ou natural. O que significa que a economia de mercado deve ser competitiva em todos os sentidos: cada produto deve ser vendido em numerosos locais, cada emprego deve ser disputado por numerosos pretendentes, cada vaga na universidade deve ser disputada por numerosos vestibulandos, e assim por diante. A competição é boa de dois pontos de vista: ela permite a todos nós consumidores escolher o que mais nos satisfaz pelo menor preço; e ela faz com que o melhor vença, uma vez que as empresas que mais vendem são as que mais lucram e mais crescem, ao passo que as que menos vendem dão prejuízo e, se não conseguirem mais clientes, acabarão por fechar. Os que melhor atendem os consumidores são os ganhadores, os que não conseguem são os perdedores.

Não obstante as virtudes, a competição na economia tem sido criticada por causa de seus efeitos sociais. A apologia da competição chama a atenção apenas para os vencedores, a sina dos perdedores fica na penumbra. O que acontece com os empresários e empregados de uma empresa que quebra? E com os pretendentes que não conseguem emprego? Ou com os vestibulandos que não entram na universidade? Em tese, devem continuar tentando competir, para ver se se saem melhor da próxima vez. Mas na economia capitalista, os ganhadores acumulam vantagens e os perdedores acumulam desvantagens nas competições futuras. Empresários falidos não têm mais capital próprio, e os bancos lhes negam crédito exatamente porque já fracassaram uma vez. Pretendentes a emprego que ficam muito tempo desempregados têm menos chance de serem aceitos, assim como os que são mais idosos. Os reprovados em vestibular precisariam se preparar melhor, mas, como já gastaram seu dinheiro fazendo cursinho, a probabilidade de que o consigam é cada vez menor.

Tudo isso explica por que o capitalismo produz desigualdade crescente, verdadeira polarização dos ganhadores e perdedores. Enquanto os primeiros acumulam capital, galgam posições e avançam nas carreiras, os últimos acumulam dívidas pelas quais devem pagar juros cada vez maiores, são despedidos ou ficam desempregados até que se tornam inempregáveis, o que significa que as derrotas os marcaram tanto que ninguém mais quer empregá-los. Vantagens e desvantagens são legadas de pais para filhos e para netos. Os descendentes dos que acumulam capital ou prestígio profissional, artístico etc. entram na competição econômica com nítida vantagem em relação aos descendentes dos que se arruinaram, empobreceram e foram socialmente excluídos. O que acaba produzindo sociedades profundamente desiguais.

Para que tivéssemos uma sociedade em que predominasse a igualdade entre todos os seus membros, seria preciso que a economia fosse solidária em vez de competitiva. Isso significa que os participantes na atividade econômica deveriam cooperar entre si em vez de competir. O que está de acordo com a divisão do trabalho entre empresas e dentro das empresas. Cada um desempenha uma atividade especializada da qual resulta em um produto que só tem utilidade quando complementado por produtos de outras atividades. O médico só consegue curar o paciente com a ajuda de remédios fornecidos pelas farmácias e pelos serviços prestados por hospitais, ambulâncias, laboratórios etc.

(...)

A solidariedade na economia só pode se realizar se ela for organizada igualitariamente pelos que se associam para produzir, comerciar, consumir ou poupar. A chave dessa proposta é a associação entre iguais em vez do contrato entre desiguais. Na cooperativa de produção, protótipo de empresa solidária, todos os sócios têm a mesma parcela do capital e, por decorrência, o mesmo direito de voto em todas as decisões. Este é o princípio básico. Se a cooperativa precisa de diretores, estes são eleitos por todos os sócios e são responsáveis perante eles. Ninguém manda em ninguém. E não há competição entre os sócios: se a cooperativa progredir, acumular capital, todos ganham por igual. Se ela for mal, acumular dívidas, todos participam por igual nos prejuízos e nos esforços para saldar os débitos assumidos.

(...)

O que importa entender é que a desigualdade não é natural, e a competição generalizada tampouco o é. Elas resultam na forma como se organizam as atividades econômicas, que se denomina modo de produção. O capitalismo é um modo de produção cujos princípios são o direito de propriedade individual aplicado ao capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios divide a sociedade em duas classes básicas: a classe proprietária ou possuidora do capital e a classe que (por não dispor do capital) ganha vida mediante a venda de sua força de trabalho à outra classe. O resultado natural é a competição e a desigualdade.

A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual. A aplicação desses princípios une todos os que produzem numa única classe de trabalhadores que são possuidores de capital por igual em cada cooperativa ou sociedade econômica. O resultado natural é a solidariedade e a igualdade, cuja reprodução, no entanto, exige mecanismos estatais de redistribuição solidária da renda. Em outras palavras, mesmo que toda atividade econômica fosse organizada em empreendimentos solidários, sempre haveria necessidade de um poder público com a missão de captar parte dos ganhos acima do considerado socialmente necessário para redistribuir essa receita entre os que ganham abaixo do mínimo considerado indispensável. Uma alternativa frequentemente aventada para cumprir essa função é a renda cidadã, uma renda básica igual, entregue a todo e qualquer cidadão pelo Estado, que levantaria o fundo para esta renda mediante um imposto de renda progressivo.

ANEXO IV – LETRAS DE MÚSICAS SOBRE TRABALHO

Tenha Pena de Mim

(Sousa / Babahú)

Ai, ai meu Deus,
Tenha pena de mim!
Todos vivem muito bem,
Só eu que vivo assim,
Trabalho não tenho nada,
Não saio do miserê,
Ai, ai meu Deus,
Isso é pra lá de sofrer!

Ai, ai meu Deus...
Sem nunca ter,
Nem conhecer felicidade,
Sem um afeto,
Um carinho ou amizade,
Eu vivo tão tristonha,
Fingindo-me contente,
Tenho feito força,
Pra viver honestamente.
Ai, ai meu Deus.....

Vai Trabalhar Vagabundo

(Chico Buaque)

Vai trabalhar, vagabundo,
Vai trabalhar, criatura,
Deus permite a todo mundo,
Um loucura,
Passa o domingo em família,
Segunda-feira beleza,
Embarca com alegria,
Na correnteza.

Prepara o teu documento,
Carimba o teu coração,
Não perde nem um momento,
Perde a razão,
Pode esquecer a mulata,
Pode esquecer o bilhar,
Pode apertar a gravata.

Vai te enforcar,
Vai te entregar,
Vai te estragar,
Vai trabalhar.

Vê se não dorme no ponto,
Reúne as economias,
Perde os três contos no conto,
Da loteria,
Passa o domingo no mangue,
Segunda-feira vazia,
Ganha no banco de sangue,
Pra mais um dia,
Cuidado com o viaduto,
Cuidado com o avião,
Não perde mais um minuto,
Perde a questão,
Tenta pensar no futuro,
No escuro tenta pensar,
Vai renovar teu seguro.

Vai caducar,
Vai te entregar,
Vai te estragar,
Vai trabalhar.

Passa o domingo sozinho,
Segunda-feira a desgraça,
Sem pai nem mãe, sem vizinho,
Em plena praça,
Vai terminar moribundo,
Com um pouco de paciência,
No fim da fila do fundo,
Da previdência,
Parte tranquilo, ó irmão,
Descansa na paz de Deus,
Deixaste casa e pensão,
Só para os teus,
A criança chorando,
Tua mulher vai suar,
Pra botar outro malandro.

No teu lugar,
Vai te entregar,
Vai te estragar,
Vai te enforcar,
Vai caducar.

Vai trabalhar,
Vai trabalhar,
Vai trabalhar,
Vagabundo....

Samba do operário

(Cartola e Alfredo Portuguese)

Se o operário soubesse
Reconhecer o valor que têm seus dias
Por certo que valeria
Duas vezes mais o seu salário

Mas como não quer reconhecer
É ele escravo sem ser
De qualquer usurário

Abafa-se a voz do oprimido
Com a dor e o gemido
Não se pode desabafar
Trabalho feito por minha mão
Só encontrei exploração
Em todo lugar

Se o operário soubesse
Reconhecer o valor que têm seus dias
Por certo que valeria
Duas vezes mais o seu salário

Mas como não quer reconhecer
É ele escravo sem ser
De qualquer usurário

É (Gonzaguinha)

É, a gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer nosso humor
A gente quer do bom e do melhor
A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É, a gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está com
A bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

É, a gente quer viver pleno direito
A gente quer é ter todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
É, é, é, é, é, é, é, é

É, a gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
A gente quer valer nosso humor
A gente quer do bom e do melhor
A gente quer carinho e atenção
A gente quer calor no coração
A gente quer suar mas de prazer
A gente quer é ter muita saúde
A gente quer viver a liberdade
A gente quer viver felicidade

É, a gente não tem cara de panaca
A gente não tem jeito de babaca
A gente não está com
A bunda exposta na janela
Pra passar a mão nela

É, a gente quer viver pleno direito
A gente quer é ter todo respeito
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão
A gente quer viver uma nação
A gente quer é ser um cidadão

**Capitão de indústria
(Paralamas do Sucesso)**

Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais

Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer

É quando eu me encontro perdido
Nas coisas que eu criei
E eu não sei

Eu não vejo além de fumaça
O amor e as coisas livres, coloridas
Nada poluídas

Ah, Eu acordo pr'á trabalhar
Eu durmo p'rá trabalhar
Eu corro pr'á trabalhar

**Construção / Deus lhe pague
(Chico Buarque)**

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único
E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única

E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir,
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça e a desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes pingentes que a gente tem que cair,
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir,
Deus lhe pague

Canção do Sal (Milton Nascimento)

Trabalhando o sal é amor é o suor que me sai
Vou viver cantando o dia tão quente que faz
Homem ver criança buscando conchinhas
no mar
Trabalho o dia inteiro pra vida de gente levar

Água vira sal lá na salina
Quem diminuiu água do mar
Água enfrenta sol lá na salina
Sol que vai queimando até queimar

Trabalhando o sal pra ver a mulher se vestir
E ao chegar em casa encontrar a família
sorrir
Filho vir da escola problema maior é o de
estudar
Que é pra não ter meu trabalho e vida de
gente levar

Fábrica (Renato Russo)

Nosso dia vai chegar
Teremos nossa vez
Não é pedir demais:
Quero justiça
Quero trabalhar em paz
Não é muito o que lhe peço
Eu quero um trabalho honesto
Em vez de escravidão

Deve haver algum lugar
Onde o mais forte não
Consegue escravizar
Que não tem chance

De onde vem a indiferença
Temperada a ferro e fogo?
Quem guarda os portões da fábrica?

O céu já foi azul, mas agora é cinza
O que era verde aqui já não existe mais
Quem me dera acreditar
Que não acontece nada
De tanto brincar com fogo
Que venha o fogo então
Esse ar deixou minha vista cansada
Nada demais

Comida

(Arnaldo Antunes / Marcelo Fromer /
Sérgio Britto)

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comida,
A gente quer comida, diversão e arte.
A gente não quer só comida,
A gente quer saída para qualquer parte.
A gente não quer só comida,
A gente quer bebida, diversão, balé.
A gente não quer só comida,
A gente quer a vida como a vida quer.

Bebida é água.
Comida é pasto.
Você tem sede de quê?
Você tem fome de quê?
A gente não quer só comer,
A gente quer comer e quer fazer amor.
A gente não quer só comer,
A gente quer prazer pra aliviar a dor.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer dinheiro e felicidade.
A gente não quer só dinheiro,
A gente quer inteiro e não pela metade.

ANEXO V – IMAGENS



Imagem 1: Operários de Tarsila do Amaral



Imagem 3: Retirantes, de Cândido Portinari



Imagem 2: Trabalhadores, Serra Pelada, Brasil 1986. Sebastião Salgado



Imagem 4: Fotografia de um jovem aprendiz do Observatório de Favelas do Complexo da Maré – Rio de Janeiro/RJ



Imagem 6: Trabalho Infantil : Região de Chimborazo, Equador, 1998. Sebastião Salgado

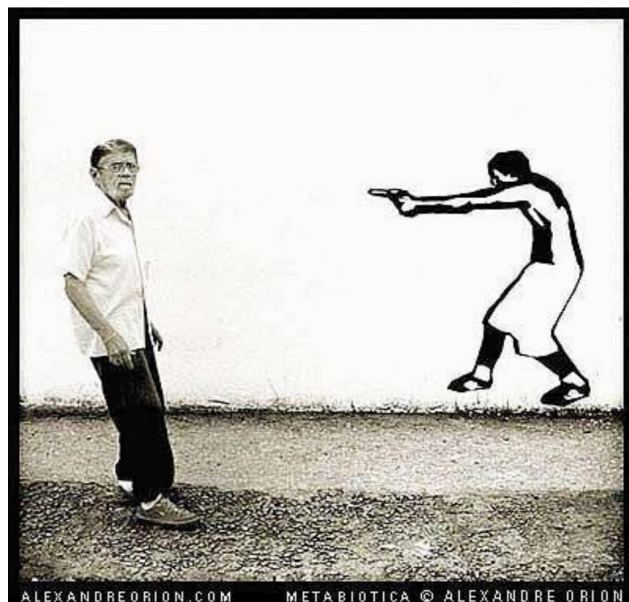


Imagem 5: Grafite representando problemática social



Imagem 7: Charge sobre a história da técnica

5. BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, M. C. B. **Famílias e políticas Públicas**. In: ACOSTA, A. R; VITALE, M. A. F. (Orgs). *Família: Redes, Laços e Políticas Públicas*. São Paulo: IEE/PUCSP, 2003.

SPOSATI, A. **Proteção e desproteção social na perspectiva dos direitos socioassistenciais**. Caderno e Textos da VI Conferência Nacional de Assistência Social. Brasília: CNAS/MDSCF. Dezembro, 2007.

JUVENTUDE E CULTURA

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos: conflitos culturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 9ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

CLIFFORD, G. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

DAMATTA, R. A. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

DARIDO, S. C. **Os conteúdos da educação física escolar: influências, tendências, dificuldade e possibilidades**. In: *Perspectivas em Educação Física Escolar*. Niterói, v. 2, nº. 1 (suplemento), 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2000.

GALVÃO, Z; RODRIGUES, L. H & NETO, L. S. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Cultura corporal de movimento. Rio de Janeiro: Guanabara, 2005.

HALL, S. **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LARAIA, R. B. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

MORIN, E. **Amor, poesia e sabedoria**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2002.

Eletrônicas:

BRANDÃO, J. L. **A Tradição da Diversidade Cultural**. Seminário Diversidade Cultural Brasileira, 2004 p.5. Disponível em: http://www.cultura.gov.br/upload/Jacyntho_1110823766.pdf. Acesso em: 05 dez. 2007.

CARVALHO, A. M. A; PEDROSA, M. I. **Culture in the play group**. Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 7, n°. 1, 2002 p. 181. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413. Acesso em: 05 dez. 2007.

DAMATTA, R. A. **Você tem cultura?** In: Jornal da Embratel, Rio de Janeiro: Rocco, 1981. Disponível em: <http://www.furb.br/2005/arquivos/788660-650601/voce%20tem%20cultura.pdf>. Acesso em: 10 out. 2007.

Bibliografia recomendada:

BRANDÃO, C. R. **A cultura na rua?** Campinas: Papirus, 1989.

_____. **O que é folclore?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

ROCHA, E. **O que é etnocentrismo?** São Paulo: Brasiliense, 1984.

JUVENTUDE ESPORTE E LAZER

DECCA, E. S. E. P. **Thompson:** tempo e lazer nas sociedades modernas. In: BRUHNS, H. T. (org.) Lazer e ciências sociais: diálogos pertinentes. São Paulo: Chronos, 2002.

MARCELLINO, N. C. **Lazer, Espaço Urbano e Transversalidade**. In: CARVALHO, J. E. (Org.). Lazer no espaço urbano: transversalidade e novas tecnologias. Curitiba: Champagnat, p.71-82, 2006.

MASCARENHAS, F. **Lazer como prática de liberdade:** uma proposta educativa para a juventude. Goiânia: UFG, 2003.

_____. **Lazer e Utopia:** limites e possibilidades de ação política. Revista Movimento. Porto Alegre, vol. 11, n°. 3, p. 155-182, 2005.

MATIELLO JÚNIOR, E; GONÇALVES, A. **Entre a bricolagem e o *personal training*, ou...a relação atividade física e saúde nos limites da ética**. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, XII., 2001, Caxambu, MG. Sociedade, ciência e ética: desafios para a educação física/ciências do esporte. Anais... Caxambu, MG: DN CBCE, Secretarias Estaduais de Minas Gerais e São Paulo, 2001.

MÜLLER, A. **Espaços e Equipamentos de Lazer e Recreação e as Políticas Públicas**. In: MÜLLER, A; BURGOS, M. S. (Org.). Coletânea de Textos do Encontro Nacional de Recreação e Lazer – 14 ENAREL. 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2002.

PELLEGRIN, A. **Equipamento de Lazer**. In: GOMES, C. L. (org.). Dicionário crítico do lazer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SANTOS, M. **Pensando o Espaço do Homem**. São Paulo: Hucitec, 1986.

_____. **A natureza do espaço:** técnicas e tempo, razão e emoção. 4ª Ed. São Paulo: Edusp, 2006.

SADER, E. **O estado e democracia:** os dilemas do socialismo na virada do século. In: SADER, E; GENTILI, P.

(orgs). Pós-neoliberalismo II: que Estado para que democracia? Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, M. R. **Democratização dos espaços urbanos para o lazer na cidade de Florianópolis**. In: Motrivivência Pesquisa. Ano V – nº. 5, 6, 7. Florianópolis, 1994.

JUVENTUDE E DIREITOS

BRASIL. **Mídia e direitos humanos**. Brasília: ANDI, SEDH e Unesco, 2006.

_____. **Documento base**: I Conferência Nacional de Políticas Públicas de Juventude. Brasília: outubro, 2007.

CABRAL, E. A. (Org.). **Sistema de Garantia de Direitos**. Um caminho para a proteção integral. Recife: Cendhec, 1999.

DECOL, R. D. **Judeus no Brasil**: explorando os dados censitários. Revista Brasileira de Ciências Sociais, 16 (46), 147-160, 2001.

Eide, A; Alfredsson, G. (Eds.) *The Universal declaration of human rights: A common standard of achievement. The Hague: M Nijhoff, 1999.*

FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: USP, 2003.

IBGE. **Tipos e aspectos do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

SYMONIDES, J. (Org.). **Direitos Humanos**: novas dimensões e desafios. Brasília: Unesco, 2003.

MELATTI, J. C. **Índios do Brasil**. Brasília: Editora UnB, 1993.

OLIVEIRA, C. A. S. **A gestão da política de inclusão das pessoas portadoras de deficiência**. Brasília: Ministério da Justiça, 2001.

Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004; **Norma Operacional Básica – NOB/SUAS**. Brasília: MDS, 2005.

Eletrônicas:

BENEDEK, W. *Manual on human rights education*. Graz: European Training and Research Center for Human Rights and Democracy, 2003. Disponível em: <http://www.etc-graz.at/typo3/index.php?id=446>.

COMPASS. *A manual on human rights education with young people*. Strasbourg: Council of Europe, 2002. Disponível em: <http://eycb.coe.int/compass/en/contents.html>.

IBGE. **Brasil: 500 anos de povoamento**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/brasil500/>.

Bibliografia recomendada:

Conectas Direitos Humanos. **Guia de direitos humanos. Fontes para jornalistas**. São Paulo: Cortez Editora, 2003.

BRASIL. Constituição da República: 1988.

MILANI, F. M. **Tá combinado! Construindo um pacto de convivência na escola**. Salvador: Edições INPAZ, 2004.

JUVENTUDE E MEIO AMBIENTE

BRASIL. **Juventude, Cidadania e Meio Ambiente: subsídios para a elaboração de políticas públicas**. Brasília: MMA & MEC, 2006.

_____. **Consumo Sustentável: manual de educação**. Brasília: *Consumers International*/ MMA/ MEC/ IDEC, 2005.

BRASIL. **Agenda 21 brasileira: bases para discussão**. Brasília: MMA / PNUD, 2000.

_____. **Construindo a agenda 21 local**. Brasília: MMA, 2003.

_____. **Passo a passo para a Conferência do Meio Ambiente na Escola**. Brasília: MEC & MMA, 2005.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **O desafio ambiental**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

JUVENTUDE E SAÚDE

BALINT, M. *The Basic Fault*. Illinois: Evanston, 1996.

BRASIL. MS/SAS/DAPES. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

CARVALHO, S. **Saúde Coletiva e Promoção da Saúde: sujeito e mudança**. São Paulo: Hucitec. 2005.

JUVENTUDE E TRABALHO

ALVES, R. **Senso comum e a Ciência**. Adaptação da Central Única dos Trabalhadores, Secretaria Nacional de Formação – Programa Integração – Elevação de Escolaridade e qualificação profissional de trabalhadores. In **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2000.

BRASIL. MTE. **Classificação Brasileira de Ocupações – CBO**. Disponível em: www.mtecbo.gov.br.

_____. MTE/SPPE/DEQ. **Plano Nacional de Qualificação – PNQ: Diretrizes para 2003 a 2007**. Disponível em: www.mtecbo.gov.br.

FIDALGO, F. & MACHADO, L. **Dicionário da Educação Profissional**. Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Educação da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Aurélio. 3ª. Ed. Versão Eletrônica autorizada à Positivo

Informática Ltda, 2004.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, G. **Educação e Trabalho: bases para debater a Educação Profissional Emancipadora**. 2000.

GURGEL, R. **Tempo: rapidez ou lentidão?** In **Central Única dos Trabalhadores, Secretaria Nacional de Formação – Programa Integração – Elevação de Escolaridade e qualificação profissional de trabalhadores**. 2000.

LOPES, J. C. C. **O corpo não é uma máquina: nossa forma de ser e de estar presente no mundo**. In: **Confederação Nacional dos Metalúrgicos, Central Única dos Trabalhadores. Programa Integrar. Elevação de Escolaridade e qualificação profissional de trabalhadores**. 2000.

REZENDE, J. M. XIV Encontro Científico dos Acadêmicos de Medicina da Universidade Federal de Goiás. Goiânia: UFG, 2002.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002

VARGAS, M. **Técnica, Tecnologia e Ciência**. São Paulo: Revista FAPESP, 1999.

REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES PARA O TRABALHO COM GRUPOS:

ANDREOLA, A. B. **Dinâmica de Grupo: Jogo da vida e dinâmica do futuro**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1982.

ANTUNES, C. **Manual de Técnicas de Dinâmica de Grupo e de Sensibilização e Ludoterapia**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1995.

BOAL, A. **O Arco-Íris do Desejo: Método Boal de Teatro e Terapia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.

FRITZEN, J. S. **Relações Humanas Interpessoais: nas vivências grupais e comunitárias**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1987.

_____. **Dinâmicas de Recreação e Jogos**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1992.

GAYOTTO, M. L. (org). **Trabalho em Grupo: ferramenta para mudança**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

GUIMARÃES, R. F. **Famílias: uma experiência em grupo**. In: **Revista Serviço Social e Sociedade**, ano XXIII – nº 71 – São Paulo: Cortez Editora, 2002.

MATURANA, R. H. **Emoções e linguagem na Educação e na Política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

TORRES, Z. **Grupo: Instrumento de serviço social**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1977.

WANDERLEY, M. B; OLIVEIRA, I. I. M. C. (orgs). **Trabalho com Famílias**. São Paulo: IEE-PUC-SP, 2004.

6. ANEXO

Sugestões de Programação dos Encontros e das Oficinas do Percurso Socioeducativo I

Siglas utilizadas nas Matrizes 1 e 2, a seguir:

a) Temas transversais:

- **JC** – Juventude e Cultura.
- **JDHS** – Juventude e Direitos Humanos e Socioassistenciais.
- **JEL** – Juventude e Esporte e Lazer.
- **JMA** – Juventude e Meio Ambiente.
- **JS** – Juventude e Saúde.
- **JT** – Juventude e Trabalho

b) Ações socioeducativas:

- **ATIV** – Encontros para realização das **Atividades** de cada tema transversal, em suas Etapas.
- **DAV** – Encontro para a realização de **Dinâmica de Avaliação** das ações socioeducativas, reunindo os jovens, o Orientador Social e os Facilitadores de Oficinas.
- **DEI/DICEL** – Encontro para realização do evento de **Encerramento e de Integração** do Percurso I, incluindo **Dinâmicas Integrando Cultura, Esporte e Lazer**.
- **DICEL** – Encontros envolvendo a realização de **Dinâmicas Integrando Cultura, Esporte e Lazer** (apresentadas no item 2.5.1.)
- **DIS** – Encontro para **Dinâmica de Sistematização**, pelos jovens, de seus resultados e aquisições no Percurso I.
- **DPLA** – Encontro para a realização de **Dinâmica Planejamento** das ações socioeducativas, reunindo os jovens, o Orientador Social e os Facilitadores de Oficinas
- **DPPE** – Encontro para a realização de **Dinâmica para Planejamento e Programação do Encerramento** do Percurso.
- **DSE** – Encontros envolvendo a realização de **Dinâmicas Socioeducativas sobre a Escola**.
- **DSF** – Encontros envolvendo a realização de **Dinâmicas Socioeducativas sobre Família**.
- **OFICEL** – Oficinas para a realização de dinâmicas de integração, práticas esportivas e de alguma modalidade de expressão artístico/cultural definida pelo município.

Matriz 1: Distribuição das atividades socioeducativas em cinco (5) dias por semana.

MÊS 1					
	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Semana 01	DICEL 1	ATIV 1 Etapas 1 e 2 JDHS	ATIV 1 Etapas 3 e 4 JDHS	DPLA1	ATIV 1 Etapas 1, 2 e 3 JC
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3	OFICEL 4	OFICEL 5
Semana 02	DICEL 2	ATIV 1 JEL	ATIV 1 Etapa 5 JDHS	ATIV 2 JEL	ATIV 2 JDHS
	OFICEL 6	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9	OFICEL 10
Semana 03	DICEL 3	ATIV 3 JDHS	DPLA 2	ATIV 2, Etapa 1 JC	ATIV 2, Etapa 2 JC
	OFICEL11	OFICEL 12	OFICEL 13	OFICEL 14	OFICEL 15
Semana 04	DSE 1	ATIV 2 Etapa 1 JEL	ATIV 2 Etapa 2 JEL	ATIV 1 JMA	DSF 1
	OFICEL 16	OFICEL 17	OFICEL 18	OFICEL 19	OFICEL 20

MÊS 02

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Semana 01	DPLA 3	ATIV 1 Etapa 1 JS	ATIV 1 Etapa 2 JS	ATIV 1 Etapas 1 e 2 JT	ATIV 1 Etapa 3 JT
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3	OFICEL 4	OFICEL 5
Semana 02	ATIV 3 Etapa1 JC	ATIV 3 Etapa 1 JC	ATIV 2 Etapas 1 e 2 JT	ATIV 2 Etapa 3 JT	DSE 2
	OFICEL 6	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9	OFICEL 10
Semana 03	ATIV 4 Etapa 1 JEL	ATIV 4 Etapa 2 JEL	ATIV 2 JS	ATIV 3 JT	ATIV 4 JT
	OFICEL 11	OFICEL 12	OFICEL 13	OFICEL 14	OFICEL 15
Semana 04	ATIV 2 JMA	ATIV 2 JS	ATIV 3 JS	DSE 3	DPLA 4
	OFICEL16	OFICEL 17	OFICEL 18	OFICEL 19	OFICEL 20

MÊS 03

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA
Semana 01	DPPE 1	ATIV 4 JS	ATIV 5 Etapa1 JT	ATIV 5 Etapa 2 JT	ATIV 5 JEL
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3	OFICEL 4	OFICEL 5
Semana 02	DSF 2	ATIV 6 Etapa 1 JT	ATIV 6 Etapa 2 JT	DPPE 2	ATIV 5 Etapa 1 JS
	OFICEL 6	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9	OFICEL 10
Semana 03	DPLA 5	ATIV 6 Etapa 1 JEL	ATIV 6 Etapa 2 JEL	DSE 4	DPPE 3
	OFICEL 11	OFICEL 12	OFICEL 13	OFICEL 14	OFICEL 15
Semana 04	ATIV 5 Etapa 2 - JS	Ficha 1 do POP- JT	DIS 1	DAV 1	DEI 1
	OFICEL 16	OFICEL 17	OFICEL 18	OFICEL 19	OFICEL 20/DEI/ DICI 12

Observação: Encontros com 1h30 de duração e Oficinas com 1h de duração.

Matriz 2 – Distribuição das atividades socioeducativas em três (3) dias por semana

MÊS 01			
	SEGUNDA/TERÇA	QUARTA/QUINTA	SEXTA/SÁBADO
Semana 01	DICEL 1	ATIV 1 Etapas 1, 2, 3 e 4 JDHS	ATIV 1 Etapas 1, 2 e 3 JC
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3
Semana 02	DICEL 2 DPLA1	ATIV 1 JEL ATIV 1, Etapa 5 JDHS	ATIV 2 JEL ATIV 2 JDHS 33
	OFICEL 4	OFICEL 5	OFICEL 6
Semana 03	DICEL 3	ATIV 3 JDHS DPLA 2	ATIV 2, Etapas 1 e 2 JC
	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9
Semana 04	ATIV 1 JMA DSE 1	ATIV 3 Etapas 1 e 2 JEL	DSF 1
	OFICEL 10	OFICEL 11	OFICEL 12
MÊS 02			
	SEGUNDA/TERÇA	QUARTA/QUINTA	SEXTA/SÁBADO
Semana 01	DPLA 3	ATIV 1 Etapas 1 e 2 JS	ATIV1 Etapas 1 e 2 JT
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3
Semana 02	ATIV 3 Etapas 1 e 2 JC	ATIV 2 Etapas 1, 2 e 3 JT	DSE 2
	OFICEL 4	OFICEL 5	OFICEL 6
Semana 03	ATIV 4 Etapas 1 e 2 JEL	ATIV 2 JS	ATIV 3 e 4 JT
	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9
Semana 04	ATIV 2 JMA	ATIV 3 JS	DSE 3 DPLA 4
	OFICEL 10	OFICEL 11	OFICEL 12

MÊS 03

	SEGUNDA/TERÇA	QUARTA/QUINTA	SEXTA/SÁBADO
Semana 01	DPPE 1 ATIV 4 JS	ATIV 5 Etapas 1 e 2 JT	ATIV 5 JEL DSF 2
	OFICEL 1	OFICEL 2	OFICEL 3
Semana 02	ATIV 6 Etapa 1 e 2 JT	DPPE 2	ATIV 5 JS
	OFICEL 4	OFICEL 5	OFICEL 6
Semana 03	DPLA 5	ATIV 6 JEL	DSE 4 DPPE 3
	OFICEL 7	OFICEL 8	OFICEL 9
Semana 04	ATIV 5 Etapa 2 JS Ficha 1 POP- JT	DAV 1 DIS 1	DEI 1
	OFICEL 10	OFICEL 11	OFICEL 12

Observação: Encontros com 2h30 de duração e Oficinas com 1h30 de duração.

Todos os conteúdos apresentados nas publicações do Projovem Adolescente foram construídos em parceria com os Ministérios da Cultura, do Esporte, da Saúde, do Meio Ambiente, do Trabalho e Emprego, da Secretaria Especial dos Direitos Humanos, da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e da Secretaria Nacional de Juventude, sob a coordenação do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

0800 707 2003
www.mds.gov.br

Esplanada dos Ministérios
Bloco C • CEP 70.046-900 • Brasília • DF



**Ministério do Desenvolvimento
Social e Combate à Fome**

